

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**COMUNICAÇÃO E FACEBOOK: A PRODUÇÃO DE
CONHECIMENTO NA MÃO DO ALUNO SURDO**

ALEX REIS DOS SANTOS

SÃO CRISTÓVÃO-SE
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ALEX REIS DOS SANTOS

**COMUNICAÇÃO E FACEBOOK: A PRODUÇÃO DE
CONHECIMENTO NA MÃO DO ALUNO SURDO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de
Mestrado em Educação do Núcleo de Pós-
Graduação em Educação da Universidade Federal de
Sergipe.

Orientador: Prof. Dr. José Mário Aleluia Oliveira

SÃO CRISTÓVÃO-SE
2016

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Santos, Alex Reis dos.

S237c Comunicação e facebook: a produção de conhecimento na mão do aluno surdo / Alex Reis dos Santos; orientador José Mário Aleluia Oliveira. – São Cristóvão, 2016.

102 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2016.

1. Surdos - Educação. 2. Comunicações digitais. 3. Surdos – Meios de comunicação. 4. Integração social. I. Oliveira, José Mário Aleluia, orient. II. Título.

CDU 376:004



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO



**COMUNICAÇÃO E FACEBOOK: A PRODUÇÃO DE
CONHECIMENTO NA MÃO DO ALUNO**

APROVADO EM ____/____/____

Dissertação apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela banca.

Prof. Dr^o. José Mário Aleluia Oliveira (Orientador)

Prof^a. Dr^a. Ada Augusta Celestino Bezerra – UNIT

Prof^a. Dr^a. Simone Lucena – UFS

Prof^a. Dr^a. Rita de Cácia Santos Souza – UFS

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu amado filho Arthur Reis, aos meus pais e amigos que sempre acreditaram na minha capacidade.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Manoel e Josefa, por me concederem a vida e dedicarem todo amor e carinho de uma vida a mim, sempre acreditando na minha capacidade e competência.

Às minhas tias Cida e Maria, bem como à minha prima Elizângela, que me acolheram em suas casas e me possibilitaram o início dos meus estudos na universidade.

Ao meu orientador prof^o. Dr^o. Jose Mario Aleluia Oliveira, que dedicou seus conhecimentos e sua paciência a me instruir na minha caminhada como pesquisador.

À prof^a. Dra. Rita de Cácia Santos Souza por toda dedicação e atenção durante a minha graduação, especialização e mestrado; sem seus ensinamentos e conselhos o caminho seria ainda mais difícil.

À minha querida amiga e colega de turma do mestrado, Mônica Modesto, que em diversas situações foi o ouvido amigo e a conselheira que me acalmou durante os momentos mais complexos do mestrado, desde a seleção até a conclusão.

Ao meu amigo Jonatas Barreto que, durante os meus 10 anos em Sergipe sempre esteve ao meu lado, me apoiando e contribuindo de diversas formas para esta conquista.

Aos meus amigos que mais parecem irmãos, Rangel, Rejane, Cássia, Lene, Dinho, Ulisses, Cristiano, Heider, Maria Anália, que durante toda a minha vida se fizeram presentes nas dificuldades e nas alegrias.

Às amigas Cinthia Leão e Camila Carla, pelas parcerias firmadas durante diversos projetos.

À professora Cristiane Tavares, por me proporcionar as oportunidades de concluir a minha graduação e pós-graduação e permitindo o meu início como docente no nível superior.

RESUMO

A ação de se comunicar é uma das principais necessidades dos seres humanos, torna-se um ato de afirmação da existência; uma afirmação da capacidade cognitiva, emocional, racional e cultural. Devido às constantes transformações nos usos das tecnologias de comunicação digital, bem como, dos ambientes digitais conectados e em rede, atualmente as sociedades vivem em ação comunicacional constante. É dentro desta perspectiva que essa pesquisa se desenvolveu, tendo como objetivo principal perceber como os surdos matriculados na Universidade Federal de Sergipe – UFS, que fazem parte da rede social digital *facebook*, têm se apropriado das culturas digitais e criado táticas e estratégias para superar suas limitações em processos comunicacionais e na construção de seus conhecimentos por meio de uma rede social digital entre pessoas surdas e ouvintes. Com a perspectiva de alcançar os objetivos propostos nessa pesquisa desenvolvemos uma concepção multirreferencial, tendo como metodologia de pesquisa a etnografia e nos inspirando em Michel de Certeau e suas análises a respeito do cotidiano. De Certeau nos indica caminhos ao afirmar que é importante se interessar, no estudo das práticas cotidianas, não pelos produtos culturais disponíveis em nossa sociedade e sim pelas “maneiras de fazer” dos praticantes. Neste sentido, esta pesquisa, justifica-se fato de que buscamos compreender as possibilidades que são ofertadas ou criadas na rede digital *facebook* que permitem a esses praticantes em condições singulares de comunicação se relacionarem com outros surdos e com ouvintes usuários ou não da LIBRAS (Língua brasileira de sinais). A partir do objetivo geral o estudo mostrou que os surdos matriculados na UFS estão se apropriando das culturas digitais por uma necessidade de manter uma comunicação ativa e participativa. Os surdos pesquisados estão utilizando o *facebook* como rede de comunicação audiovisual para suas lutas políticas e de inclusão social. Suas astúcias e táticas não se limitam à comunidade surda, mas, sim, como canal de unir surdos e ouvintes em busca de reivindicações de direitos. Utilizando-se das culturas digitais como instrumento de superação das limitações comunicativas nas relações pessoais, familiares e educacionais, e também, nas suas relações com o mundo. A partir dos objetivos deste estudo, podemos ter uma compreensão mais detalhada da importância das culturas digitais e da rede social *facebook* no favorecimento da comunicação e na construção de conhecimento pelo aluno surdo. Devido às diferentes formas de expressão disponível em rede, os alunos surdos não mais estão se limitando às informações contidas em livros e apostilas propostas pelos professores, estão buscando discussões e trocas em diferentes ambientes digitais, lançando mão, não só do consumo de informações, mas também, da produção de conhecimento a partir dos seus estudos, pesquisas e debates ocorridos nos diversos ambientes digitais que estão inseridos.

Palavras chave: Acadêmico surdo. Comunicação. Culturas digitais. Conhecimento. Táticas e estratégias.

RESUMEN

Para comunicar la acción es una de las principales necesidades de los seres humanos, es un acto de afirmación de la existencia; una afirmación de la capacidad cognitiva, emocional, racional y cultural. Debido a los constantes cambios en los usos de las tecnologías de comunicación digitales, así como los entornos digitales conectadas en red y las sociedades viven actualmente en la acción constante comunicación. Es en esta perspectiva que esta investigación se ha desarrollado, con el principal objetivo de entender a la gente cómo sordos matriculados en la Universidad Federal de Sergipe - UFS, que son parte de la red social facebook digital, tienen culturas digitales apropiados y creó tácticas y estrategias para superar su limitaciones en los procesos de comunicación y la construcción de sus conocimientos a través de una red social digital entre las personas sordas y oyentes. Con la perspectiva de la consecución de los objetivos propuestos en este estudio desarrollado un diseño multi-referencial, con la etnografía metodología de investigación e inspirándonos en Michel de Certeau y sus análisis de lo cotidiano. Certeau nos muestra formas de decir que es importante tener un interés en el estudio de las prácticas cotidianas, y no por los productos culturales disponibles en nuestra sociedad, pero las "formas de hacer" a los practicantes. En este sentido, esta investigación, hecho que se justifica que tratamos de comprender las posibilidades que se ofrecen o creados en la red digital de Facebook para permitir a los practicantes en las condiciones naturales de comunicación se refieren a otros oyentes sordos y los usuarios o no libras (Idioma señales de Brasil). Del objetivo general el estudio mostró que las personas sordas inscritos en UFS se están apoderando de las culturas digitales por la necesidad de mantener una comunicación activa y participativa. Los encuestados sordos están utilizando Facebook como una red de comunicación audiovisual por sus luchas políticas y la inclusión social. Sus tácticas astutas y no se limitan a las personas sordas, sino más bien como un canal para unirse a personas sordas y oyentes de las reivindicaciones de derechos. Utilizando cultivos digitales como la superación de las limitaciones del instrumento de comunicación en las relaciones personales, familiares y la educación, y también en sus relaciones con el mundo. Dado que los objetivos de este estudio, tenemos una comprensión más detallada de la importancia de la cultura digital y la red social facebook en el fomento de la comunicación y la construcción del conocimiento por los estudiantes sordos. Debido a las diferentes formas de expresión disponible en la red, los estudiantes sordos ya no se limitan a la información contenida en los libros y los libros de texto propuestos por los profesores, buscan dicussões y los intercambios en diferentes entornos digitales, haciendo uso no sólo el consumo de información, pero también, la producción de conocimiento a partir de sus estudios, investigaciones y discusiones que tuvieron lugar en diversos entornos digitales que se insertan.

Palabras clave: Académico sordos. Comunicación. culturas digitales. Conocimiento. Tácticas y estrategias

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 APRESENTAÇÃO DE PESQUISA SOBRE ENEM EM LIBRAS NO YOUTUBE.....	71
Figura 2 APRESENTAÇÃO DA PÁGINA PESSOAL FACEBOOK	74
Figura 3 PÁGINA LETRAS-LIBRAS-UFS NO FACEBOOK	78
Figura 4 POSTAGEM DO TRABALHO EM VÍDEO NO FACEBOOK	78
Figura 5 VÍDEO POSTADO EXPLICANDO O CONCEITO DE IDEALISMO PROPOSTO PELA PROFESSORA	79
Figura 6 POSTAGEM DE ALUNO OUVINTE EM LÍNGUA DE SINAIS NA PAGINA DO FACEBOOK.....	79
Figura 7 POSTAGEM ALUNO SURDO SOBRE MONOLÍNGUE E BILÍNGUE	81
Figura 8 PÁGINA DO INES NO FACEBOOK.....	82
Figura 9 VÍDEO POSTADO PELA ALUNA DO CURSO LETRAS-LIBRAS DA UFS EM APOIO AO MOVIMENTO DO ENEM EM LIBRAS	84
Figura 10 VÍDEO POSTADO PELA ALUNA DO CURSO DE DESIGN DE INTERIORES DA UFS TAMBÉM EM APOIO AO MOVIMENTO DO ENEM EM LIBRAS	85
Figura 11 POSTAGEM DE UMA ALUNA SOBRE A FALTA DE ACESSIBILIDADE NO ENEM.....	86

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

a.C – Antes de Cristo

D.C. – Depois de Cristo

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

IFS – Instituto Federal de Sergipe

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

ISM – Instituto de Surdos-Mudos

L.S – Língua de Sinais

L1 – Língua Primeira

L2 – Língua Segunda

Libras – Língua Brasileira de Sinais

UFS – Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

1 – PRIMEIRAS POTÊNCIAS: A COMUNICAÇÃO DOS SURDOS NA REDE DIGITAL FACEBOOK)	12
2 – COMO PRETENDEMOS COMPREENDER E EXPRESSAR AS POTÊNCIAS COMUNICATIVAS DOS SURDOS NA REDE SOCIAL DIGITAL FACEBOOK	20
2.1 Etnografia e multirreferencialidade na pesquisa.....	20
2.2 Estratégias e táticas em Michel de Certeau: como elas nos ajudaram na pesquisa.....	24
3 – COMUNICAÇÃO E SURDOS: AS LINGUAGENS COMO CONSTITUINTES DA SUA INCLUSÃO	37
3.1 O surdo e sua história na comunicação: o fora da normalidade	39
3.2 O sujeito surdo e culturas digitais	47
4 – DIALOGANDO COM AS MANEIRAS DE FAZER DOS PRATICANTES SURDOS NO FACEBOOK: ALGUMAS ASTÚCIAS DOS ACADÊMICOS SURDOS	56
4.1 O sujeito surdo e o início da comunicação no contexto familiar e educacional	57
4.2 O sujeito surdo e a comunicação mediada pelas culturas digitais	67
4.3 Redes sociais e rede sociais digitais: Pontencializando a comunicação do surdo.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	91
APÊNDICE	95
ANEXOS	99

1 – PRIMEIRAS POTÊNCIAS: A COMUNICAÇÃO DOS SURDOS NA REDE DIGITAL FACEBOOK

Com o avanço expresso em diversas tecnologias comunicacionais ligadas às transformações tecnológicas que vêm sendo vivenciadas pelas sociedades contemporâneas nas últimas décadas, as possibilidades de interação crescem a cada clique, a cada acesso, em diferentes lugares, de formas diversas e não seguindo uma lógica linear dentro da relação espaço-tempo¹. A partir do momento que o indivíduo, em potência, deixou de ser um mero espectador nos meios de comunicação e passou a se posicionar como interagente², a relação homem e máquina sofreu uma modificação muito significativa, não só na relação individual “homem-máquina” como também nas possibilidades das práticas de relacionamento entre esses indivíduos interagentes da rede.

O veloz desenvolvimento dos ambientes digitais e conectados, que se apropriam de novas técnicas dentro da concepção de interatividade, oferece aos seus interagentes uma experiência comunicacional que os possibilita vivenciar diversas experiências de relacionamentos, oportunizando-os possibilidades criativas por relações de trocas, podendo se configurar como um ambiente democrático e participativo que lhes permitem conectar e interagir. Neste cenário, tanto os produtores como os consumidores das informações podem trocar conteúdos, misturarem-se, propiciando assim, novos leques de criação, organização, reorganização e compartilhamento, dentro de uma nova maneira de fazer a comunicação.

Os diversos ambientes digitais criados para melhorar as possibilidades de relações interativas, de trocas e organizações, são pensados dentro de um sistema que permita ao interagente praticante, diversos e ilimitados contextos. Podemos pensar que são maneiras de fazer e o seu uso poderá ser apropriado por diferentes interagentes de diferentes maneiras, em suas particularidades culturais, geográficas, econômicas e educacionais. Desta forma, esses ambientes permitem se comunicar e se encontrar dentro das suas redes, também denominadas tribos ou grupos. Estes serão construídos por seus pares que se relacionam a partir de uma identificação que, muitas vezes, não se fixa por serem iguais, mas pela possibilidade de construção de diálogos e conhecimentos diversos, já que nos ambientes virtuais não existe

¹ Esse modo de escrever é baseado nos estudos e justificativas da pesquisadora Nilda Alves, Professora titular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, onde a utilização desse termo mostrou ser necessário, já que ela, afirma que um não existe sem o outro, logo, a necessidade de utilizar em uma mesma palavra. (Grifo meu)

² Indivíduo em constantes interações com outros seres, seres produtores de sentido, que se articulam em comunidades diversas, de diferentes naturezas” (ARAÚJO, 2008, p.11 - grifo meu). Termo que define melhor o cidadão contemporâneo que busca informação de maneira autônoma e sem um sentido hierárquico.

uma forma finita dos produtos nela dispostos. Assim, a construção e reconstrução dos itens que circulam nela, é o que vem a possibilitar toda essa relação de troca e de construção-desconstrução-reconstrução de informações, produtos, textos entre outros.

Os ambientes digitais se configuram como espaços democráticos, pois seriam ambientes em que não existem relação de poder e domínio central e, sim, um espaço em que o poder é, em tese, descentralizado. Exemplos desses espaços são as redes sociais *online* e os aplicativos de comunicação que, de forma aberta e livre, oferecem aos seus interagentes dispositivos diversos que possibilitam e ao mesmo tempo condicionam as relações construídas e mantidas dentro deles. Entre esses dispositivos encontram-se o *facebook*³ e o WhatsApp⁴, dois ambientes digitais que permitem às pessoas manter laços e criar novos laços de amizades e construção de conhecimento e informações, oferecendo dispositivos que viabilizam mensagens instantâneas em formato de texto, vídeo, áudio ou de maneira híbrida⁵. Por ser um ambiente aberto, livre e democrático, quase não existe neste espaço regras ou modos de uso que venham impedir ou impossibilitar a qualquer interagente conectado na rede em acessá-la em rede de Internet sem fio ou a cabo.

Toda acessibilidade encontrada no ambiente digital está bem aplicada nas redes sociais online. Esta acessibilidade possibilita a entrada de indivíduos que se encontram em desvantagens na sociedade e que são impedidos de se firmarem como cidadãos ativos, políticos e críticos. Porém, conectados a essas ambientes, eles se tornam, em potência, indivíduos produtores e consumidores de diversas possibilidades culturais, políticas e educacionais. Em potência, justamente porque nem todos produzem e socializam, sendo que alguns se posicionam como consumidores das produções. As redes sociais, assim, podem servir como janela para a exposição de produções e expressões que em diversas situações seriam caladas, excluídas ou impedidas de circulação. Entre esses inúmeros indivíduos, faremos um recorte

³Sistema virtual que oferece aos seus interagentes possibilidades de interatividade em um sistema de redes de contato através de perfis descritivos. www.facebook.com

⁴Aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens de texto, áudio e vídeo pelo celular sem pagar por SMS, disponível gratuitamente para smartphones.

⁵ “ Para Santaella (2010) o hibridismo das mídias está associado ao processo de convergência das mídias. Para a autora as mídias antes existiam em suportes físicos separados, como: papel para texto, película química para a fotografia e o filme, fita magnética para o som e o vídeo, fio de telefone, onda de rádio, satélite de televisão, tudo isso passou a combinar-se em informações digitais, produzindo a convergência de vários campos mediáticos tradicionais. (grifo meu)

sobre o surdo⁶ que, em inúmeras circunstâncias, se encontra em diferentes situações de exclusão, entre elas destacamos a linguística, econômica e educacional.

Por conviver com a comunidade surda há mais de oito anos e ter uma relação comunicacional direta com muitos deles, pude perceber mudanças significativas no processo de comunicação e de construção de conhecimentos desses indivíduos, que de maneira bastante astuciosa se apropriaram de instrumentos das culturas digitais com a intenção de superar suas limitações comunicacionais. Esse fenômeno começa a ser percebido com mais amplitude por mim após ter assumido a função de intérprete de Libras (Língua brasileira de sinais) no Instituto Federal de Sergipe (IFS) e também como professor substituto do curso Letras-Libras na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Essa maior proximidade com os alunos surdos me proporcionou uma reflexão sobre esse novo processo comunicacional e de construção de conhecimento desses alunos surdos.

Observando o surdo como pessoa integrante de uma sociedade, consumidor de serviços, produtor de uma peculiar cultura linguística, de política, assim como, receptor, difusor e produtor de conhecimento, entendemos que a presente pesquisa se desenvolveu em uma concepção multirreferencial, pois que, para melhor compreensão dos fatos, dos objetos estudados e pesquisados, se faz necessária uma visão múltipla que permita ao pesquisador/estudante perceber e entender as complexidades dos fenômenos, possibilitando uma visão mais crítica e diversificada. Neste sentido, é importante buscarmos romper com os olhares estruturados de outras perspectivas de pesquisa que enquadra e engessa o olhar do pesquisador por trilhar somente um caminho, uma via dos fatos, desconsiderando assim os plurais que existem dentro das relações humanas e sociais. Essas escolhas epistemológicas estão anconradas, entre outras, em Ardoino (1998) ao defender que "as ciências humanas necessitam de explicações, ou de olhares, ou de óticas, de perspectivas plurais para dar conta um pouco melhor, ou um pouco menos mal, da complexidade dos objetos". (Ardoino, 1998, p. 4).

É seguindo por esta compreensão epistemológica e pelas suas diversificadas abordagens, que foi escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa o estudo etnográfico, que constitui-se em um método amplamente utilizado para a execução de pesquisas exploratórias, oferecendo um leque de possibilidades na exploração das situações da vida real, cujos limites não estão claramente definidos, formular hipóteses ou desenvolver teorias e

⁶ Indivíduo que tem a incapacidade total ou parcial da audição, devido a problemas que afetam o aparelho auditivo. (BRASIL, DECRETO Nº 5. 296/2004).

explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações complexas, utilizando de diferentes recursos para se produzir os dados e considerações a respeito do fenômeno estudado. Assim,

(...) seu uso passou a ser utilizado para descrever a cultura de grupos primitivos específicos com a finalidade de reconstruir cenários ou grupos culturais intactos [...] depois descrever pequenas comunidades humanas, recriando para o leitor as crenças, artefatos, os conhecimentos populares e os comportamentos de algum grupo [...] e enfim, a descrição e análise da cultura de grupos inseridos na dinâmica dos processos sociais. (CHIZZOTTI. 2011. p. 65)

É dentro desta perspectiva que essa pesquisa se desenvolveu, com a proposta de produzir informações como base para uma compreensão da inclusão dos acadêmicos surdos no ambiente digital, na sua participação dentro das culturas digitais e possíveis relações entre o digital e o presencial em suas práticas sociais. Para tanto, utilizaremos, entre outros, como aporte teórico e metodológico, a abordagem do pesquisador francês Michel de Certeau, principalmente no que se remete às suas pesquisas e análises a respeito do cotidiano. Seu estudo “nasceu de uma interrogação sobre as operações dos interagentes, supostamente entregues à passividade e à disciplina.” De Certeau nos indica caminhos ao afirmar que é importante se interessar, no estudo das práticas cotidianas, não pelos produtos culturais disponíveis em nossa sociedade e sim pelas “maneiras de fazer” dos praticantes. Para ele “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada.”

Sob esta compreensão, entendemos que os surdos travam batalhas se utilizando de táticas para sobressair e conseguir ser ator principal da sua história, rompendo com os grilhões das estratégias que são criadas por setores dominantes que detém a produção dos bens culturais e dos produtos tecnológicos que não são pensados para alguns sujeitos, mas que acabam sendo utilizados de mil maneiras dentro de uma ressignificação e uma releitura das suas utilidades levando em consideração as necessidades dos indivíduos que as utilizam e suas limitações e potências materiais e cognitivas. Desta forma, De Certeau afirmar que

a questão tratada se refere a modos de operação ou esquemas de ação e não diretamente ao sujeito que é o seu autor ou seu veículo. Ela visa uma lógica operatória cujos modelos remontam talvez às astúcias multimilenárias dos peixes disfarçados ou dos insetos camuflados, e que, em todo caso, é ocultada por uma racionalidade [...] portanto por objetivo explicitar as combinatórias de operações que compõem também (sem ser exclusivamente) uma “cultura” e exumar os modelos de ação característicos dos usuários [...]

o estatuto de dominados (o que não quer dizer passivos ou dóceis). (DE CERTEAU. 2004. p. 38)

Todas essas possibilidades e visões múltiplas, nos “força” e “permite” trabalhar com múltiplas visões sobre os temas abordados, não descartando como também não se apropriando de somente uma verdade, mas, de múltiplas verdades. Seguindo este pensamento de multiplicidade e possibilidades é que começamos a compreender o fio condutor da seguinte questão norteadora: quais estratégias e táticas os surdos sujeitos dessa pesquisa estão utilizando para se comunicarem e socializarem informações em um ambiente digital produzido para os ouvintes. Ou mesmo, quais apropriações tecnológicas estão produzindo para se comunicarem e socializarem informações na rede social *facebook* e quais relações com as suas qualidades de surdos acadêmicos na Universidade Federal de Sergipe – UFS.

Nessa ótica, quando mantemos uma relação de interação com outros sujeitos podemos aí construir uma ação de possibilidades dentro de um ambiente digital que se apresenta como espaço inesgotável de significações, onde sujeitos se conectam e constroem uma relação mútua de conhecimentos. Mas o que seriam de fato esses ambientes digitais? Alguns teóricos e pesquisadores da área colocam esses ambientes como sendo integrantes do “Ciberespaço”, o que, segundo Santaella (2002), seria o universo das redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, novas fronteiras econômicas e culturais. Para Lévy (1999), o ciberespaço é o dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresentando-se justamente como um dos instrumentos da inteligência coletiva.

Nesse sentido, as redes sociais acabam seguindo esse fluxo de construção e potencialidades, já que podem ser entendidas, segundo Santaella (2002), como um espaço anárquico no qual várias espécies de hierarquias podem existir e no qual o poder é descentralizado. Desta maneira, a potência está nas inúmeras e inesperadas possibilidades de produzir relações entre interagentes, permitindo vivenciar novas experiências e de potências extremas para a igualdade entre os sujeitos, colocando, assim, em prática, a questão da inclusão. Esta fica bem descrita na Declaração de Salamanca (1994) onde é expresso que ela deve servir para todos como instrumento que vem a favorecer o acesso ao conhecimento independente das suas condições culturais, educacionais, sociais entre outras.

Sendo assim, a apropriação das culturas digitais serve como instrumento potencializador que permite novas práticas sociais na construção do conhecimento, inclusive para os surdos. Potências em múltiplas possibilidades construídas pelos indivíduos sendo eles

surdos ou não, são consequências de uma forma de produzir conhecimento em novas culturas construídas hibridamente e que podemos, por ora, denominar de Cibercultura, como apresenta Lemos (2002). Este autor, pesquisador, a define como sendo nada mais que uma forma técnica da cultura contemporânea, sinergia entre o tecnológico e o social.

Já para Lévy (1999), a Cibercultura é a expressão da construção de laços sociais, que não estariam relacionados dentro de um espaço territorial, mas dentro dos círculos de interesses comuns dos indivíduos que compartilham saberes e aprendizagens coletivas. Ou ainda, em conformidade com Lemos (2002), a Cibercultura está sincronizada com a dinâmica da sociedade contemporânea, podendo ser caracterizada como uma Cipersociedade que é, justamente, a sinergia entre a sociedade contemporânea e as novas tecnologias digitais.

Desta forma, foi definido como objetivo geral da presente investigação, perceber como os surdos matriculados na Universidade Federal de Sergipe, que fazem parte da rede social digital *facebook*, têm se apropriado das culturas digitais e criado táticas e estratégias para superar suas limitações na construção de seus conhecimentos. Para tanto, selecionou-se como sujeitos da pesquisa os alunos surdos da referida instituição que são também integrantes da rede social *facebook*, que foi selecionada devido às suas possibilidades que este espaço digital oferece no processo de comunicação. Sendo assim, procuramos conseguir perceber como os surdos fazem para construir e reconstruir seus conhecimentos. Temos como objetivos específicos:

- Compreender como os surdos matriculados na Universidade Federal de Sergipe – UFS e integrantes da rede social *facebook* têm se apropriado e utilizado das culturas digitais e das redes sociais digitais para produção de conhecimento;
- Identificar quais tipos e formas de conhecimentos e sociabilidades esses surdos têm produzido nas redes sociais digitais;
- Apresentar as táticas e estratégias criadas por esses alunos para favorecer sua comunicação e a construção de conhecimento.

Esta pesquisa, portanto, justifica-se pelo fato de que procuramos destacar as possibilidades que são ofertadas ou criadas no referido ambiente digital que permite a esses praticantes, em condições singulares de comunicações, se relacionarem com outros surdos, com ouvintes usuários ou não da LIBRAS⁷, já que, no ambiente digital, possibilidades são

⁷ Língua Brasileira de Sinais (BRASIL, LEI 10.436/02)

criadas para suprir as necessidades que ali se apresentam. Da mesma maneira, torna-se relevante compreender os caminhos que se devem percorrer dentro da universidade e nas escolas, para de fato oferecer uma formação mais consistente a esses alunos surdos que, quando egressos, serão profissionais aptos a desenvolverem suas atividades.

Com o texto dividido em quatro seções, o trabalho aqui apresentado será dividido da seguinte maneira: na seção 2, denominado "como pretendemos compreender e expressar as potências comunicativas dos surdos na rede social digital *facebook* apresentamos nossa compreensão da pesquisa e nossas referências metodológicas, os sujeitos da pesquisa e seu contexto. Apresentamos, ainda, com base na visão de Michel de Certeau, uma análise sobre o cotidiano da pessoa com surdez ao passar dos séculos e destacamos como essas pessoas desenvolvem táticas para superar as exclusões sociais e linguísticas ao viverem numa sociedade majoritária ouvinte e aborda de forma introdutória como a imersão e a apropriação das culturais digitais por esses indivíduos ajudaram a superar as exclusões por eles vividas.

Na seção 3, denominado "Comunicação e surdos: as linguagens como constituintes da sua inclusão" nos propomos a apresentar uma reflexão sobre a utilização das culturas digitais como auxílio na educação e na construção do conhecimento pelo sujeito (aluno) surdo. Levando em consideração que atualmente a sociedade vive uma nova mudança nas relações sociais, hoje a utilização das tecnologias é algo que não podemos negar, a forma dinâmica e prática que esses recursos tecnológicos oferecem, torna a experiência de aprender e de se comunicar em algo mais atrativo e dinâmico, eliminando barreiras comunicacionais e de espaçotempo. Hoje, as culturais digitais tornam-se peças indispensáveis no processo educacional e de sociabilidade dos indivíduos, sejam eles, surdos ou ouvintes, cegos ou videntes, cadeirantes ou "normais".

Na seção 4, denominado "Dialogando com as maneiras de fazer dos praticantes surdos no *facebook*", analisamos as "maneiras de fazer" dos praticantes surdos nas redes sociais digitais e no *facebook*, suas táticas, estratégias, conhecimentos, informações de interesse e, sobretudo, suas invenções e apropriações digitais para se comunicar e estabelecer relações horizontais nos ambientes digitais. Ou seja, neste capítulo é produzida uma análise das apropriações que esses alunos surdos fazem das redes sociais pesquisadas, bem como dos aplicativos e dos dispositivos disponíveis nesses ambientes que, em geral, não são pensados ou desenvolvidos para esse grupo minoritário, mas que de forma muito bem organizada, pensada e estruturada, acabam servindo como meios de divulgação e superação dos limites linguísticos dos sujeitos surdos. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

Para alcançar o que foi proposto na presente pesquisa, enumero os seguintes passos I) Fizemos um levantamento dos alunos surdos matriculados na UFS e seus respectivos cursos e quem são os interagentes das redes sociais, em especial, o *facebook* II) Foi feita uma triagem das postagens desses alunos no ambiente digital *facebook*; III) aplicamos uma entrevista sobre o processo de comunicação dos alunos surdos em diversos contextos, como também no ambiente digital. Assim, chegamos a algumas considerações parciais que estão sendo apresentadas.

2 – COMO PRETENDEMOS COMPREENDER E EXPRESSAR AS POTÊNCIAS COMUNICATIVAS DOS SURDOS NA REDE SOCIAL DIGITAL FACEBOOK

2.1 Etnografia e multirreferencialidade na pesquisa

Com a perspectiva de alcançar os objetivos propostos, a pesquisa foi desenvolvida seguindo uma concepção multirreferencial, possibilitando assim, caminhos com mais possibilidades de percepção sobre o fenômeno ou objeto estudado, permitindo ao pesquisador, um caminho de variadas possibilidades de levantamento de dados e de visões sobre o que é estudado.

(...) análise multirreferencial das situações das práticas dos fenômenos e dos fatos educativos se propõem explicitamente uma leitura plural de tais objetos, sob diferentes ângulos e em função de sistemas de referenciais distintos, os quais não podem reduzir-se uns aos outros. Muito mais que uma posição metodológica, trata-se de uma decisão epistemológica. (Ardoino, 1995, p. 7)

Para permitir o prosseguimento da pesquisa, o método aplicado foi o estudo etnográfico, que representa uma pesquisa/investigação e se apresenta como um método abrangente, possibilitando a coleta e análise de dados utilizando diferentes recursos, como também, atende a uma necessidade de cunho qualitativo e quantitativo, permitindo desta forma um estudo mais completo e aprofundado sobre o caso pesquisado.

A etnografia tem origem na antropologia social, surge da necessidade de entender as relações sócio culturais, os comportamentos, os ritos bem como as práticas das sociedades e das culturas desconhecidas. Parte de um estudo com base na observação, com base na construção de conhecimento diário, na construção das suas relações sociais e no que é desenvolvido no dia-dia do objeto pesquisado. A etnografia é um método que exige uma imersão maior do pesquisador, onde entrevistas e questionários não conseguem absorver tudo que a pesquisa etnográfica propõe, com isso necessita de uma observação a fundo e um acompanhamento extenso.

O método etnográfico é diferente de outros modos de fazer pesquisa, justamente, porque:

- (...) É baseado na pesquisa de campo (conduzido no local onde as pessoas vivem e não em laboratórios onde o pesquisador controla os elementos do comportamento a ser medido observado).

- É personalizado (conduzido por pesquisadores que, no dia a dia, estão face a face com as pessoas que estão estudando e que, assim, são tanto participantes quanto podem ser atores das vidas em estudo).
- É multifatorial (conduzindo pelo uso de duas ou mais técnicas de coleta de dados - as quais podem ser de natureza qualitativa ou quantitativa – para triangular uma conclusão, que pode ser considerada fortalecida pelas múltiplas vias com que foi alcançada).
- Ele requer um compromisso de longo prazo, ou seja, é conduzido por pesquisadores que tendem a interagir com as pessoas que eles estão estudando durante um longo período de tempo (embora o tempo exato possa variar, digamos, de algumas semanas ou um ano ou mais).
- É indutivo (conduzido de modo a usar um acúmulo descritivo de detalhes para construir modelos gerais ou teorias explicativas, e não para testar hipóteses derivadas de teorias ou modelos existentes)
- Dialógico (conduzido por pesquisadores cujas conclusões e interpretações podem ser discutidas na medida em que elas vão se formando Holístico conduzindo para relevar o retrato mais completo possível do grupo em estudo). (ANGROSINO. 2009. p. 31, grifos do autor)

A etnografia, como explicado, é feita *in locus*, no momento e no local em que os fatos estão acontecendo. A pesquisa etnográfica também lhe possibilita o uso de diferentes instrumentos para o levantamento e coleta de dados como observações diretas com os grupos pesquisados, entrevistas, questionários, fotografias, colagens e vídeos. A pesquisa etnográfica necessita que o pesquisador tenha um contato direto e prolongado com os grupos ou pessoas que ele se propõe a estudar, para assim conseguir produzir uma grande quantidade de dados descritivos e para obter isso necessita de um bom tempo de observação, como também dispor de mecanismos variados de coleta de dados que possam permitir uma transição entre a coleta e a análise dos dados.

O pesquisador etnográfico não se preocupa com o produto final e sim com o processo que vai apresentar as características que ele busca compreender. Uma outra característica é a liberdade de reestruturação, reconstrução das hipóteses e problemas, essas durante toda a pesquisa podem ser modificadas de acordo com o que vai sendo coletado e observado durante a pesquisa. Para tanto, necessita de um projeto etnográfico aberto e flexível para assim ser capaz de redefinir hipóteses e possibilidades sempre que for necessário para compreender melhor o fenômeno pesquisado.

Neste sentido, buscamos, também, inspiração e aprendizado nos estudos realizados por Nilda Alves e Inês Barbosa de Oliveira, pois, inspiradas em Michel de Certeau, nos alertam que há no cotidiano maneiras diferentes das desenvolvidas nas instituições modernas, de produzir conhecimento.

Defendo, e não estou sozinha, que há um modo de fazer e de criar conhecimento no cotidiano, diferente daquele aprendido, na modernidade, e não só, com a ciência. Se é isto, para poder estudar esses modos diferentes e variados de fazer/pensar, nos quais se misturam agir, dizer, criar e lembrar, em um movimento que denomino prática/teoria/prática, é preciso que me dedique, aqui e agora, um pouco, a questionar os caminhos já sabidos e a possibilidade de traçar novos caminhos. (ALVES e OLIVEIRA. 2001. p.13–37)

Abdicando da busca de “ver” a totalidade – objetivo e paradigma de uma ciência que traz, embutido em si mesma, um necessário esquecimento e desconhecimento das práticas cotidianas complexas, plurais, diversas – esta metodologia de pesquisa pretende assumir a complexidade das práticas com suas trajetórias, ações, corpo e alma, redes de fazeres em permanente movimento. (ALVES e OLIVEIRA. 2001. p.13–37)

Neste sentido, Michel de Certeau vai construir uma nova proposta de como pesquisar o cotidiano, o dia-dia das pessoas, bem como as relações de poder. Procurando alternativas para o desenvolvimento de uma nova proposta de pesquisa abordando as práticas cotidianas daquelas que são estudadas, o pesquisador propõe traçar um outro olhar que venha possibilitar diferentes caminhos para compreender melhor as práticas diárias, como também entender os afazeres desses indivíduos de forma particular e coletiva, acreditando ser necessário observar das mais simples atitudes às mais complexas para compreender melhor as relações.

Por sua vez, esse pensamento apresenta caminhos para pesquisar modos de fazer de praticantes de produtos culturais no cotidiano, em nosso caso a rede social *facebook*, pois o autor supracitado afirma que é importante nos interessarmos, no estudo das práticas cotidianas, não pelos produtos culturais disponíveis em nossa sociedade e sim pelas “maneiras de fazer” dos praticantes

Para o referido autor há formas inusitadas, diferentes e subversivas dos praticantes e que muitas vezes não coincidem com os objetivos e formas de usos apresentados e desenvolvidos pelos criadores dos produtos culturais de mercado. Por isso, nosso foco estará no que este autor nos alerta ao afirmar que “é ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou

semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização”. (DE CERTEAU, 1994.p. 40).

O autor argumenta que as maneiras de empregar os produtos culturais, que ele denomina de maneiras de fazer, são regidas por outras regras e não pelas do consumo e das produções dominantes e mercadológicas. Portanto, para essa pesquisa, utilizaremos, metodologicamente, as pesquisas do cotidiano para entendermos como os surdos acadêmicos têm se apropriado da rede social *facebook* para produzir conhecimentos e quais as estratégias e táticas que produzem em seus processos de comunicação, produção, armazenamento, socialização de conhecimentos.

Dando continuidade a essa abordagem metodológica, torna-se um fator essencial às possibilidades de recursos metodológicos de levantamento de dados que poderão ser utilizados para as produções e análises em que se propõe na pesquisa, o que será feita a partir da rede social digital *facebook* (www.facebook.com). Observando a necessidade de informações mais precisas houve a realização de entrevistas com os surdos que fizeram parte da pesquisa e, mesmo que todos os dados estivessem disponíveis em suas páginas eletrônicas, foi necessário a entrevista para esclarecer melhor algumas dúvidas que foram surgindo durante as observações.

Foram realizadas entrevistas, pois com o desenvolvimento da pesquisa, em nossas análises, podemos lançar mão desse instrumento de pesquisa para alcançarmos nossos objetivos. Assim, foi possível produzir, aplicar e analisar as entrevistas semiestruturadas utilizando informações da própria rede social como base para os levantamento de dados iniciais .

Para poder ser desenvolvida com maior qualidade e objetividade, esta pesquisa, de início, lançou mão de um projeto-piloto para selecionar os sujeitos que foram acompanhados. Esses sujeitos passaram por um crivo inicial correspondendo a partir de um perfil que foi proposto pela investigação:

- Ser surdo;
- Estar matriculado na Instituição de Nível Superior UFS;
- Ser interagente da rede digital *facebook*;
- Utilizar o Ciberespaço como ambiente de construção de conhecimento, a partir das observações em suas páginas pessoais;

- Ser um sujeito ativo nas relações dentro do ambiente digital, participando de debates, grupos de discussões, entre outros.

Atualmente, temos na Universidade Federal de Sergipe – UFS 34 alunos surdos matriculados em cursos diversos que estão divididos da seguinte forma: 1 aluno no curso de Design de Interiores, 1 aluno em Odontologia, 2 alunos de Teatro, 2 alunos em Educação Física, 1 aluno em Ciências Biológicas, 1 aluno de Engenharia da Computação, 1 aluno em Ciências da Computação, 1 aluno em Ciências Contábeis, 1 aluno de Biblioteconomia, 1 aluno em Pedagogia, 1 aluno em Arquitetura e Urbanismo e 21 alunos de Letras-Libras.

Devido ao tempo para a conclusão da pesquisa, foi inviável o acompanhamento de todos os alunos matriculados na UFS. Para superar essa situação, a pesquisa criou dois grupos de alunos para assim conseguir trabalhar com o máximo de informações possíveis, o primeiro grupo montado foi com os alunos do curso Letras-Libras que representavam uma maior quantidade de matrícula. Escolhemos os cinco alunos que assumem o perfil de interagentes mais ativos do curso nas redes sociais, sendo eles articuladores e participantes de discussões e ativos nas atividades em rede digital. E para equilibrar as observações foram selecionados também os cinco alunos com o perfil de interagente ativo dos cursos diversos, assim, buscamos uma abrangência tanto dentro do curso com maior quantitativo de alunos surdos como também não descartamos os outros cursos que fazem parte da realidade acadêmica da universidade.

A partir dessas estratégias buscamos responder aos questionamentos postos como justificativa desta pesquisa, acreditando conseguir uma amostra segura sobre o objeto a ser pesquisado. E é através desses passos que a pesquisa trilhou caminhos em busca de alcançar seus objetivos.

2.2 Estratégias e táticas em Michel de Certeau: como elas nos ajudaram na pesquisa

Michel de Certeau nasceu em maio de 1925, em Chambéry, uma comunidade francesa, a capital do Departamento da Saboia, na Região Rhône – Alpes. Formou-se em Filosofia, História, Teologia e Letras Clássicas. Um homem que além de estudioso guardava uma fé bastante fervorosa ao ponto de ingressar na Companhia de Jesus e tornar-se padre no ano de 1956. Devido a sua grande capacidade intelectual, De Certeau nunca ficou preso a

limites e ele se interessava tanto pela história como pela antropologia, linguística e psicanálise.

Devido a sua variedade de campos de pesquisa, ele deixa um conjunto de obras bastante denso, pois Michel de Certeau caminhou em diversas áreas, construindo uma relevante parte das suas reflexões com relação às maneiras cotidianas de fazer das pessoas que geralmente não são apontadas em pesquisas sociais, exatamente por não serem vistas como objetos importantes para as relações sociais, culturais e de consumo.

Por ser uma pessoa atenta à sociedade e às relações sociais constituídas a partir das influências socioculturais, De Certeau percebe que aquelas pessoas que são vistas como os “sem nomes”, a “minorias”, que não causam diferença para sociedade, os “anônimos” que vivem em uma “inércia social” resistem às imposições dos dominadores como formas ricas em astúcias⁸. Devido a essa percepção, essas relações sociais, denominadas pelo referido autor como o modo de fazer cotidiano dessas pessoas, acabaram virando objeto científico na visão desse historiador.

Essa visão é tão importante para Michel de Certeau, que vira título de uma das suas mais expressivas obras “*L’invention du quotidien*” (A Invenção do Cotidiano). Uma teoria sobre as ações dos homens comuns no seu cotidiano e com base nessa visão é que daremos prosseguimento no que diz respeito aos sujeitos surdos e à forma como eles constituíram o seu cotidiano para sobreviver às imposições de poder sobre eles.

Como foi apresentado acima, a obra escrita por Michel de Certeau “A invenção do cotidiano” vai envolver uma visão sobre os afazeres cotidianos como também destacar as lógicas dos saberes constituídos em redes cotidianas. Pensando o cotidiano de forma ativa, o pesquisador entende essas relações como algo irregular, no caso, não existe uma regularidade no cotidiano, já que, para ele, essas relações sociais são procedimentos, ações que acabam propiciando as vivências cotidianas. Desta forma, para De Certeau não existe linearidade e, defendendo essa idéia, ele acaba por romper com as teorias que viam no cotidiano um grupo de ações rotineiras, algo estabelecido sempre da mesma forma e cede lugar para o cotidiano como algo que vive um movimento devido às práticas construídas para superar as relações sociais de poder.

⁸ [...] a astúcia é possível ao fraco e, muitas vezes, apenas ela, como “último recurso”: “quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais esta estará sujeita à astúcia. (DE CERTEAU. 2004. p 101)

Seguindo esse pensamento, Michel de Certeau apresenta, nas suas ideias, o indivíduo com uma vida corriqueira, mas que, para sobreviver em um contexto social, inventa diversas formas e maneiras para a sua sobrevivência. Ele nos ensina que, no cotidiano, os praticantes entendidos como os “sem nomes”, a “minoría” – em nossa pesquisa os surdos acadêmicos – vão à “caça não autorizada⁹” criando surpresas inesperadas, escapando sorrateiramente das acomodações sociais.

Essa idéia de cotidiano ativo e produtivo em De Certeau vem do que ele apresenta como “artes de fazer¹⁰”, seria como uma resposta consciente ou até mesmo inconsciente aos poderes que são sobre eles exercidos. Seria no entendimento dele um grupo de pessoas anônimas que desbravam um caminho alternativo, quebrando as regras das políticas culturais, de consumo, política e até mesmo religiosa. Dando a essa pessoa uma liberdade e fazendo com que ela viva da melhor forma possível com essas agressões e violências sociais a partir das suas condições e limitações.

Adentrando por esses caminhos reflexivos colocados por De Certeau, podemos analisar que seria um equívoco afirmar que as pessoas que fazem parte de um grupo social teriam a mesma atitude generalizada de consumir idaias, valores e produtos sempre de uma forma passiva e linear, aceitando tudo que é colocado de forma agressiva pelos que dominam a relação de poder¹¹. Precisamos perceber que, no processo de consumo dos bens culturais e materiais, sempre terá uma atitude que não aceitará ou fará uso desses produtos de forma igualitária. Assim, em seus usos terão diferentes apropriações e logo terá também várias ressignificações que aconteceram de forma inesperada, deixando o processo totalmente descontrolado a partir dessas modificações feitas, as quais não estavam ou faziam parte das ideias dos que criaram as estratégias para o consumo.

Sendo assim, De Certeau percebe a competência dos sujeitos para alcançar e desenvolver uma verdadeira autonomia¹² e adquirir uma liberdade mesmo preso às agressões

⁹“O cotidiano se reinventa com mil maneiras de caça não autorizada”(DE CERTEAU. 2004. p. 38).

¹⁰“[...] que procedimentos populares (também ”minúsculos”e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que “maneiras de fazer”formam a contrapartida do lado dos consumidores (ou “dominados”), de processos mudos que organizam a ordenação sócio-política”(DE CERTEAU. 2004. p 41)

¹¹ A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, que corresponde outras produções, qualificada de “consumo”: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas na maneira de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. (DE CERTEAU. 2007. p. 39)

¹²Para definir autonomia tomarei como base o pensamento apresentado por Kant, para ele o importante era fazer esse sujeito pensar, como foi dito em seu livro, “não é suficiente treinar [...]; urge que aprendam a pensar.” (KANT, 2006, p. 27).

sociais que os circulam e os envolvem em processos que os colocam em situações complexas socialmente. Esses indivíduos sempre estão buscando mecanismos para superar sua situação de desigualdade, buscando práticas cotidianas que se manifestam de forma criativa libertando-os dos grilhões que os aprisionam. Para buscar essa liberdade ou essas atitudes cotidianas que buscam a superação das imposições, os indivíduos não se limitam, eles se transformam, se distanciam e ignoram as propostas sociais que são impostas e que acabam fortalecendo a desigualdade na qual eles se encontram.

Quando De Certeau faz seu posicionamento com relação às astúcias dos indivíduos, ele apresenta uma visão sobre as ações e atitudes que vão de encontro às imposições sociais, atitudes que acabam causando uma possibilidade de variações atitudinais e de resistências aos poderes estabelecidos. Toda essa situação que passa a ser gerada surge como uma situação que acaba dando ao pensamento de De Certeau uma visão mais completa dessa analogia entre dominados e dominantes e é, justamente, quando ele relaciona essas afinidades como uma relação de jogo.

Essa relação criada entre esses dois pólos é tratada pelo autor como as estratégias e as táticas dos praticantes em seus cotidianos. Assim, ele começa a categorizar essas duas ações. Primeiramente, ele vai definir o que seriam as estratégias que, para ele, é basicamente uma representação do poder hegemônico e dominante. Essa mesma visão descrita por De Certeau aparece no texto de Foucault (1984) onde ele expõe que “[...] o poder se exerce mais que se possui, que não é “privilégio” adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas” (FOUCAULT, 1984, p. 29). Assim, podemos entender que o poder é sempre um fruto das estratégias criadas pelos dominantes para se manter no poder e ter nas mãos mecanismos de convencimento, de argumentação, tendo assim, total controle sobre o “fraco”, sobre o “submisso”.

[...] Chamo de estratégia o cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder [...]. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio a ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças [...] isto é, o lugar do poder e do querer próprios. Gesto cartesiano, quem sabe: circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do Outro. Gesto da modernidade científica, política ou militar. (DE CERTEAU. 2004, p. 99-100)

Quando De Certeau discorre sobre as “táticas”, ele enfatiza dizendo que ela seria a verdadeira “arte do fraco”. Seria ela a desenvolvedora de “golpes” que de modo cheio de

astúcia rompe a lógica do dominante. A tática tem que sempre se prestar vigilância às falhas e às aberturas que são dadas na conjuntura da organização do poder, seria ela um mecanismo de resistência que procura caminhos paralelos, caminhos alternativos para alcançar a liberdade, para se ver como indivíduo produtivo e não um mero consumidor dos produtos socioculturais que são criados pelos poderes que com suas estratégias buscam centralizar o poder dominante. Essa carga de disputa colocada por De Certeau no cotidiano representa de forma reflexiva um verdadeiro campo de batalha, uma luta entre dominadores e dominados.

Assim, a grande face do jogo seria a disputa da superação dos mecanismos de poder que as estratégias dos dominantes sempre são lançadas e as táticas se apresentam como invenções que propiciam a fuga, o confronto, rompendo a lógica da organização social, do pensamento dominante, como também na utilização dos produtos culturais que circulam com propósitos já determinados, mas que são apropriados de formas diversas pelos “fracos” e “anônimos” de maneiras diversas e imagináveis, colocando em prática os modos paralelos de sobrevivência e consumo dos bens sociais.

[...] chamo de táticas a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio [...]. A tática não tem lugar senão a do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma. [...]. Ela opera, golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. [...] tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. (DE CERTEAU, 2004, p.100-101).

Após as definições acima, podemos perceber que Michel de Certeau se preocupa em apresentar sua visão dinâmica das relações sociais construídas no cotidiano, apresentando, dessa maneira, as astúcias das pessoas no processo de consumo dos bens culturais e sociais, como também dos valores apresentados e das idéias que são divulgadas e disseminadas, muitas vezes de forma dogmática, apresentando assim, valores dos bens materiais, culturais e, em diversas situações, também valores religiosos.

Porém, De Certeau trabalha em seus escritos um discurso que dissolve as ideias gerais de ver a sociedade como um grupo de pessoas apáticas, que vivem em um modelo uniforme de obediência e submissão, dessa forma ele apresenta o pensar prático cotidiano que formula “túneis” para as rotas que serve como uma alternativa também alçapão que buscam lançar seus

pensamentos contrários aos que são apresentados dando assim a possibilidade de escapar e burlar as normais sociais de consumo e pensamento.

O que mais se destaca nas ideias de Michel de Certeau seria a percepção dos que são tratados como pessoas anônimas, bem como suas criações que acabam sendo anônimas também, porém com um poder bastante significativo na vida cotidiana. Essas pessoas que não seguem, não consomem dentro da lógica social apresentada, acabam se comportando como resistências às instalações bem edificadas sobre a moral e as leis. Contudo, essas manifestações não seguem cunho político revolucionário, são simplesmente manifestações com o objetivo de sobrevivência buscando uma liberdade, mesmo sendo elas silenciosas, de formas pequenas e múltiplas, sem seguir uma lógica organizada.

Essas formas de construir e de fazer o cotidiano sempre na busca pela sobrevivência mostram como os sujeitos se apropriam do espaço social como também dos seus produtos e dos seus pensamentos, mas não fazem um uso normativo desses produtos que são por eles adquiridos, contudo, eles ressignificam, reconstroem, repensam a sua utilização e os adapta às suas necessidades, dando assim um novo movimento lógico que não foi pensado nem esquematizado pelos que dominam e pelos que criaram. Fazem uso de formas particulares, dentro das suas necessidades sociais, demonstrando dessa forma uma grande astúcia na sua busca pela liberdade e sobrevivência. Uma sabedoria que dá base para o enfrentamento da padronização do pensamento social.

Em diversas situações, os surdos não pertenciam às relações sociais por causa dos pensamentos e das ideias que eram hegemônicas sobre a sanidade mental dessas pessoas e eles sempre ficaram à margem, sempre em situações de gueto, mesmo quando são retirados das ruas e tratados nas Santas Casas de Misericórdia. Os surdos não deixaram de sofrer uma segregação social. Porém, como foi apresentado acima, dentro das concepções de De Certeau, mesmo esses sujeitos padecendo diante dessas situações, desenvolvem um mecanismo de comunicação e emancipação, superando a opressão.

Neste sentido, podemos ressaltar que uma das principais necessidades do homem é a comunicação¹³, necessidade natural, que precisa ser desenvolvida e, mesmo estando em situações deploráveis, os surdos conseguem desenvolver um processo comunicacional a partir dos gestos. Essa atitude não só mostra a capacidade cognitiva dessas pessoas, mas afirma a

¹³ Relações ao longo da história entre os surdos e o papel da comunicação estão apresentadas no capítulo seguinte.

teoria de táticas que é apresentado por De Certeau (2004). A criação de uma linguagem gestual para superar as mazelas sofridas pelos processos sociais de exclusão, coloca o sujeito surdo em um patamar de visibilidade notável por sua capacidade.

Porém, como também é exposto por De Certeau, os anônimos desenvolvem suas táticas para superar suas exclusões e para ultrapassar suas necessidades. Aqueles que dominam o poder criam suas estratégias para manter esses sujeitos na mesma condição de dominados e com isso dar-se-á o início do jogo social entre as táticas e estratégias citadas por Michel de Certeau. No caso do surdo, esse jogo de poder e liberdade vai permear a questão da língua como objeto de poder e domínio.

Em toda a história da educação dos surdos, a cultura ouvinte sempre exerceu um poder, domínio sobre os métodos trabalhados para o desenvolvimento da educação dos sujeitos surdos. Porém, esses métodos sempre eram voltados para o desenvolvimento da fala, na verdade não existia uma preocupação sobre a educação do surdo nem sobre o processo de sua aceitação social, o que sempre era colocado por esses métodos oralistas eram transformar o sujeito surdo em uma pessoa dita “normal”, com isso ignoravam totalmente as suas necessidades e o meio que eles desenvolveram a comunicação.

As ideias dominantes, nos últimos cem anos, são um claro testemunho do sentido comum segundo o qual os surdos correspondem, se encaixam e se adaptam com naturalidade a um modelo de medicalização da surdez, numa versão que amplifica e exagera os mecanismos da pedagogia corretiva, instaurada nos princípios do século XX e vigente até nossos dias. Foram mais de cem anos de práticas eneguecidas pela tentativa de correção, normalização e pela violência institucional; instituições especiais que foram reguladas tanto pela caridade e pela beneficência, quanto pela cultura social vigente que requeria uma capacidade para controlar, separar e negar a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais, que determinam o conjunto de diferenças dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos. (SKLIAR. 1998, p. 7)

Esse pensamento de normalidade força a comunidade surda a desenvolver diversas táticas para sobreviver a um poder que a cada dia oprime a liberdade comunicacional e social de sujeitos que não apresentam nenhuma situação de problema para a sociedade, mas, devido a um pensamento ultrapassado, durante muitos anos, a surdez é vista como um problema. Pensamento esse que se arrastou por muitos anos, podemos dizer, séculos. Quando falamos em língua, também falamos em poder, domínio.

A língua exerce sobre o sujeito um domínio social, não existe no mundo um sujeito sem língua, para exercer a sociabilidade, para ser incluso como ser socialmente aceito, o sujeito deve dominar a língua e a língua que é dominante dita as regras de aceitação, descreve os termos a serem seguidos e o comportamento do indivíduo, logo, o domínio e a utilização da língua dominante é o principal pré-requisito para uma aceitação social.

Uma relação que não foi respeitada em toda a história dos surdos é a relação surdez e gestualidade. Não podemos negar que existiram movimentos que lutavam a favor da utilização da gestualidade na comunicação dos surdos, porém, a opressão exercida pelo poder dominante oral não dava chance para que os defensores dos gestos se organizassem e apresentassem suas metodologias, com isso a oralidade chega com bastante crédito às escolas e institutos que cuidavam da educação e formação dos surdos, as estratégias feitas pelos oralistas, ultrapassaram barreiras mundiais, e em uma articulação muito bem pronunciada que foi o Congresso de Milão¹⁴ eles conseguem instaurar o método oralista.

A questão do ouvintismo e do oralismo, enquanto ideologia dominante, excede largamente o espaço da instituição escolar. Então, seria uma tradição mencionar seu caráter decisivo, o Congresso de Milão, de 1880 - onde os diretores das escolas para surdos mais renomadas da Europa propuseram acabar com o gestualismo e dar espaço à palavra pura e viva, à palavra falada - não foi a primeira oportunidade em que se decidiram políticas e práticas similares.[...] Apesar de algumas oposições, individuais e isoladas, o referido congresso constituiu não o começo do ouvintismo e do oralismo, mas sua legitimação oficial [...] o ouvintismo, ou o oralismo, não pode ser pensado somente como um conjunto de ideias e práticas simplesmente destinadas a fazer com que os surdos falem e sejam como os ouvintes. Convivem dentro dessas ideias outros pressupostos: os filosóficos - o oral como abstração, o gestual como sinônimo de obscuridade do pensamento; os religiosos - a importância da confissão oral, e os políticos - a necessidade da abolição dos dialetos, já dominantes no século XVIII e XIX (SKLIAR, 2010, p. 16-17).

Toda essa relação de poder deixa a comunidade surda a mercê de uma metodologia que não respeitava suas limitações e ainda utilizava-se de métodos por diversas vezes agressivos e desumanos, colocando o sujeito surdo em uma situação desagradável e submisso aos desejos metodológicos de profissionais da educação os quais não compreendiam o que seria a gestualidade para os surdos.

[...] uma deficiência que deve ser minimizada através da estimulação auditiva. Esta estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua

¹⁴Ocorreu em 1880, na cidade de Milão, Itália. Esse acontecimento representa o primeiro congresso de âmbito mundial para discutir a maneira de se educar o surdo.

portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do Oralismo é fazer uma “reabilitação” da criança surda em direção à “normalidade”, à “não-surdez”. A criança surda deve, então, se submeter a um processo de reabilitação que se inicia com a estimulação auditiva precoce, que consiste em aproveitar os resíduos auditivos que os surdos possuem e capacitá-las a discriminar os sons que ouvem. Através da audição e, também a partir das vibrações corporais e da leitura oro-facial, a criança deve chegar à compreensão da fala dos outros e, finalmente, começar a oralizar (LORENZINI, 2004, p.15).

Essas situações agressivas ficam bem expostas em um pequeno trecho do livro de (VERÔNICA, SOUZA, 2010) ao afirmar que “porém não pode ser esquecida a prática comum do “forçar” o surdo a “ouvir”, impedindo-o de utilizar a sinalização, até mediante a imobilização de suas mãos” (p. 45). Esse pequeno trecho apresenta de forma traumática e, deixando a imaginação fluir, sobre as práticas que eram desenvolvidas para se alcançar o objetivo de educar o surdo dentro de uma concepção oral.

Defendemos que as agressões físicas que eles sofriam dentro dos Institutos e Escolas que utilizavam do oralismo como método educacional não conseguiam ser mais agressivas que as violências psicológicas que eles eram colocados durante todo o tempo. A obrigação da necessidade de aprender a “falar” e “ouvir” para ser um sujeito dito “normal” e aceito socialmente pela comunidade ouvinte, não era pior que se perceber como alguém “diferente”, alguém incapaz, uma pessoa que precisava ser salva, uma pessoa diferente que não tem a mesma condição de aprender como os outros a sua volta. Esse pensar era disseminado de forma bem expressa pelos que faziam parte do pensar oralista, pelos educadores que defendiam esse pensamento.

Naquele momento, que a orientação fornecida tornava o professor de surdos muito mais um terapeuta da fala, ou seja, seu trabalho estava muito mais voltado a uma atuação clínica. O que, por consequência, fez com que essas atividades se constituíssem na sua principal responsabilidade uma vez que subordinava o ensino das disciplinas escolares aos resultados satisfatórios da produção da linguagem oral. (SOARES, 1999, p.2)

Em leitura de uma tese de doutorado que logo se transformou em livro intitulado ***“Memória e História: A Indagação de Esmeralda”*** de autoria da Prof. Dr^a. Solange Rocha, me deparei com uma afirmação ainda mais intensa sobre a visão deturpada que as pessoas e os educadores da época tinham sobre o sujeito surdo. Em um dos capítulos do livro é

apresentado um hino que foi composto para se comemorar o primeiro centenário do INES¹⁵. O hino expressa exatamente a visão que os educadores da época tinham sobre a pessoa surda e seus objetivos na educação tendo como método o oralismo.

Hino Ao Surdo Brasileiro

Em nossa Pátria queremos
Dos surdos a Redenção;
Aos surdos todos levemos
As luzes da Educação.

Não mais o ensino antiquado
Nos simples dedos das mãos;
Com um processo avançado,
Salvemos nossos irmãos!

Oh! Felizes os que aprendem,
Sem poderem mesmo ouvir;
Com olhos a Fala entendem,
Na Esperança do Porvir!

Os mudos podem falar:
São, de certo, iguais a nós;
Compreendem pelo olhar:
Aos surdos não falta a Voz.

Avante, Mestres, avante!
Com orgulho prazenteiro,
Lidemos, a todo o instante,
Pelo surdo brasileiro!
A Escola combate a Dor;
Enche o Espírito de Luz;
Instrução é Luz de Amor;
Amemos como Jesus!

Quem luta pela Instrução,
Debaixo de um céu de anil,
Trabalha, de coração,
Pelo povo do Brasil!

Texto extraído do livro (Memória e História: A Indagação de Esmeralda. 2010. p. 85-86).

Com uma visão bem minuciosa e com base na teoria de De Certeau, podemos nesses versos identificar mais uma das estratégias dos dominantes, uma ação que de forma bem

¹⁵ O Instituto Nacional de Educação de Surdos que já foi chamado em 1856/1857 – Collégio Nacional para Surdos-Mudos de Ambos os sexos; 1857/1858 – Instituto Imperial para Surdos-Mudos; 1858/1865 – Imperial Instituto para Surdos-Mudos; 1865/1866 – Imperial Instituto dos Surdos-Mudos; 1957/ conhecido atualmente como – Instituto Nacional de Educação de Surdos.

apresentada e convincente, afirma a incapacidade e necessidade de salvação do sujeito surdo, e que essa salvação só poderia ser dada através da fala, da voz, colocando a utilização dos gestos como algo ultrapassado, sem importância e que não dava aos surdos a mesma condição que a oralidade poderia trazer para esses sujeitos. Essas estratégias construídas não são feitas de forma inocente, são construídas a partir de reflexões, com objetivos bem definidos e esperando respostas positivas das suas ações.

Em relatos já comprovados em outros textos que já foram apresentados por historiadores, pesquisadores e pelos próprios surdos que registraram como se processava as ações pedagógicas para a educação dos surdos dentro dos institutos, uma metodologia que “compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza e exclui, em uma palavra, “*normaliza*” (FOUCAULT, 1984, p.163). Sempre ficaram claros os maus tratos e as rígidas regras que eram exigidas sobre o comportamento desses alunos surdos. Atitudes que sempre colocavam o surdo submisso e dependente, uma educação mais voltada para o assistencialismo que para emancipação.

Porém, mesmo vivenciando toda essa repressão, sendo proibido de utilizar sua linguagem gestual dentro dos espaços escolares dos institutos, ficando presos a uma forma de comunicação que não dava a eles total liberdade de expressão e organização a partir da comunicação, já que alguns conseguiam desenvolver a oralidade e outros não, logo uns aprendiam a linguagem gestual e outros não, os surdos demonstram em uma atitude muito bem articulada, dentro daquilo que Michel de Certeau chama de tática ou a “arte dos fracos”, a “astúcia” daqueles que dependem de um momento propício para se mostrarem vivos e atentos aos processos sociais, como explica (De Certeau, 2004. p. 102). As táticas são – as circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez dos movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um “golpe”, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogênicos.

Em uma atitude inesperada, os surdos cansados da tirania de um dos diretores do INES, o senhor Mello Barreto, os alunos surdos desenvolvem um tipo de rebelião dentro do instituto como é descrito em uma das passagens do livro “*Memória e História: A Indagação de Esmeralda*”.

No dia 5 outubro de 1950, na gestão do diretor Mello Barreto (que era ligado ao Partido Social Democrático do Presidente Gaspar Dutra), os alunos promovem uma série de atos que iriam desestabilizar a rotina institucional. Atos esses que acabarão por inseri-los nas discussões da política que era

praticada no Brasil naquele período. O evento foi manchete do Jornal *O Globo*: *Revoltaram-se os Surdos-Mudos*.

Em entrevista ao Jornal o inspetor de alunos do Instituto Angélico Teixeira relatou:

(...) depois que grande parte dos internos já havia se recolhido ao leito, notou que em alguns compartimentos as lâmpadas eram acesas e apagadas sucessivamente, já desconfiado de que algo estaria para acontecer, permaneceu do lado de fora de um dos alojamentos, próximo dos interruptores das lâmpadas dos corredores a fim de guarnece-los. Mal tomava aquela providência, os alunos que já haviam desligado as lâmpadas dos corredores e no escuro se dirigiram para o pavimento térreo, onde depredaram a seção disciplinar, o gabinete do diretor, a secretaria e outras dependências... os amotinados já haviam quebrado camas e até atirado os colchões do terceiro pavimento. (Entrevista concedida ao Jornal *O Globo* em 6 de outubro de 1950).

A repercussão da rebelião foi tamanha ocupando as primeiras páginas dos principais jornais. O jornal *O Globo*, aliado de Carlos Lacerda, feroz opositor de Getúlio Vargas, levantava algumas hipóteses: *regozijo pela possível vitória de Getúlio para a presidência da república, maus tratos infligidos pelos inspetores ou agitação comunista*.

Texto extraído do livro (Memória e História: A Indagação de Esmeralda. 2010. p. 73-74, grifos do autor)

Independente de qual tenha sido a motivação desse manifesto, ou qual seria o cunho político que gerou essa atitude dos alunos surdos, o que importa observar nessa atitude é exatamente a estrutura em que foi organizada, a astúcia de se manter uma comunicação alternativa através das luzes, lembrando que a distância não permite a visualização da sinalização gestual devido ao campo de alcance da visão, como também não dominavam a oralidade para ter uma comunicação oral/auditiva, a utilização das lâmpadas é exatamente o uso inesperado de um recurso que não foi criado para essa utilidade, de sinalizar uma rebelião, porém, essa foi a utilidade desse produto nas ações dos surdos, superando assim, suas limitações no processo comunicacional.

Dessa forma, fica explícito que os indivíduos surdos não viviam em uma inércia social, eles não se mantiveram no lugar onde queriam que eles estivessem, mesmo vivendo uma grande opressão, esses indivíduos não deixaram de construir uma relação social entre seus pares surdos e com as pessoas ouvintes. Ainda que não existam muitos registros que demonstrem os meios que os surdos deram continuidade ao processo de comunicação, quais foram os meios apropriados, as ressignificações feitas ou construídas quando a gestualidade

foi proibida, podemos ter a certeza que, de maneiras diversas, ajustando recursos diversos, esses sujeitos se mantiveram vivos e em um processo dinâmico, numa sociedade majoritariamente ouvinte.

Todas essas reflexões expostas por De Certeau apresentam uma lógica de se pensar a vida de pessoas comuns que, em sua maioria, vivem de releituras, ajustamentos para conseguir melhor viver em seu meio social. Assim como foi com a comunicação, os seres humanos sempre buscaram construir, desenvolver mecanismos e dispositivos que servissem de ajuda, de auxílio nas suas práticas cotidianas. Uma dessas criações humanas que serviu de subsídio para uma evolução foi a criação de uma forma de comunicação, uma língua e uma linguagem que servisse de base para o entendimento entre essas pessoas que viviam em uma organização social.

Com os surdos não foi diferente, para se encontrarem enquanto ser social, o surdo teve que superar suas limitações e desenvolver seus signos linguísticos, sistema esse que proporcionou aos surdos uma potencialização nas suas expressões linguísticas, para assim, sobreviver em uma sociedade dominante que utiliza dos signos da língua oral para manter suas relações de domínio e poder sobre a comunidade surda.

3 – COMUNICAÇÃO E SURDOS: AS LINGUAGENS COMO CONSTITUINTES DA SUA INCLUSÃO

A ação de se comunicar é uma das principais necessidades dos seres humanos, torna-se um ato de existência, uma afirmação da sua capacidade cognitiva, emocional e racional. Neste caso, a comunicação é algo intrínseco ao homem e à sua natureza. A comunicação é algo tão próprio do ser humano, que diversas vezes de forma involuntária e inconsciente acaba acontecendo por meio de manifestações de expressões de gestos, olhares e sinais. Mesmo o homem que almeja de alguma forma evitar algum processo comunicativo faz uso da comunicação para expressar sua ideia de negação à comunicação.

Hoje, podemos afirmar que o desenvolvimento alcançado pela espécie humana se deve à evolução da comunicação, já que de natureza o ser humano é constituído por signos comunicativos. Esses signos, em um primeiro momento não se configuravam como a fala oralizada a qual é utilizada nos dias atuais pela maior parte dos indivíduos, mas sim por meio de sinais corporais (gestos) e foi a partir desse processo comunicativo que os seres humanos conseguiram iniciar um processo evolutivo mais significativo e desenvolver a sua língua e racionalidade que temos hoje.

É notório que a utilização dessa gestualidade ou linguagens com base em sinais corporais, utilizando membros do corpo e expressões faciais, foram utilizadas como recurso da comunicação antes mesmo da fala, ou seja, a comunicação com base em sinais vem desde a Pré-História, período que passa do homem primitivo até o surgimento da utilização da escrita. Sendo assim, podemos definir que tanto a comunicação, quando a gestualidade foram base para a evolução da humanidade.

Porém, quando falamos em comunicação de modo geral estamos deixando em aberto a definição desse conceito, o qual na verdade, agrega nele diferentes visões, sendo assim, podemos classificar a comunicação conforme propõem os dicionários. O termo seria apenas mais um substantivo feminino: “1. ato de comunicar; informação, aviso; 2. Passagem, caminho, ligação”. (Rocha 1997, p.154), como também na visão de alguns estudiosos que apresentam que comunicar é o simples fato de transmitir uma informação, ou até mesmo seria um campo de trocas e de interação que acaba permitindo a expressão de uma idéia ou opinião como também pode ser um espaço para o processo de ensinar e aprender. Assim, podemos pensar que comunicar seria conseguir uma verdadeira sintonia entre os seres, ou

simplesmente uma ação de aproximação, de dialogar, de tornar algo comum, acessível a todos.

(...)pode-se pensar na comunicação em duas grandes asserções: 1) A comunicação como o processo em que comunicadores trocam propositadamente mensagens codificadas (gestos, palavras, imagens...), através de um canal, num determinado contexto, o que gera determinados efeitos; e 2) A comunicação como uma atividade social, onde as pessoas, imersas numa determinada cultura, criam e trocam significados, respondendo, desta forma, à realidade que quotidianamente experimentam (...) (SOUSA. 2006, p. 22)

Quando pensamos em comunicar logo sabemos que para isso acontecer é necessário a ação de um emissor (o que emite/envia a mensagem), um receptor (o qual irá receber a mensagem), um canal (seria por onde ou o meio que a mensagem seria enviada) e a mensagem a ser enviada, essa mensagem deve estabelecer uma ligação lógica entre ambas as partes, ela deve ser carregada com significados e significantes que sejam entendidos e reconhecidos por quem está incluído no processo¹⁶. Esses signos utilizados na mensagem são os elementos que irão intermediar o processo de comunicação, seria ele o responsável da assimilação da mensagem.

E por que dizemos processo de comunicação, podemos notar que a comunicação é um processo que se desenvolve dentro de um espaçotempo e isso lhe permite um dinamismo de variações em seus signos permitindo diferentes entendimentos pelos seus interagentes, uma troca em que não é estabelecida uma linha limite já que o ato de comunicar se apresenta de forma parcialmente indeterminado e de certo modo eles também se tornam infinitos, pois seus recursos podem ter uma dinâmica de modificações de acordo com a sua utilização.

Esse signo que se apresenta só irá cumprir a sua finalidade se ele estiver convencionalizado de forma clara pelos seus interagentes, sem a convencionalização esse signo pode não cumprir o seu papel de informar, comunicar, tornar comum. Sendo assim, para que um signo seja compreendido e tenha um caráter comunicacional, ele deve seguir alguns princípios. O signo deve representar significado ao objeto que ele está sendo relacionado, para assim o receptor poder construir o seu conceito sobre o signo e poder fazer uma representação física do signo, sendo ela de forma gráfica, como também sonora ou visual.

¹⁶(...) a palavra processo designa um fenómeno contínuo que apresenta contínuas mudanças no tempo. Heráclito de Éfeso, um pensador pré-socrático, considerava que havia um dinamismo inerente às coisas. Para ele, tudo estaria em constante mudança, num devir permanente. Ele teria dito que o universo se poderia comparar a um rio. Não podemos nos banhar duas vezes nas mesmas águas correntes de um rio. (...) O conceito de processo está relacionado com esta movimentação das coisas, com a sua evolução em interação. (BERLO, 1985 p. 33).

Mas quais seriam ou quais foram os motivos ou necessidades que levaram os homens da pré-história a se comunicarem e quais devem ser as causas ou consequências que atualmente fazem do homem um ser extremamente comunicativo e de certo modo dependente desse processo? Como podemos perceber, a comunicação é algo indispensável para a sobrevivência dos seres humanos, e para a organização social e comunitária entre os seres e principalmente entre os homens, é através dessa comunicação que fazemos nossas transmissões sociais e culturais.

Em síntese, a comunicação ou a ação de comunicar para os seres humanos tem a intensão de nos integrar aos grupos sociais, como família, amigos e com a sociedade como um todo. A formação do indivíduo está ligada ao desenvolvimento desse processo comunicacional com seus grupos, pois será a partir desses grupos e dessas trocas que os indivíduos constroem-se como seres sociais, será na partilha de informações por meio da comunicação que eles irão estabelecer uma partilha de pensamentos, sentimentos e experiências.

Se uma pessoa ficar isolada de seus semelhantes, com alimentação e conforto físico garantidos, mas privada de qualquer forma de contato com o mundo exterior, tenderá a apresentar rapidamente sintomas de ansiedade. Uma manifestação básica dessa ansiedade será a necessidade de falar com outros (...) com o prolongamento da situação, a fala e o próprio pensamento deverão ficar desconexos e a pessoa começará a perder o autocontrole. Se a situação não for remediada a tempo, haverá uma desagregação psicológica, acompanhada de descontrole orgânico. O modo de remendá-la é fácil e evidente: basta romper o isolamento em que a pessoa se encontra. Com isso, ela poderá satisfazer a uma necessidade humana básica: comunicar-se. (...) (Verbete “Comunicação”. In: Enciclopédia Abril. São Paulo, 1972).

Mas e quando o indivíduo não é incluído ou inserido nesse processo de comunicação, de socialização, quando não se tem as condições básicas para manter uma comunicação com seus pares, o que vem a acontecer com essas pessoas e como elas são vistas pela sociedade majoritária que faz uso de determinado signo que não contempla uma minoria, que fica apática, limitada e sem condições de manter um processo de comunicação?

3.1 O surdo e sua história na comunicação: o fora da normalidade

Vimos acima que a comunicação é a base do desenvolvimento do homem, no que se refere ao emocional, cultural, social e cognitivo, é um instrumento que aproxima, transmite e

desperta no indivíduo o sentimento de ser incluído, reconhecido pelo meio que ele se relaciona. A partir dessa reflexão, me proponho a pensar sobre as pessoas que não se encaixam na normalidade comunicacional da grande maioria social. Como essas pessoas conseguem ou conseguiram se manter em contato com o meio que não utilizavam do mesmo signo linguístico que essa minoria?

Como sabemos, na sociedade existem diversas pessoas que estão fora do padrão de normalidade intelectual, comportamental, físico e comunicacional. Essa “anormalidade” acaba deixando esses indivíduos em situações degradantes e desumanas a depender da sua posição social. A história trata de forma bem clara e específica quais os tratamentos eram aplicados a essas pessoas que não se encontravam dentro do padrão de normalidade social.

Com o tempo as pessoas que eram diagnosticadas como anormais, começaram a ser chamadas de pessoas com deficiência. Esse termo traz em seu conceito uma visão médica de incapacidade e limitação. Um termo que é dado a todos os indivíduos que se encontram fora do padrão de normalidade estabelecido pela sociedade, uma normalidade que impõe um padrão único e exclusivo de indivíduo o dito “normal”, o qual não apresenta nenhuma anormalidade perante os olhos e os julgamentos artificiais da sociedade na qual se encontram inseridos.

Essa visão sobre as pessoas que nascem ou adquirem algum tipo de limitação, não foi criada na contemporaneidade. Essas atitudes excludentes e agressivas sobre aqueles que estão fora do termo “normal”, vem se perpetuando há séculos conforme coloca Bianchetti e Freire (2002). Característico dos povos na era do nomadismo, os homens tinham que ter força e agilidade à caça para promover o sustento da família, já as mulheres, deveriam se apresentar como boas protetoras e artesãs, zelando as crianças e fazendo as vestimentas necessárias para a sobrevivência.

Sendo assim, aquelas pessoas que de algum modo não se apresentavam dentro dessas características básicas de normalidade, foram mortas e/ou deixadas para morrer, as crianças para serem aceitas em suas famílias, passavam por uma análise rigorosa na hora do nascimento, se elas não atendessem à essas características básicas, elas eram sacrificadas. Exatamente por não representar em sua estrutura corpórea ou intelectual os padrões estabelecidos como normais.

E essas atitudes eram tomadas com qualquer pessoa que estivessem fora dos padrões estabelecidos, até mesmo os surdos que não apresentavam nenhuma deficiência corpórea,

acabavam sendo excluídos e mortos por não conseguirem ouvir. Como até o momento a comunicação tinha se apresentado como alicerce da evolução humana, de qual maneira poderia uma sociedade reconhecer como indivíduo ou até mesmo como ser humano uma pessoa que não detinha a capacidade de manter comunicação com seus pares? Como alguém que não dispõe da competência comunicativa pode ser igualada aos seres que pensam e expressam sua inteligência através dos recursos da comunicação?

Com o passar do tempo, o homem continua em um processo evolutivo, em meados dos anos 300 e 400 a.C, teve início a preocupação em entender a mente humana como também o comportamento humano a partir da filosofia, e um dos grandes nomes desse momento era o do filósofo Aristóteles que, de uma maneira bem persuasiva e firme, defendia a tese que o homem só poderia expressar seus conhecimentos e inteligência através da fala, se um homem não tem linguagem também não terá inteligência. Neste período a base da comunicação humana era a oralização, a utilização da vocalização como canal de comunicação, devido a limitação auditiva da pessoa com surdez, essas pessoas não eram vistas como humanos e sim como animas, pois para Aristóteles o que diferenciava os homens dos animais neste momento, era exatamente a capacidade da comunicação da expressão oral da sua inteligência.

Essa visão de Aristóteles jogava sobre o indivíduo surdo a incapacidade de aprender, de ser educado, já que ele acreditava que a audição era o que mais contribuía para a construção da inteligência e do conhecimento. (VELOSO E MAIA FILHO, 2009). Desta maneira, os surdos, por não terem uma comunicação, acabavam sendo excluídos socialmente e não sendo aceitos como seres humanos, como alguém que não tinha em si uma capacidade cognitiva.

Esse discurso de Aristóteles que antes também foi argumentado e afirmado por Platão, foi sendo passado de geração em geração, colocando sempre o sujeito surdo à margem da sociedade e da sua evolução em diversos segmentos. Porém, é chegado um determinado momento em que a mente humana começa a buscar respostas em outros vieses, uma vez que algumas respostas dadas na antiguidade já não satisfaziam uma nova mentalidade que era constituída e que vinha em um processo de evolução assim como sempre aconteceu com os seres humanos.

O momento histórico que começa a colocar alguns questionamentos voltados para as pessoas com deficiência é a chegada e as atitudes tomadas por um personagem que modifica

de forma considerada e positiva a visão sobre as pessoas com deficiência, que foi o reconhecimento dos milagres de Jesus Cristo para com os deficientes. Os milagres feitos por Jesus que são contados na Bíblia, começaram a apresentar uma salvação para aqueles que antes não eram vistos nem como seres humanos, as ações de Jesus em curar essas pessoas, mostraram que esses seres também detinham alma, eram seres humanos como qualquer outro, iguais à aqueles que o seguiam e viam nele a salvação para as suas mazelas.

“Naquele tempo abrir-se-ão os olhos dos cegos e destapar-se-ão os próprios ouvidos dos surdos. Naquele tempo o coxo estará escalando como o veado e a língua do mudo gritará de júbilo.” (Isaías 35:5, 6)

“A multidão ficou pasmada de ver os mudos falarem, e os coxos andarem, e os cegos verem, e glorificavam o Deus de Israel.” — Mateus 15:30, 31.

(...) O próprio homem curado disse: “Desde a antiguidade, nunca se ouviu falar que alguém abrisse os olhos de alguém que nasceu cego. Se este homem não fosse de Deus, não poderia fazer nada.” (João 9:32, 33)

(...) em Decápolis, uma região ao leste do rio Jordão, “ali lhe trouxeram um surdo com um impedimento na fala”. (Marcos 7:31, 32) Jesus não só curou o homem, mas também revelou uma profunda compreensão dos sentimentos das pessoas surdas. Jesus levou o homem “à parte, separado da multidão”, e o curou. De novo, os que viram isso ficaram “assombrados de maneira mais extraordinária”, dizendo: “Todas as coisas ele tem feito bem. Faz até os surdos ouvir e os mudos falar.” — Marcos 7:33-37.

Todos esses acontecimentos citados na Bíblia nos mostram uma transformação na visão sobre a pessoa com deficiência, que começa de forma bem discreta a ser percebida como indivíduo, como seres humanos, aqueles que não mais são animais, porém, carregam em suas pobres vidas, pecados e possessões demoníacas, que precisam ser cuidados e curados perante a graça de Deus. Essa visão não vai tirar o preconceito nem a exclusão que essas pessoas sofreram ou estavam sofrendo, mas torna-se uma atitude importante para o início de uma nova concepção sobre as questões atitudinais referentes às pessoas com deficiência.

Com a visão de que a pessoa que apresentava deficiência era obra do diabo na terra ou a expressão de Deus sobre aqueles que não o seguiam ou não seguiram os seus mandamentos, as pessoas que apresentavam alguma deficiência passam a ser vistas com um olhar mais de amparo, pessoas que precisavam de ajuda. Essa visão começa a modificar as atitudes da sociedade sobre esses indivíduos, eles agora já não eram mortos ou deixados para morrer, eles agora eram tratados pela igreja como seres que necessitavam do perdão de Deus e assim passam a ser internados em Santas Casas de Misericórdia.

Aos surdos, neste mesmo momento histórico, era proibida a comunhão, já que uma das atividades da comunicação seria a prática da confissão. (VELOSO e MAIA FILHO, 2009, p. 23). Neste sentido os signos linguísticos que poderiam ser criados pela comunidade surda da época para que os surdos mantivessem uma comunicação entre eles foram negados, rejeitados pela sociedade e pela Igreja, pois, seriam códigos que não trariam uma lucidez, não fariam sentido, já que a única forma reconhecida por eles seria a oralidade ou a expressão de forma escrita.

A partir dessa visão sobre as pessoas com deficiência e especialmente o surdo, a internação nas casas, que eram ligadas a igreja, passam a cuidar desses indivíduos. Eles começaram a ser tratados pelos padres e madres até atingirem a fase adulta, e é dentro das Casas de Misericórdia que se começa a pensar em uma educação voltada para os surdos. Veloso e Maia Filho (2009, p. 22).

Essa rotina da internação dos surdos em Santas Casas de Misericórdia começa a despertar interesses de pessoas sobre a educação dos surdos. Após os anos de 1500, aparecem pessoas que desejam descobrir sobre a capacidade dos surdos em aprender. Essa curiosidade sobre a capacidade cognitiva do surdo ultrapassou séculos e somente no século XVI, na Espanha, o Ponce de León, que representava a ordem beneditina, passa a desenvolver uma educação voltada para os filhos dos nobres que possuíam surdez, com o intuito de alfabetizá-los para poder assumir suas heranças e seus tronos. Gomes (2008).

Com o passar dos anos, esses surdos que foram jogados, segregados pela Igreja nas santas Casas de Misericórdia, começaram a desenvolver uma linguagem gestual própria, o que era para ser uma manobra de esconder, tratar ou salvar as almas desses surdos que estavam possuídos, na verdade a Igreja potencializou a capacidade do desenvolvimento linguístico desses indivíduos, a partir do momento em que juntou essas pessoas e os deixou terem contato uns com os outros, assim como qualquer ser humano na busca de sobrevivência e adaptações, eles conseguiram criar códigos linguísticos e manter uma comunicação entre seus pares.

Ponce de León, observando o comportamento dos indivíduos surdos percebeu que os “gestos” que eram feitos pelos surdos não eram de forma aleatória, existia naquela gestualidade sentido e significado nos códigos linguísticos que eram utilizados por eles. Assim, a partir da observação Ponce de León, desenvolve o primeiro modelo de alfabeto

manual, dando ao sujeito surdo possibilidade de manter uma comunicação entre surdos e ouvintes.

A primeira escola para surdos foi implantada no próprio monastério que Ponce de Léon vivia, a didática das suas aulas era baseada em um alfabeto Bi-manual, que se utilizava das duas mãos e alguns sinais simples desenvolvidos por ele mesmo. Na verdade o que se destacava e era apresentado nesta proposta educacional para a sociedade, inclusive muito bem exposto pelo próprio Ponce, era que essa educação, alfabetização do indivíduo com surdez era querer transformar esses surdos em pessoas “normais”. Porém o que mais se torna relevante é que mesmo tendo uma comunicação limitada, fica assim comprovado por Ponce de Léon que é possível ensinar conteúdos científicos e lógicos aos indivíduos surdos.

No século XVII, o professor Pablo Bonet obteve sucesso na alfabetização de um aluno surdo e com isso ele passou a se dedicar exclusivamente aos estudos sobre os enigmas da fala, estudando assim toda a estrutura linguística, acreditando que poderia fazer um surdo falar e, a partir desse pensamento, ele cria o primeiro método de ensino para surdos, o oralismo puro.

Essa metodologia trazia como proposta em sua concepção de ensino, os gestos (sinais), a competência da leitura visual para que assim culminasse na competência da escrita e por fim o desenvolvimento da fala. Com base nesse conceito oralista, foi fundada na Alemanha a primeira escola oralista para surdos, porém, devido às visões limitadas da época e sem conseguir ganhar muitos espaços nos discursos educacionais, como também a falta de alunos, já que essa escola se tornava um investimento muito alto para as famílias desses surdos, entretanto, esse método com o tempo foi ganhando seus espaços e apresentando alguns resultados. Com isso, na França, o movimento e o interesse sobre a educação dos surdos passam a ganhar ainda mais prestígios entre os estudiosos, e o oralismo torna-se uma base para educação dos surdos.

Mas, indo de encontro a esse movimento que acreditava fazer os surdos falarem e trazendo uma visão de educação mais popular, o Abade Charles Michel L’Epée, acaba se doando a educação dos surdos de baixa renda, ele se interessa em aprender os sinais utilizados por esses surdos que se encontravam fora da educação oralista e utilizava os gestos (sinais) para se comunicarem. E, assim, L’Epée acaba transformando sua própria residência em um espaço de ensino e educação para surdos, tendo como base metodológica somente a língua gestual de sinais francesa, que segue baseada na utilização da gramática francesa sinalizada,

que ficou conhecida pela nomenclatura de “Sinais Metódicos” (VELOSO e MAIA FILHO, 2009).

Ao passar do tempo, a língua de sinais, que neste momento da história já se encaminhava para uma concepção de língua, se mostra uma recurso de utilidade e expressão para comunidades surdas. Com a evolução dos estudos na área, a língua de sinais francesa dá origem aos estudos dos surdos norte-americanos que a tomam como base para começar a criar culturalmente a língua de sinais americana, fazendo uso das características culturais e particulares dos surdos locais.

Porém a luta pelo oralismo não havia sido esquecida e em 1846, surge uma das figuras mais importantes desta causa, o então pesquisador Alexander Grahn Bell, que pregava sua visão sobre a língua de sinais e dizia ser um conjunto de códigos sem objetividade e que se apresentava como sendo inferior à fala. Para esse pesquisador, a língua de sinais não representava uma língua, era simplesmente um apoio a ser utilizado para se aprender a língua oral. (VELOSO e MAIA FILHO, 2009).

Com essas discursões sobre a educação dos surdos que tiveram início na Europa e ganharam visibilidade em diversos países, logo ganharam espaço também no Brasil, tanto que o então imperador Dom Pedro II, convida o professor de surdo Eduard Huet, para fundar a primeira escola de surdos no Brasil que ficou conhecida como ISM (Instituto de Surdos-Mudos) que foi fundada no ano de 1857, e não demorou muito para se chamar INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) que passa a ser referência em todo o Brasil. Essa escola, assim como a escola dos Estados Unidos, teve como base inicial o alfabeto manual francês, que de uma forma bem natural e dinâmica foi difundido entre os surdos brasileiros. (VELOSO e MAIA FILHO, 2009).

No ano de 1880, ocorre o Congresso de Milão que visa discutir especialmente os métodos de ensino das línguas, e mais uma vez a língua de sinais passa a ser questionada, é colocado em votação o método mais plausível para o ensino de língua para surdo e por uma eleição cujo voto só era permitido para professores ouvintes, os surdos não participaram, ficou escolhido o método oralista que passa a negar a utilização das línguas de sinais. (HONORA e FRIZANCO, 2009).

Em 1960, o pesquisador Stokoe desenvolve uma pesquisa com duas realidades diferentes sobre os surdos, um grupo seriam surdos filhos de família ouvinte, e um outro grupo de surdos filhos de família surda. O que ele destacou era que os surdos que nasciam em

uma família surda e usavam a língua de sinais em casa obtinham melhor desenvolvimento escolar e social, já que a língua de sinais apresentava a eles uma nova visão de mundo, e será a partir dessa pesquisa que fica acordado que seria utilizada na educação de surdos uma nova modalidade de ensino: a “comunicação total¹⁷”.

Com base também na pesquisa de Stokoe, foi percebido que os sinais que eram utilizados por essas famílias em casa, não eram feitos de forma aleatórias, existia uma estrutura linguística que permitia que essa língua (sinais), fosse ensinada e utilizada, e foi nesta observação que ele destacou os primeiros parâmetros linguísticos da língua de sinais, CM (configuração de mão), PL (ponto de locação) e M (movimento). Com esses três parâmetros, os surdos começam a desenvolver uma nova língua de sinais, agora estruturada dentro de um padrão igualitário.

As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua dos sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. (QUADROS E KARNOPP, 2004, p.30)

A percepção de Stokoe foi fundamental para comprovar a eficácia da língua de sinais no processo de comunicação entre surdos e com surdos e ouvintes, já que os questionamentos que eram feitos sobre as suas características linguísticas e comunicacionais, passam a ser respondida de forma mais explícita e evidente, pois, agora, a língua de sinais começa a ser encaixada nos pré-requisitos de uma língua genuína, mesmo os educadores de surdos sabendo que os sinais poderiam ser comparados à fala, essa estruturação gramatical exposta por Stokoe, concede às línguas de sinais um verdadeiro status de língua e não somente de um meio gestual de comunicação.

As Línguas de Sinais são línguas naturais porque, como as línguas orais, surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque, devido à sua estrutura, permitem a expressão de qualquer conceito – descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato – enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano. (BRITO. 1997, p. 19)

¹⁷A Comunicação Total era o ensino do Surdo por todos os meios de comunicação, oral, gestual, mímica entre outros recursos. (GOLDFELD, 2002).

Com os avanços nos estudos das línguas de sinais e com a luta desses surdos por uma educação de qualidade e que respeitasse sua língua, em 1994 é assinada por diversos países a Declaração de Salamanca, que assegura a inclusão dos alunos com ou sem deficiência no ensino regular e respeitando suas necessidades educacionais especiais. Desta forma, a luta da comunidade surda passa a ganhar força em todo o mundo e com isso os surdos começam a se organizar e ter uma representação cidadã participativa. No Brasil, a grande vitória da comunidade surda foi o reconhecimento da Libras como meio legal de comunicação e expressão no ano de 2002, pela lei 10.436/02. Em dezembro de 2005 é lançado o Decreto 5.626/05, que reafirma a importância da Libras e assegura, mais detalhadamente, os direitos das pessoas surdas, tanto na área da educação quanto no âmbito social de direito a acessibilidade linguística.

Após uma história repleta de preconceitos, agressões e discriminações, a comunidade surda vem superando a cada dia as dificuldades que são encontradas no seu cotidiano, principalmente nas barreiras comunicacionais. Hoje, os surdos não estão mais se limitando às línguas de sinais, eles descobriram e desenvolveram um leque de possibilidades que os auxiliam na sua relação com as pessoas e com o mundo. Uma desses dispositivos foi a utilização das tecnologias que, de forma bem acessível, ofereceu a esses surdos possibilidades infinitas de superação das dificuldades ainda encontradas no seu cotidiano.

Porém, toda a historiografia que se construiu sobre o sujeito surdo, não apresenta de fato as performances que esses indivíduos desenvolveram para sobreviver a tantas opressões, preconceitos e crimes. Até o presente momento não encontrei de fato uma teoria que consista em esclarecer de qual maneira a comunidade surda conseguiu superar todas as práticas sociais de que os colocavam como sujeitos incapazes e impossibilitados de evolução, ou seja, quais estratégias e táticas as comunidades surdas empreenderam ao longo da história para se reinventar e sobreviver? Quais astúcias desenvolveram para não apenas sobreviver, mas, também, para reinventar seu cotidiano e se sentirem livres, saudáveis e incuídos? Porém, a partir de pesquisas e estudos, acabo encontrando em Michel de Certeau uma possível explicação de como os surdos conseguiram superar suas exclusões sociais e culturais.

3.2 O sujeito surdo e culturas digitais

A surdez como vem sendo apresentada neste texto, sempre foi apontada como o problema do surdo, seria essa a situação problema que impede o surdo de ser inserido,

incluído em uma sociedade onde sua grande maioria é representada por sujeitos ouvintes. Essa “deficiência” que impede o surdo de “evoluir”, de ter uma relação “normal” com outras pessoas, fica a conta de que eles não conseguem manter uma comunicação, não conseguem utilizar com perfeição os signos linguísticos da comunidade ouvinte e sua gestualidade não consegue expressar também uma comunicação significativa com aqueles que convivem.

Após toda a discussão que vem sendo travada sobre estratégias e táticas dentro das relações de poder que envolvem a comunidade ouvinte e a surda, fica explícita a existência tendenciosa do domínio da cultura oralizada/ouvinte sobre a comunidade surda. Uma relação de domínio que tem como base a comunicação, a “língua”, esta língua que é vista e utilizada como recurso de domínio, de submissão.

Os surdos em toda sua história sempre estiveram em uma situação de desvantagem, tanto em relação à comunicação como em outros aspectos sociais. Mas como foi colocado acima, mesmo eles estando nessas situações sempre buscaram meios para superar essas condições excludentes, lutando pela sua língua numa modalidade gesto/visual e fazendo apropriações de meios que não foram pensados para as suas necessidades, mas que eles se apropriaram e acabaram fazendo uso e ressignificando produtos e meios. Com a evolução tecnológica na sociedade ganhando cada vez mais visibilidade, os surdos também perceberam a sua grande utilidade nessa batalha a favor da sua comunicação.

Quando as mídias¹⁸ começam a ganhar espaço na sociedade de forma um pouco mais igualitária, os surdos percebem a potencialidade que esses meios poderiam possibilitar para a sua comunicação, com isso, começa uma nova perspectiva na comunicação da pessoa com surdez e em uma forma de comunicação que pudesse favorecer a comunidade surda. A utilização das tecnologias virtuais sempre foi um dos caminhos utilizados pelos surdos como mecanismo de organização e divulgação das suas lutas políticas e ideológicas.

O uso da televisão e do vídeo foi o primeiro passo dado para um novo caminho na comunicação entre essas pessoas, mesmo a TV e o vídeo que não foram criados para a comunicação entre pessoas surdas, tem uma base totalmente visual e os surdos perceberam a potencialidade desses meios reafirmando o que coloca De Certeau sobre as táticas dos fracos, assim, após a apropriação eles constituem uma nova forma de uso, trazendo para sua realidade e superando suas necessidades.

¹⁸Mídias são meios, e meios, como o próprio nome diz, são simplesmente meios, isto é, suportes materiais, canais físicos, nos quais as linguagens se corporificam e através dos quais transitam (SANTAELLA. 2003. p. 116)

Como atualmente houve uma explosão das redes sociais por meios das tecnologias digitais, os surdos, assim como os ouvintes, são interagentes dessas redes e começam a perceber e utilizar do potencial oferecido pelos ambientes digitais assim como fizeram com a TV e o vídeo. Essas redes que são constituídas por interagentes possibilitam um universo de caminhos para a superação das exclusões sociais vivenciados por esses alunos surdos.

Esses ambientes digitais, ao contrário do que se pensa, não se caracterizam como irreais, e sim como algo que não apresenta limites. A virtualização segundo Lévy (1996) é um dos principais fatores contemporâneos da criação do real, o virtual nesse sentido se apresenta como mais um meio de se representar o real, mas agora, dentro de possibilidades diversas. Os surdos perceberam que nos ambientes digitais as barreiras linguísticas que de algum modo poderiam impedir a sua interatividade com o mundo, torna-se superável, o virtual tanto concretiza o encontro real entre os surdos e ouvintes a partir do ambiente virtual, como os possibilita a superar as dificuldades regionais e linguísticas, já que no virtual a ausência física da pessoa, não interfere na relação ali construída, bem como suas limitações físicas e biológicas.

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”, se desterritorializam. Nem por isso deixam de existir, ou de ser humano, apenas ocorre um desengate entre espaço físico ou geográfico, entre a temporalidade do relógio e o calendário. (LÉVY. 1996. p. 21)

Todas essas possibilidades oferecidas aos surdos acabaram servindo como suporte indispensável do seu acesso e produção de conhecimento a partir das relações criadas nestes espaços virtuais, que passam a ser caracterizados como um ambiente igualitário, sem limites ou distinção de qualquer gênero como expõe Santaella (2003). Esses espaços são interessantes porque se desenvolveram sem existência de um plano centralizador, mantendo um formato similar aos dos patos voando em formação: mesmo na inexistência de um comando, suas peças se ajustam de modo admirável.

Essas relações construídas a partir das afinidades entre interagentes no mundo virtual, sob a utilização das tecnologias, começam assim a propiciar uma nova visão sobre a questão da formação cultural e das características culturais que acabaram possibilitando uma nova visão, uma nova experiência cultural, neste caso se desenvolvem as culturas digitais, que passam a ser construídas a partir da utilização dessas novas tecnologias e acabam facilitando aos indivíduos uma maior interação e proximidade, independente da relação espaço-tempo.

Essa facilidade de construção das relações mediadas pelas culturas digitais oferece ao indivíduo surdo mecanismos de criação de laços afetivos e educacionais, colocando-os interligados a outros surdos, vivenciando outras experiências, outras lutas políticas em lugares diversos, construindo assim conhecimentos e experiências distintas já que, esse sujeito se transforma na era digital em um sujeito multiplicado, disseminador e descentralizado, continuamente interpelado como uma identidade instável Santaella (2003).

Dessa maneira, o interagente surdo que mantém uma relação diária e próxima dentro do ambiente virtual, tem a chance de ser consumidor e criador de conhecimento, dentro de um espaço não físico que de acordo com autores e pesquisadores da área, transformou-se no “ciberespaço”, que designa ali, o universo das redes digitais como o lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. Santaella (2003).

Para o interagente surdo, o ciberespaço além de oferecer um leque de possibilidades nas formas de sociabilidade e interação no mundo virtual, também facilita uma comunicação entre esses indivíduos, já que neste ambiente, não se fecha e limita a um só tipo de veiculação de informações, não existe somente uma técnica a ser utilizada nas transmissões, divulgações dos conhecimentos e informações, o ciberespaço neste sentido multiplica e diversifica os modelos e formas de comunicação existente na sociedade fora do ambiente virtual.

Os ciberespaços se apropriam promiscuamente de todas linguagens pré-existent: a narrativa textual, a enciclopédia, os quadrinhos, os desenhos animados, a arte do ventríloquo e das marionetes, teatro, o filme, a dança, a arquitetura, o designer urbanos (SANTAELLA. 2003. p. 125).

Esse novo modelo de relações criadas no “ciberespaço” possibilita ao surdo um universo de caminhos a ser trilhado, tornando esse interagente, um desbravador de conhecimentos. As relações que são criadas nesses espaços, também ficam sendo entendidas como comunidades virtuais que se apresentam como ambientes comunicacionais, dentro do ciberespaço, um ambiente de encontro, construção e reconstrução cultural, já que nessas comunidades a troca de informações e conhecimento propicia um acesso inesgotável de assuntos e conteúdos a serem trocados, debatidos e divulgados.

Uma comunidade virtual é constituída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. (LÉVY. 1999. p. 127)

Nesse sentido, o interagente surdo que se coloca como praticante desse movimento está aberto a sofrer todos os tipos de influências e interferências culturais que ali sejam consumidas, já que eles não serão discriminados, nem excluídos devido à sua limitação linguística.

Essas comunidades virtuais têm o poder de construir ambientes comunicacionais nas redes, oferecendo aos seus interagentes todas as experiências que costumam acontecer quando as pessoas se encontram em ambientes reais, oferecendo-lhes os rituais considerados adequados para um relacionamento real. O grande diferencial desses ambientes e das comunidades virtuais, é que as pessoas se comunicam e constroem essas relações a partir da interface¹⁹ do computador, por meio de palavras e outros recursos audiovisuais que estão disponíveis como dispositivos para facilitar e propiciar ao interagente experiências diversas. Fazemos tudo que fazem as pessoas quando se encontram, mas o fazemos com palavras e na tela do computador, deixando nossos corpos para trás. Santaella (2003)

Sendo assim, o surdo que utiliza essas comunidades digitais não se encontram em atraso comunicacional, porque ali ele não fica limitado pela sua língua, a Libras, já que existe uma infinidade de possibilidades ofertadas por esses ambientes ou mesmo fora dele que os surdos integram aos ambientes, que acabam suprimindo todas as limitações individuais dos seus praticantes. O modo de usar esses dispositivos torna o Ciberespaço e as comunidades virtuais em um campo de constante construção de conhecimento para o surdo, já que neste local, não existem limitações para a transferência e consumo de conteúdo.

Seguindo o fluxo das possibilidades oferecidas pelos ambientes virtuais, o poder do computador acaba sendo levado ao seu máximo, na criação de uma nova forma de utilização midiática, que ultrapassa as limitações individuais e potencializa as relações comunitárias, quebrando a lógica de espaço (geográfico) e tempo, já que hoje por conta dos ambientes virtuais, das redes, dos computadores, do ciberespaço e principalmente das culturas digitais, seus interagentes se transformam em cidadãos do mundo e que na participação dessa nova cultura não existem barreiras nem fronteiras. Essa nova cultura que se instala a cada dia mais forte, traz uma lógica que rompe com os processos construídos fora das culturas digitais.

¹⁹Uma interface está entre o humano e o maquinário, uma espécie de membrana, dividindo e ao mesmo tempo conectando dois mundos que estão alheios, mas também dependem um do outro. (POSTER. 1995 p. 20-21).

Essa nova lógica na construção e troca de conhecimento não segue o processo em que, o conhecimento está em um lugar ou em uma pessoa e será transmitido para os outros. Hoje o conhecimento dentro das culturais digitais é mutável, a não linearidade é uma propriedade do mundo digital. Nele não há começo, meio ou fim. Quando concebidas em forma digital, as ideias tomam formas não lineares (SANTAELLA, 2003). Nesse sentido, as formas de utilização das mídias digitais nestes ambientes não se apresentam como algo fechado e limitado, as possibilidades da utilização das mídias digitais tomam um universo que foge à lógica do conhecimento fechado e limitado, rompem com a verdade absoluta, essas formas de utilização das mídias que neste instante começam a ser vistas como hipermídias, utilizam o poder do computador para arquivar, recuperar e distribuir informações na forma de figuras gráficas, textos, animações, áudio, vídeo (SANTAELLA, 2003).

Todas essas possibilidades acabam produzindo infinitas maneiras de suprir as necessidades comunicacionais do interagente surdo no ambiente virtual. As hipermídias que é vista por Santaella como:

[...]um sistema de comunicação eletrônica global que reúne os humanos e os computadores em uma relação simbiótica que cresce exponencialmente graças à comunicação interativa. Trata-se, portanto, de um espaço informacional, no qual os dados são configurados de tal modo que o usuário pode acessar, movimentar e trocar informação com um incontável número de outros usuários. (SANTAELLA, 2004, p.45)

Desta maneira, as hipermídias tornam o acesso e as relações dos surdos mais produtivas, já que os recursos visuais e textuais são os alicerces da construção de conhecimento do indivíduo surdo, como os recursos gráficos, textuais e de vídeos que são bastante utilizados dentro das culturas digitais, e muitas vezes todos esses recursos estão sendo utilizados de maneiras híbrida²⁰. A participação desses interagentes torna-se ainda mais efetiva, já que eles se sentem contemplados e tem assim, a oportunidade não só de consumir o que é veiculado nas redes, mas também, virar produtores de conteúdos que podem ser lançados em rede e consumidos por outros surdos ou ouvintes, já que essa distinção entre pessoas, não inviabiliza uma relação de troca e construção de conteúdo.

Todas essas novas maneiras de fazer e construir conhecimento e de manter relações, acabam criando novos usos dos dispositivos das culturas digitais. Hoje não existe mais um

²⁰A hibridação não seria sinônimo de fusão, Garcia Canclini considera a hibridação um processo de intersecções entre os dispositivos. (CANCLINI: 2003, p.17)

limite para a criação, as hipermídias tornaram-se pilares das novas formas de relações construídas em ambientes virtuais, a sua característica de não linearidade coloca o praticante em um movimento infinito de formas diferentes de viver e se encontrar vivendo dentro desta nova cultura que vem sendo construída a partir da aquisição e utilização dessas culturas digitais.

A não linearidade das mídias já está encarnada na própria maneira de viver. É certo, porém, que essa descontinuidade é levada a extremos nas mídias que nos dão a capacidade de acessar qualquer ponto randômico e, então, facilmente saltar para outro, sejam esses pontos página de um processador de texto (...) ou qualquer outra coisa ligado, em qualquer lugar do mundo ligado a rede de internet. (SANTAELLA. 2003. p. 97).

Com essa nova compreensão sobre as relações que passam a ser construídas dentro dos ambientes virtuais, e mediadas pelas culturas digitais, podemos começar a perceber que se cria uma nova visão sobre como entendemos cultura que, dentro da lógica das culturas digitais e do ciberespaço, já não existe somente uma cultura física e palpável, que represente somente um povo ou uma nação. Hoje, conectado aos ambientes virtuais e redes sociais, o indivíduo não é mais cidadão local, ele passa a ser cidadão do mundo, já que não fica preso a somente uma visão cultural, ele agora passa a conhecer, participar e interferir em outras culturas diversas e em lugares múltiplos. Esse novo olhar e viver culturalmente, interligado com o mundo, acabou criando uma nova cultura, um novo modo de viver, onde podemos chamar de “Cibercultura”.

A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do sabe, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. (LÉVY. 1999. p. 130)

Desse mesmo modo, o surdo hoje não vive ligado somente em uma e exclusiva cultura, devido a essa imersão dos surdos nas culturas digitais, não podemos falar de “cultura surda”, pois esses praticantes surdos que se conectam no mundo digital não estão se conectando somente a uma realidade cultural, mas em várias culturas. Por isso, necessitamos perceber que hoje devemos falar em “culturas surdas” assim como em “culturas digitais”, já que esses praticantes influenciam e sofrem influências das outras representações culturais, as quais estão conectados. Assim, a partir das experienciais acumuladas durante as relações

construídas nos ciberespaços esses indivíduos passam a estabelecer uma nova visão de mundo com um olhar mais crítico e politizado uma vez que agora não se trata mais do surdo local, do surdo da cidade “X” ou “Y”, hoje estamos nos relacionando com um surdo totalmente conectado ao mundo e às suas mudanças.

Toda essa interatividade apresenta a relação que as culturas digitais propiciam aos seus interagentes. Não existe hoje uma única forma de fazer ou de usar as tecnologias, os modos de fazer, já não se limitam a um padrão, a informatização concedeu no seu uso, a infinidade de criações que favorecem o estabelecimento de comunicação entre os diversos mundos existentes em todo o planeta. A microinformática que se apresenta como base da cibercultura foi a principal ferramenta a ser apropriada pelos interagentes e utilizada como ponte entre as relações sociais, apresentando uma democratização do uso da microinformática que vai além do seu uso técnico.

A democratização dos computadores vai trazer à tona a discussão sobre os desafios da informatização das sociedades contemporâneas, já que estes não só devem servir como máquinas de calcular e de ordenar, mas também como ferramentas de criação, prazer e comunicação; como ferramenta de convívio. A microinformática, base da cibercultura, é fruto de uma apropriação social. Como sabemos, a sociedade não é passiva a inovações tecnológicas, sendo o nascimento da microinformática um caso exemplar, mostrando a apropriação social das tecnologias, para além de sua funcionalidade econômica ou eficiência técnica. (LEMOS. 2002. p. 112).

Com base no que é exposto por Lemos, podemos perceber como as comunidades surdas se apropriaram das tecnologias como meio para superar suas dificuldades sociais, as atitudes desses interagentes surdos mostram como eles são influenciados e influenciam dentro das culturas digitais, já que é na utilização dessas tecnologias que esses indivíduos ultrapassam barreiras nas suas produções e aquisições de produtos culturais, que são compartilhados e discutidos nos ambientes digitais.

Hoje, a utilização das tecnologias nos apresenta uma nova forma de sociabilidade, um novo olhar sobre as relações sociais construídas em rede. Essas relações passam a ser concretizadas na medida em que o interagente passa a fazer das comunidades virtuais o eixo das suas discursões, escolhas e motivações. Durante o uso das tecnologias como meio de sociabilidade e de construção de conhecimento, esse interagente rompe com uma visão

fechada sobre as verdades ditadas nos ambientes de poder que estão estruturadas dentro de uma visão finita, como a “escola”²¹.

Com a cibercultura, a inteligência ou a construção de conhecimento passam a ser de forma coletiva, já que as verdades que formam os mundos fora dos espaços virtuais se encontram durante as relações mantidas nos ambientes virtuais, em que não se existe uma verdade absoluta e finita, existem verdades e assim, o interagente não mais se fecha a uma atividade mental de transmissão, ele agora vive uma eterna mutação dos conhecimentos, uma coletividade de verdades e informações que colocam em eternas reflexões e discussões.

Como é exposto por Santaella (2003), a cultura impressa constituiu o indivíduo como um sujeito de identidade fixa e estável, já as culturas digitais vêm para romper com esse sujeito de inteligência individual e limitada, os interagentes da rede se conectam e constroem conhecimento a partir de uma inteligência coletiva, onde as possibilidades e visões sobre o objeto discutido, tomam grande proporções por existirem diferentes verdades e isso leva aos interagentes da rede tecer uma rede de informações de diversas visões quebrando desse modo com as verdades já ditadas dentro de uma única visão dominante e inflexível.

Essa possibilidade de construção coletiva de conhecimento que é ofertada pelas culturas digitais de forma descentralizada, possibilita ao interagente surdo, não só conhecer as verdades e conhecimentos impostos por uma sociedade preconceituosa e excludente, como foi feito durante todo o seu processo educacional. Dessa vez, os surdos não se colocam somente no lugar de receptor, eles agora têm os dispositivos para também virarem produtores dos seus conhecimentos, terem acesso não somente àquilo que outras pessoas julgam ser relevantes para eles, mas ter o acesso ao que esses surdos acham importante para si próprios, terem acesso a culturas que jamais teriam, de terem e conhecerem coisas que eles seriam impossibilitados e, acima de tudo, construir seu conhecimento e poder compartilhá-lo, dando assim seguimento ao ciclo da inteligência coletiva. Hoje, o sujeito surdo que se encontra imerso nas culturas digitais vive um novo momento histórico, deixa de ser o incapaz e limitado, para virar grande difusor e construtor de conhecimento de forma coletiva e igualitária, totalmente conectado às culturas digitais.

²¹“instituições capazes de capturar nossos corpos por tempos variáveis e submetê-los a variadas tecnologias de poder”(Veiga-Neto, 2003:91).

4 – DIALOGANDO COM AS MANEIRAS DE FAZER DOS PRATICANTES SURDOS NO FACEBOOK: ALGUMAS ASTÚCIAS DOS ACADÊMICOS SURDOS

Conforme exposto anteriormente, a presente pesquisa contou com a participação de 15 alunos surdos da Universidade Federal de Sergipe, de um universo de 31 alunos surdos matriculados nos diversos cursos de graduação. Esses 15 alunos foram selecionados com base em uma análise feita previamente a partir das observações e acompanhamentos dos seus perfis no *facebook*, tendo como foco das observações as suas publicações e participações em grupos temáticos, grupos de discussões e estudo. Assim, foram selecionados os 15 alunos mais ativos na rede *facebook*, esses que serão representados pelas siglas “S-1”, “S-2”, “S-3”, “S-4”, “S-5”, “S-6”, “S-7”, “S-8”, “S-9”, “S-10”, “S-11”, “S-12”, “S-13”, “S-14”, “S-15”, para assim, preservar as identidades dos participantes.

Dos alunos surdos selecionados, houve uma maior representatividade dos alunos do curso Letras-Libras, por ser o curso com maior número de alunos surdos matriculados na UFS. Esses alunos têm uma faixa etária que varia na idade entre 21 e 32 anos, todos são usuários da Libras e fazem da mesma seu principal meio de comunicação em rede. E foi através de uma entrevista em língua de sinais que alcançamos os dados apresentados nesta pesquisa.

Como a entrevista feita com os alunos surdos necessitou de uma estratégia diferenciada devido ao seu canal comunicativo, faz-se necessário o uso do suporte do vídeo e da comunicação por meio da Libras durante todas as entrevistas, haja vista que o surdo necessita do canal viso/espacial para expressar sua língua. Dessa maneira, todas as entrevistas foram gravadas em vídeo, assim como as respostas dos alunos. Após o momento da entrevista, esses vídeos foram analisados cuidadosamente e feita uma transcrição e não uma tradução, pois, escolhemos deixar a fala dos alunos fiéis a sua língua de sinais. Como a Libras segue uma estrutura sintática diferenciada da língua portuguesa, a escrita não estará dentro dos parâmetros sintáticos do português, podendo causar estranheza nos leitores que não estão acostumados a essa escrita.

Todos os alunos selecionados durante a entrevista se reconheceram como surdos²² e não como deficientes auditivos²³, pois expressaram bem a sua visão sobre as identidades e

²² Grupo que se reconhece como uma minoria linguística que desenvolve a partir da língua de sinais uma cultura e identidade própria.

²³ Visão clínica/médica devido a funcionalidade limitada do aparelho auditivo, dando ao sujeito um status de deficiente, vendo-o como um ser limitado.

culturas surdas. Dos 15 alunos entrevistado 14 foram alfabetizados dentro de uma concepção oralista, a qual negava a comunicação através da utilização dos sinais e fazia da voz o seu principal meio de comunicação. Somente um aluno foi alfabetizado e teve contato com a Libras desde os seus primeiros anos de vida, tanto dentro do contexto familiar como educacional.

4.1 - O sujeito surdo e o início da comunicação no contexto familiar e educacional

Com a preocupação de apresentar na pesquisa um contexto geral do que estamos abordando, foi decidido partir do primeiro grupo social que a criança “surda” ou “ouvinte” tem contato: a família. Podemos compreender esse grupo social como a origem da construção social do indivíduo, pois é a partir dela que o sujeito passa a ser formado, construído e desenvolve a sua capacidade comunicacional. Também será nesse primeiro grupo que será construído nos indivíduos seus valores socioculturais e estes valores irão contribuir diretamente na formação do caráter dessa pessoa.

O processo educacional inicial e os cuidados na infância são percebidos como alicerce para o desenvolvimento cognitivo e geral desse ser. Não são os únicos, nem são apenas eles determinantes em seu desenvolvimento, mas na família costuma-se iniciar seu processo de desenvolvimento. Sendo assim, a interação e as relações criadas dentro desse contexto irão influenciar toda a vida do sujeito, o que não podemos esquecer é que, todos esses valores, ensinamentos e trocas, são mediados por um processo de comunicação desenvolvido dentro deste núcleo social que chamamos de “família”. Essa comunicação ofertada ao novo indivíduo acolhido, gera ensinamentos que será transmitido por um canal que geralmente é a oralidade.

Esse processo comunicacional, mediado pela oralidade, se tornou um dos principais meios para as transmissões e trocas dentro desse contexto social. Porém, o que fazem as famílias que se deparam com a situação de ter em seu meio social uma criança diagnosticada com surdez? Essa reflexão apresenta uma oportunidade de repensar o contexto social da família. Acolher e formar um indivíduo que irá compartilhar dos mesmos processos formativos que todos que estão inseridos no meio, torna-se uma atividade um tanto complexa, e como fazer para formar um indivíduo que não compartilha dos mesmos processos comunicacionais que a maioria?

É a partir dessa situação, que os problemas começam a aparecer na vida do sujeito surdo. Como será crescer e receber uma formação, em que a comunicação não existe por completo, ou em muitas vezes chega a não existir? Como iniciar um processo de construção social com um sujeito que não compartilha dos mesmos códigos linguísticos que a maioria? Como superar um problema que parece ser tão simples, porém, tem o poder de influenciar em toda a formação do indivíduo enquanto ser social, enquanto integrante de um grupo, como expõe Laboritt.

Os adultos ouvintes que privam seus filhos da língua de sinais nunca compreenderão o que se passa na cabeça de uma criança surda. Há a solidão, e a resistência, a sede de se comunicar e algumas vezes, o ódio. A exclusão da família, da casa onde todos falam sem se preocupar com você. Porque é preciso sempre pedir, puxar alguém pela manga ou pelo vestido para saber, um pouco, um pouquinho, daquilo que se passa em sua volta. Caso contrário, a vida é um filme mudo, sem legenda (LABORITT 1994, p.59).

Os problemas comunicacionais que tem origens na família irão influenciar por toda a vida do indivíduo com surdez. As dificuldades extremas de comunicação irão trazer para os surdos problemas diversos nas suas leituras de mundo e no seu processo de interação social, trazendo a esse sujeito dificuldades nos seus processos educacionais, sociais entre outros. Essa falta de comunicação que inicia na família e que traz para o surdo desvantagens incalculáveis, ficou bem exposta nas entrevistas que foram realizadas, em que os alunos expressaram todas as dificuldades encontradas nesse início de vida social.

S-13 em seu depoimento afirma:

Nasci surda, minha família não conhecer libras, sempre comunicar gestos, apontando, mostrando coisas que queria, meu pai e minha mãe também fazer igual, apontavam quando alguma coisa. Em casa nossa comunicação sempre ser limitada, sempre ficar sem ter comunicação, eu não entender o que eles falar, sempre ficar triste, via primos e família, conversando, abrindo a boca e eu não entender porque eu não conseguir, ficar sempre sentada sozinha, quieta. (Relato entrevista S-13)

Já S-1 expõe:

Sou surdo minha família ouvinte, comunicação com a família antes mais mímica, antes criança só oralização misturado mímica, difícil não entender tudo o que falavam, ficava confuso, não ter comunicação, eles tentavam comunicar, mas sempre mímica, eu não conseguia sentir, entender, tinha sempre muitas dúvidas. Difícil entender, eu ficava curioso quando via coisas, mas não sabia o que eram, meus pais também não conseguiam explicar, difícil, muito difícil. (Relato entrevista S-13)

Em consonância S-11 depõe que

Hoje achar normal, já acostumei conversar família, no passado eu ter dificuldade entender meus pais, as vezes eu ler lábios da família mas muito difícil, não entender bem, ficar com dúvida, minha família explicar de novo pra eu entender e também fazia mímica mas, Sou surda, certo? Eu não escuto e as vezes família falava bla bla bla e eu não escutava, não entendia. (Relato entrevista S-11)

E, em mesmo sentido, S-7 apresenta:

Minha família antes de eu nascer já ter 2 irmãos surdos, minha mãe vendo dificuldade de comunicar, ficou preocupada e começou a comunicar com meus irmãos com mímica e sinais criados em casa, ela não fazer sinal libras, ela fazer teatro para explicar. Exemplo: ela não fazer sinal carne, ela mostrava como comendo um pedaço de carne, outro exemplo, pão, ela não saber sinal pão, fazer passar manteiga, aí sabíamos que era pão, sempre muito mímica, não ter uma comunicação verdadeira, eu sempre sentia muitas dúvidas, não entender bem o que minha mãe falar. (Relato entrevista S-7)

Todas essas situações expostas pelos entrevistados apontam como é difícil a relação de comunicação entre o sujeito surdo e a família que não domina a Libras, o processo de comunicação não se desenvolve por completo, pois quase sempre existirão lacunas, falhas, dúvidas que podem trazer ao indivíduo surdo grandes atrasos no seu desenvolvimento enquanto pessoa e nas suas relações sociais, causando a essas pessoas duras penitências que podem perdurar durante muito tempo em suas vidas, em suas relações.

As dolorosas experiências comunicativas relatadas não acontecem em sua plenitude com as crianças ouvintes, pois, o canal e a linguagem de comunicação é o mesmo dos seus pais, familiares e amigos. Assim, ela se desenvolve socialmente dentro de um processo de trocas sociais, observações, imitações, erros e acertos, o que na maioria das vezes, não acontece com a criança surda, pois ela é privada de um processo natural de aprendizagem, um processo que deveria acontecer de forma comum às outras crianças e indivíduos, mas que é barrada quando se depara com a limitação da comunicação. Por isso, talvez, Laboritt (1994) afirme dramaticamente que a vida do surdo, sob o ponto de vista comunicacional, pode se parecer com um filme mudo, sem legenda.

É preciso que a família da criança surda tenha consciência da necessidade de estimular esta criança. As informações que naturalmente a criança ouvinte recebe devem ser dadas também à criança surda, caso contrário, esta criança se desenvolve de forma bastante diferente, não chegando a níveis de

generalização mais abstratos e também não utilizando a língua para pensar. (GOLDFELD. 2001, p. 156).

A formação do sujeito enquanto ser social é totalmente dependente do processo comunicacional, um processo que irá formar e direcionar a vida desse indivíduo. O surdo que não encontra, em sua família, um processo de comunicação que favoreça o seu desenvolvimento social e global, acaba tendo maiores dificuldades em sua vida pessoal, pois não conseguirá fazer ou ter uma leitura de mundo muito mais completa e, assim, estará em total desvantagem social, comunicacional, educacional e econômica.

Porém, o surdo que encontra na sua família, um espaço acessível e que favoreça o seu desenvolvimento social, não apresentará nenhuma grande barreira para o seu desenvolvimento, pois poderá ele sentir as mesmas dificuldades que qualquer indivíduo possa viver, porém, esse surdo terá todas as condições de superar as suas limitações, tanto comunicacional, quanto social, pois, a língua de sinais, não dará a ele somente a competência de se comunicar com seus pares falantes da Libras, mas, lhe dará condições de dominar também o português na modalidade escrita, rompendo assim mais uma limitação para a sua inclusão social.

Essa questão fica explícita nas palavras de um dos alunos entrevistados, o qual teve em toda a sua infância, o acesso a língua de sinais e encontrou na sua família, toda a base necessária para se desenvolver enquanto indivíduo utilizando a comunicação através dos sinais. Não sentindo nenhuma dificuldade na sua relação familiar.

Fala de S- 8:

Sim, comunicação com minha família sempre boa, eu sou surdo, tenho irmão surdo também, meu tio também surdos ele já saber libras e toda a minha família se comunicar em libras, não ter dificuldade de comunicação, nós ter boa comunicação. [...]Não, Não, Não tenho dificuldades, todos sabendo libras, me comunico normal. (Relato entrevista S- 8)

Durante a entrevista, podemos perceber o quanto este sujeito S- 8, tinha a segurança de afirmar que nunca teve problemas na comunicação com a família. A relação com outros surdos dentro do ambiente, fez com que ele se desenvolvesse sem nenhuma perda ou dificuldade na socialização. Essa situação reafirma o que alguns pesquisadores como Gesser (2008), Skilar (2010) e Strobel (2006), afirma sobre a importância da relação entre crianças

surdas e adultos surdos, na relevância dessa relação para a formação da identidade e cultura surda.

(...) como uma criança surda poderá desenvolver uma língua se não houver uma identificação com o surdo adulto? Como o sujeito surdo poderá fazer uma identificação com relação à sua identidade surda no futuro, se ele não conviver com outros surdos que façam uso da língua de sinais?. (STROBEL, 2006, p. 250)

Após os relatos dos surdos que não foram educados dentro de um contexto familiar favorável para o seu desenvolvimento comunicacional, ter o relato de um surdo que cresceu e foi educado inserido em uma contexto social que o estimulou e possibilitou um melhor desenvolvimento e como afirma Strobel (2006), podemos imaginar o quanto é difícil para uma criança surda ser iniciada em uma relação social, quando não encontra no meio familiar um espaço que favoreça e respeite suas limitações e que crie novas possibilidades para superar essas situações.

Também não podemos deixar de destacar que, mesmo sem um ambiente favorável, e com todas dificuldades, tanto os surdos, como também a família não deixaram de buscar caminhos para superar essas dificuldades que apareceram em suas vidas. Como a pesquisa tem como base a visão de Michael De Certeau, não podemos deixar de destacar, quais as táticas criadas por esses sujeitos para superar essas limitações.

Quando na entrevista foi questionado quais eram as formas que eles desenvolviam para superar algum problema na comunicação, os 13 alunos responderam que sempre buscavam meios alternativos como apontar, gritar, desenhar ou ir até o objeto. Essas situações para quem não as experimenta diariamente pode parecer como corriqueiras, coisas sem muita importância, mas para quem vivencia essas limitações diariamente, isso se caracteriza como uma alternativa de comunicação, que acabam facilitando e possibilitando o contato entre as pessoas.

O que sempre ficava destacado nos depoimentos, por mais que buscassem apontar, chamar atenção, tentar demonstrar, era que as informações que chegavam, não supriam as necessidades para se ter o mínimo de entendimento. A comunicação era fragmentada, limitada e acabava gerando mais dúvidas. Isso acontecia porque o meio utilizado para comunicação era limitado, não possibilitava a compreensão dos conceitos, não favorecia o aprendizado, sempre

se limitava ao “SIM” e “NÃO”, mas nunca era explicado o porquê do “SIM” e do “NÃO”, como explica um dos entrevistados.

Fala de S-1

Se criança nascer surda, importante é que o pai e mãe fazer curso libras poder futuro ter como aconselhar, ter desenvolvimento de comunicação. Por falta da comunicação a minha família não me ensinou bem, aprendi tudo fora na sociedade, percebendo as coisas que aconteciam ao meu redor, então como meus pais poder me avisar não pode, não sabem libras, como eles iriam me avisar e me explicar as coisas tipo, não pode colocar o dedo na tomada, só falavam “não pode”, eles não explicavam porque não pode. Por isso a falta da libras é difícil. (Relato entrevista S- 1)

Essa situação não se limitava somente a família, outros contextos sociais acabaram também colocando o surdo em uma situação de desvantagem, exatamente por não saberem como proceder diante de um indivíduo com surdez. Neste sentido, a escola, que deveria ser um ambiente de construção de conhecimento e formação social, acabava sendo mais um ambiente excludente e limitante.

Essa situação acaba acontecendo devido a não compreensão da proposta de educação inclusiva, que está bem apresentada nos escritos de Mantoan acerca aos procedimentos corretos a serem seguidos para respeitar as necessidades educacionais dos alunos. Esses dois ambientes, família e escola, nunca devem ser visto pelos alunos como campo inacessíveis, cheio de barreiras, ambientes em que ele não consegue ver. Essas duas relações sociais tornaram-se alicerces da formação do indivíduo e as duas devem ser repensadas quando se recebe uma pessoa com necessidades especiais.

A integração traz consigo a idéia de que a pessoa com deficiência deve modificar-se segundo os padrões vigentes na sociedade, para que possa fazer parte dela de maneira produtiva e, conseqüentemente ser aceita. (...) Já a inclusão traz o conceito de que é preciso haver modificações na sociedade para que esta seja capaz de receber todos os segmentos que dela foram excluídos, entretanto, assim em um processo de constante dinamismo político social. (MANTOAN. 1997. p. 235)

As dificuldades comunicacionais encontradas no âmbito familiar pelo surdo, não ficam somente restritas a esse grupo social. A escola, o local onde o aluno deveria ser assistido com todas as possibilidades didáticas e métodos que romperiam com as barreiras comunicacionais encontradas pelos surdos em outros ambientes, acaba se tornando mais um

espaço de segregação e exclusão. A comunicação é a primeira dificuldade encontrada por um professor quando recebe um aluno surdo em sua sala de aula.

Esse sentimento de incapacidade, dúvida e insegurança do professor, são os primeiros sintomas de uma educação que não irá propiciar um desenvolvimento favorável a esse aluno surdo, que precisa primeiramente romper as barreiras da comunicação. Quadros (2006) afirma que a aquisição da língua de sinais por parte do professor é uma das formas de garantir um melhor atendimento educacional para seu aluno com surdez. Essa aquisição da língua de sinais pelo professor irá possibilitar ao surdo uma maior interação em sala de aula, tanto no papel de aluno como de indivíduo.

Caso o professor não tenha um conhecimento da língua de sinais, acaba acontecendo uma exclusão consciente por parte do professor que em diversas situações não busca um meio para se comunicar com seu aluno e, também inconsciente, quando não percebe que deixando o aluno à margem do que acontece em sala de aula está segregando-o e excluindo-o. Essa situação é tão corriqueira, que aparece de forma recorrente nas falas dos alunos entrevistados na pesquisa, como é possível perceber nos relatos abaixo.

Quando era pequeno, eu estudar escola inclusiva, mas só ter ouvinte. E não existir comunicação libras, nada, todas aulas oralização, isso em 1995 até 1999, a comunicação era bagunça, não existir ainda lei Libras, era só oralização com muita falta de comunicação. Outra coisa que faltava era concelho, não ter quem desse orientação e instrução para mim na escola, ficava perdido, como a comunicação era através de mimica parecia sempre ser brincadeira, eu achar sempre estar brincando com os professores e colegas, por isso eu não conseguia raciocinar quando era pequeno, não conseguia entender as coisas, ler o mundo, compreender as coisas que estavam a minha volta, quando criança na escola não havia comunicação. (Relato entrevista S- 8)

Quando fui crescendo não conseguia passar de ano só fazia perder, passei para primeira série, era muito lento, eu perceber que não conseguia acompanhar turma, já atrasado. Na escola inclusiva, não ter comunicação só brincadeira, não ter bate-papo, interação, não ter nada, então eu achar fácil a comunicação porque só brincadeira. Eu quando era criança já aconteceu, que eu fiquei triste, confuso e ver pessoas conversando, e eu iria ficar lá parado? Não! eu bagunçar, as pessoas achar que eu ter problemas, era doido, mas é que eu não ter comunicação, então eu não gostar de ficar parado, fazer alguma coisa. Quando chegar escola, ouvintes sempre pediam informação ao professor, quando eu perguntar ele não saber como responder, era horrível minha vida no passado. (Relato entrevista S- 8)

No relato do aluno entrevistado, podemos perceber que a educação da criança surda sempre se esbarra nos problemas da comunicação. Assim, podemos refletir sobre como um professor vai educar, formar um indivíduo sendo que este não se expressa pelo mesmo canal de comunicação que ele? Como chegar até uma criança que não consegue entender o que está sendo ensinado, não por falta de interesse ou por falta competência cognitiva do aluno, mas pelo fato de não conseguir manter uma comunicação favorável para o seu desenvolvimento enquanto indivíduo?

A linguagem se torna, nesse contexto, a responsável pela organização das atividades psíquicas humanas, é ela quem irá permitir e dar base para todos os processos cognitivos do indivíduo, a linguagem não aparece somente como um utensílio, mas sim, como a base para que o sujeito surdo consiga prosperar na sua vida estudantil, conseguindo manter assim, uma relação construtiva de relações sociais, tanto com os professores como também com os colegas. É através da linguagem que vai acontecer o processo de troca de experiências sociais entre os indivíduos, mas para o sujeito surdo acaba sendo um grande vácuo entre o seu ser e o meio no qual ele se encontra inserido, principalmente, dentro do âmbito escolar. Essas questões ficaram evidentes nas falas dos sujeitos entrevistados como podemos perceber fielmente nos trechos abaixo dispostos.

Minha escola quando pequeno, era escola inclusiva, verdade mistura, mas professor só sabia falar, ele não conhecer Libras, ele só oralizar eu ficar escrevendo, somente copiando tudo que estava no quadro. Eu ficar sempre na sala só olhando e observando o que os colegas faziam. Quando foi na 3ª série fui estudar numa escola só com ouvinte, aí fiquei até a 8ª série, e era a igual, a mesma coisa, não mudava, os professores só falavam oralizando e eu sem entender, era meu amigo ouvinte que me explicava as coisas, mas também pela oralização, nunca eles utilizavam a libras, o professor só oralizava e eu não me sentia feliz, porque faltava alguma coisa, não conseguia entender e aprender 100%. Era só o professor oralizando e os amigos me ajudando, quando era aula de matemática era ótimo, porque só ficava visualizando e alguns professores tinham atenção comigo. E existia essa troca, mas também tinham professores que não se preocupavam comigo, me deixavam de lado, e era nessa situação que meus amigos me ajudavam, oralizando mas ajudavam. (Relato entrevista S-2)

Quando criança não desenvolver comunicação escola, antes quando eu criança, adolescente, morava na roça, no interior, eu não conseguir aprender nada, porque não escutava, não entendia o que as pessoas na escola falar, nunca tive interprete na escola, os professores também não sabiam como ter

comunicação comigo, pois eu era única surda na escola. Mas eu conseguia aprender muito bem matemática, química, física, eu olhava e conseguia entender no quadro o que o professor explicava. (Relato entrevista S- 11)

Muito dificuldade, eu sofri muito na escola, não conseguia entender o que os professores falavam. Mas, uma colega me ajudava, não foi fácil! Imagine que nunca tive intérprete na escola, sofri! lá não tinha libras eu só falava com mímica. (Relato entrevista S- 11)

Minha escola, no início? nunca ter comunicação, não ter interprete, professor não saber libras, ficar sentada sala, só olhando, não me comunicava. Eu estudar escola junto ouvintes, eles sempre falando, falando, nunca conseguia entender. Eu achava muito chato, porque não entendia, então eu só colava e copiava, não entendia nada, mas o professor mandar copiar muito, eu olhava para o quadro e copiava, não sabia o que estava copiando, como também não entendia porque deveria copiar. Não tinha exemplo em libras, era muito difícil, eu lembro, quando aprendi a palavra casa, eu não sabia o que era, o professor colocou no quadro C-A-S-A, eu copiei e perguntei o que era, ele não explicou, quando cheguei em casa, perguntei a meu irmão que também era surdo, o que era essa palavra C-A-S-A, ele me mostrou o sinal de casa, eu já sabia o sinal de casa, mas não sabia a palavra casa. Na minha escola não tinha comunicação, muitas barreiras, conhecimento zero. (Relato entrevista S- 7)

Antes na escola não havia comunicação, só ter eu surdo na escola, todos alunos ouvintes, só comunicar falando, eu só olhar bocas abrindo e fechando, mas não entender nada, o professor falar comigo, ficar falando na minha frente eu não entender nada, eu surdo, não ouço, não entender porque ele ficar falando na minha frente. Ele sempre me colocava para copiar, ou do quadro ou de um caderno do professor, era chato. Eu sempre queria saber o que estava acontecendo na sala, as vezes eu calado copiando, percebia que os colegas estavam rindo e eu não entendia porque? Ficava olhando para ver se entendia mas não conseguia, não tinha comunicação, eu não entendia nada, muito ruim, o professor não saber libras. (Relato entrevista S- 10)

Com base no que é exposto pelos relatos dos alunos entrevistados, podemos entender as dificuldades que são apresentadas por eles devido à falta de acessibilidade comunicacional por parte do professor e da escola. Temos assim a oportunidade de perceber de onde emerge uma cultura de defasagem escolar dos alunos com surdez, por não terem um atendimento educacional especializado, que supra as suas necessidades comunicacionais, esse aluno acaba ficando para trás no seu processo da escolarização vivendo, dessa forma, uma vida escolar

atrasada e sem conseguir acompanhar o desenvolvimento dos conhecimentos adequados para sua idade mental e cronológica, como explica Machado (2008),

A educação de surdos torna-se um assunto inquietante principalmente porque diferentes práticas pedagógicas, envolvendo os alunos surdos, apresentam uma série de limitações, geralmente levando esses alunos, ao final da escolarização básica, a não serem capazes de desenvolver satisfatoriamente a leitura e a escrita na língua portuguesa e a não terem o domínio adequado dos conteúdos acadêmicos. (p. 23).

Todas essas situações poderiam ser superadas, se fosse dado ao surdo a possibilidade de ter acesso a sua primeira língua dentro dos ambientes escolares. O surdo que inicia a sua vida escolar tendo como L1, a língua de sinais, e a sua L2, o português na modalidade escrita, não tem nenhum tipo de perda ou desvantagem. Isso é corroborado quando S-8 fala sobre seu processo de escolarização. Ele que foi educado em língua de sinais e teve toda a sua história estudantil em instituições que utilizavam da libras como principal meio de comunicação com seus alunos surdos.

Eu estudar escola ter vários surdos, lá usava libras sempre, em todas as aulas tinha libras, desde criança aprender com a libras, cresci usando a Libras, com meu irmão e meus colegas na escola, o professor também sabia libras e explicava em libras quando não entendia o assunto, sempre ensinava com Libras, mais fácil para aprender e entender, não tive problemas de comunicação na escola. (Relato entrevista S- 8)

O relato de S-8 reafirma a visão de alguns pesquisadores que se dedicam a mostrar como é importante a criança surda ter acesso a língua de sinais desde o início da sua vida escolar. O acesso à língua de sinais, além de ajudar no desenvolvimento comunicacional, também irá possibilitar ao aluno surdo uma melhor assimilação dos conteúdos e das suas construções conceituais que serão trabalhadas em sala de aula, como afirma Stumpf.

A criança vai à escola principalmente para aprender a ler e escrever. É coerente que a criança que usa a língua de sinais possa aprender a ler e escrever nessa mesma língua, assim vai aperfeiçoar sua comunicação e a partir do conhecimento consistente de sua primeira língua poderá aprender uma segunda língua, no caso do surdo, o português escrito que lhe é muito necessário, pois é a língua de seu país que vai lhe permitir exercer melhor sua cidadania e participação laboral (STUMPF, 2005, p. 145-146).

Essa visão que respeita a necessidade comunicacional do surdo, possibilita para ele um desenvolvimento mais completo, não deixando lacunas ou falhas, deixando esse indivíduo

surdo totalmente autônomo e seguir sua vida de maneira independente. Quando é possibilitado ao surdo uma comunicação adequada o mesmo conseguirá caminhar sem nenhuma dificuldade, pois a língua que o meio utiliza para se relacionar com ele, será a mesma a transmitir todos os conhecimentos necessários para o seu desenvolvimento pessoal e de cidadão.

Porém, mesmo tendo todas essas desvantagens dentro do contexto escolar e social, devido aos problemas comunicativos, os surdos conseguem desenvolver estratégias de comunicação de formas inusitadas, que buscam superar essas desvantagens, utilizando-se de recursos que aparecem de forma inesperada e que estão disponíveis em diversos meios, além disso adquirem, fazem uma releitura, e também adaptações que favoreçam a sua utilização. Como o mundo do indivíduo surdo gira o tempo todo através das situações e experiências visuais, é por meio da visão que eles buscam superar as perdas de informações que diariamente são transmitidas por diversos canais comunicacionais.

4.2 - O Sujeito surdo e a comunicação mediada pelas culturas digitais

Atualmente, as novas tecnologias de comunicação vêm criando novas possibilidades comunicacionais. Neste sentido, a comunicação é praticamente instantânea para quem está conectado; as barreiras geográficas, temporais ou de qualquer outra natureza que venha impossibilitar uma comunicação entre duas ou mais pessoas acabam não existindo. Nas últimas décadas, as tecnologias passaram por diversos processos transformativos, superando algumas limitações e oferecendo mais serviços aos seus interagentes.

Percebemos também que dessa nova cultura de consumo dos meios comunicativos gerou novos modelos de relações sociais, principalmente os que estão sendo mediados por tecnologias digitais, que a cada dia que passa são transformadas e geram possibilidades de aproximar ainda mais os indivíduos que as consomem. Assim como essas novas tecnologias ajudam no desenvolvimento social do sujeito dito “normal”, aquele que não apresenta nenhum tipo de desvantagem, seja ela comunicacional, linguística, econômica ou educacional, elas também ajudaram e acabaram possibilitando uma nova releitura dos dispositivos, que passaram a ser utilizadas e reutilizadas dentro de novas possibilidades, as quais não foram pensadas para elas no momento de sua criação.

Para quem se encontra inserido em um contexto relacionado às novas releituras desses dispositivo pode parecer um tanto confuso entender como esses meios de comunicação estão sendo reutilizados para se comunicar. Pois bem, quando uma tecnologia é criada com a finalidade de propiciar comunicação, ela sai da linha de produção tendo como base um determinado conceito para a sua utilização. Porém, quando ela chega nas mãos do consumidor, este, em posse do dispositivo, vai utilizá-la de acordo com suas necessidades e não apenas com a finalidade que ela foi criada.

Para entender melhor essa aquisição e releitura dos dispositivos recorreremos ao pensamento de De Certeau, sobretudo a respeito das táticas e estratégias dos praticantes em seus cotidianos. Para o referido autor, tática nada mais é que, uma fuga da dominação das estratégias criadas pelos dominadores através de invenções cotidianas, que ajudam a burlar o domínio imposto sobre ele, utilizando-se de meios inusitados para superar suas limitações e assegurar, assim, a sua sobrevivência ou mesmo às suas necessidades simbólicas.

Atualmente, as produções tecnológicas contribuem para facilitar de diversas formas a vida das pessoas, mas, dificilmente essas tecnologias estão sendo pensadas para as pessoas que não se encaixam no padrão de normalidade, aquelas que necessitam de um diferencial em determinados produtos para poder assim consumi-los. Vimos que o meio de comunicação da comunidade surda é o campo espaço-visual, onde este se apresenta como principal meio de comunicação entre as pessoas com surdez, já que elas estão impossibilitadas de utilizar o campo da audição. Quando se é criada uma tecnologia, dificilmente ela é pensada para o consumo desses indivíduos, porém, esses produtos não deixam de ser consumidos por eles.

Mas, como eles consomem e utilizam esses produtos é que se encontra a grande astúcia desses indivíduos surdos. As tecnologias que não são pensadas para essas pessoas, passam a ser utilizadas de formas que elas não foram projetadas e acabam servindo como dispositivo de fuga e superação das suas limitações comunicativas. Podemos começar a analisar essa situação com um exemplo corriqueiro do dia-dia das pessoas comuns, a troca de SMS. O aparelho telefônico que foi criado para uma população ouvinte, passa a oferecer de forma indireta uma possibilidade comunicativa para os surdos através das mensagens de texto.

Esse instrumento passa a ser muito utilizado por esses indivíduos antes mesmo da popularização do aparelho de telefonia móvel, é o exemplo mais simples a ser apresentado, pois outros já veem sendo utilizados para superar a limitação da audição do sujeito surdo.

Podemos entender melhor essas táticas nas falas dos próprios surdos, abaixo transcritas, ao explicarem a importância dessas tecnologias para o seu dia-dia e para sua comunicação tanto com seus pares surdos, quanto com pessoas ouvintes. Táticas, essas, que subvertem as estratégias dominantes que os “esquecem” no momento da produção e os colocam numa relação de comunicação e, portanto, de poder.

A tecnologia ajudar na comunicação, muito boa, antes não conseguir me comunicar a distância, com amigos, precisávamos ver para ter comunicação, depois que tive acesso as tecnologias, eu conseguir falar, me comunicar, sinto ainda dificuldade na escrita do português, mas ter corretor aí também ajuda a gente a prender a palavra correta. (Relato entrevista S- 3)

A Tecnologia me ajudar muito no meu dia-dia, me comunicar com amigos e família, me ajudar aprender novas palavras. Poder pesquisar diversos vídeos Libras aprender mais, a tecnologia ajudar na nossa comunicação, ajudar o surdo a conhecer novos mundos, trocar ideias, debater assuntos de surdez, da comunidade surda, da identidade e cultura surda, também aprender o português. Com as tecnologias podemos aprender melhor. Mas, claro que comprei Livros também. Se não existisse internet e tecnologia, com certeza os surdos iriam sofrer muito mais, porque iriam ficar sem conhecimento, sem aprender coisas novas, palavras novas, ficar com cabeça zero, voltar a ser igual quando não tinha Tecnologia, só ter vazio. (Relato entrevista S-11)

Hoje tecnologia tudo ficar muito melhor comunicação do surdo, melhor que passado, sabe porquê? antes não ter internet, não ter tecnologia, faltar informação, não ter conversa, muito difícil, os surdos não conseguir pesquisar, coletar dados, agora ter facebook, tem vídeos, youtube²⁴, curiosidades e o mais importante, tudo em libras, então o surdo pode acessar e aprender isso ajuda bastante, eu gosto, e uso muito a tecnologia. Porque me ajuda a desenvolver na libras e aumentar o meu conhecimento. Para entender melhor vou explicar, na televisão tem o jornal, lá eles dão notícias oral aí a pessoa ouvinte entende tudo que o repórter falou, o surdo fica sem saber o assunto, hoje tem interpretação, algum ouvinte que sabe libras ver, grava vídeo e posta tudo em libras, aí vou no face e olho, lá vai ter em libras em vídeo o que foi dito, aí fica perfeito, não fico mais desenhado. (Relato entrevista S-2)

Eu sempre uso o WhatsApp²⁵, ele me ajuda bastante, exemplo: tive que comunicar alguma coisa para um colega surdo, se o colega surdo não entendeu a leitura eu utilizo o vídeo e explico em libras, respeitando a L1 dele que é a língua de sinais, e também envio os vídeos para outros grupos ,

²⁴ (www.youtube.com.br) É um site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital, A ideia é idêntica à da televisão, em que existem vários canais disponíveis. A diferença é que os canais são criados pelos próprios usuários, onde podem compartilhar vídeos sobre os mais variados temas.

²⁵ É um **software** para **smartphones** utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão à *internet*.

porque ai eles entendem melhor, e começamos a trocar vídeos, cada um explica sua opinião e assim, fazemos uma discussão sobre diferentes assuntos, a comunicação acontece perfeitamente, a tecnologia é perfeita para comunicação dos surdos. (Relato entrevista S-2)

Eu ficar muito feliz ajudar tecnologia, hoje não ter comunicação com surdos quem não quer, quem ter preconceito, antes não ter, eu saber, muito difícil, ter aprender libras o ouvinte e o surdo aprender bem o português, mas hoje com a tecnologia não precisa, exemplo: o celular, hoje já ter aplicativo que faz a tradução e a interpretação, você fala em português e ele interpretada em Libras, ai fica fácil para o ouvinte que não sabe libras, também, você fazer em libras e o aplicativo escreve em português, a tecnologia ajudou muito o surdo a se comunicar, a clarear a mente e conhecer melhor o mundo, hoje não sinto dificuldade me comunicar, a tecnologia é muito importante para a vida do surdo, libertou os surdos do silêncio. (Relato entrevista S-10)

Quando um sujeito surdo adquire uma nova tecnologia de comunicação, ele não só toma posse de um bem material e cultural, mas, também, adquire um dispositivo de potencialização da sua comunicação, uma tecnologia que apresenta para eles valor simbólico. Nos relatos, todos destacam bem a importância da tecnologia digital para a sua comunicação, tanto com a comunidade surda, quanto com os ouvintes. Os surdos, devido às suas necessidades, desenvolveram novas maneiras de consumir alguns produtos e assim podem superar suas barreiras.

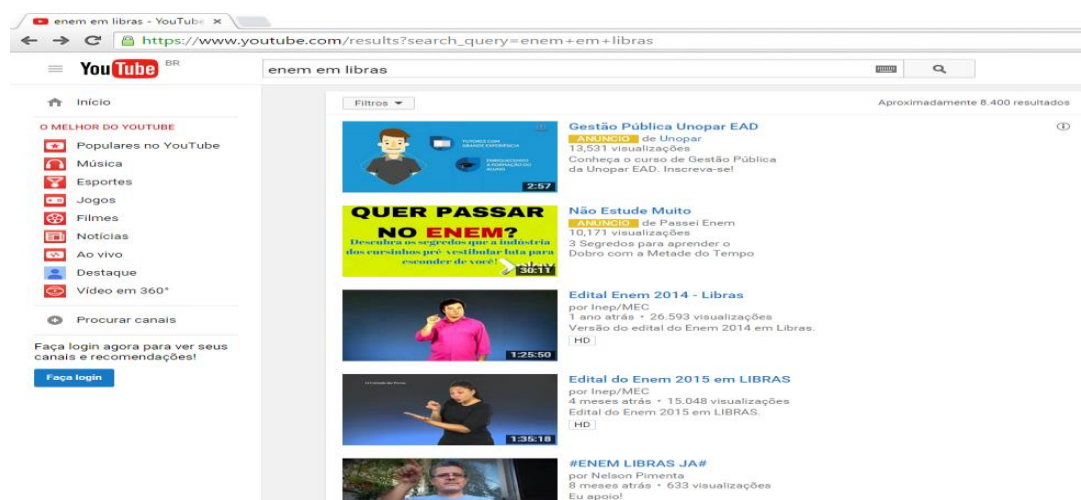
Uma das táticas criadas pelos surdos nos últimos anos e que vem ampliando suas capacidades comunicativas, inserindo-o socialmente em amplos espaços digitais e presenciais é a utilização do vídeo como meio de comunicação da comunidade surda. Por mais que o vídeo já tenha sido utilizado para a educação desse surdo, esse meio nunca foi tão bem utilizado para disseminar informações e conhecimentos criados pelos próprios surdos. Hoje não existe mais uma barreira entre um surdo que se encontra em uma cidade do Sul do país e outro no Norte, eles podem produzir a comunicação visual por meio do vídeo e manter uma comunicação instantânea por meio das redes digitais *online*, tirar dúvidas, divulgar problemas e desenvolver movimentos de diversos segmentos.

Um exemplo interessante consiste na luta dos surdos brasileiros pelo direito a interpretação da prova do ENEM²⁶, através de diversos canais. Iniciou uma corrente de vídeos, construídos tanto por surdos, quanto por ouvintes usuários da Libras, apoiando que a

²⁶ Exame Nacional do Ensino Médio, avaliação nacional de ensino que concede ao aluno o acesso ao nível superior em diversas universidades e faculdades públicas e particulares.

prova fosse toda interpretada em Libras, possibilitando ao sujeito surdo uma melhor compreensão das questões. Os principais canais utilizados para esse movimento foram o Youtube, WhatsApp e o *facebook*, sendo que este último iremos abordar mais à frente. Para demonstrar o que foi dito, em uma busca rápida no www.youtube.com.br, com o tema “ENEM em libras” obtemos 8.400 resultados de vídeo falando sobre esse tema.

Figura 1 APRESENTAÇÃO DE PESQUISA SOBRE ENEM EM LIBRAS NO YOUTUBE



Fonte: https://www.youtube.com/results?search_query=enem+em+libras; acessado em 15/10/2015 as 15:55pm

Quando os acadêmicos surdos entrevistados destacam que, com a tecnologia digital existe comunicação e informação, eles se referem às novas possibilidades de acesso que antes eles não tinham e, principalmente, de comunicação em rede e à distância. Hoje o surdo não vive mais em um mundo silencioso, apático e isolado. As tecnologias não só facilitaram a comunicação, como garantiram a esses indivíduos possibilidades de lutar por seus direitos, acesso às informações, construção de conhecimento, comunicação com outros surdos e os ouvintes. Através das tecnologias digitais, os surdos não são mais apenas consumidores de informações, mas também, produtores, divulgam e se inserem como sujeitos sociais participantes da sociedade, rompendo com o seu passado de exclusão e segregação. Interessantes e potentes, como nos ensina De Certeau (2004), táticas, ou seja, “arte do fraco”. Golpes cheio de astúcias que rompem a lógica do dominante.

As tecnologias possibilitaram aos surdos superarem as forças dominadoras do preconceito que os deixavam calados, que silenciavam o seu pensamento, a sua vontade, os

seus sonhos. Hoje, a partir da utilização de recursos tecnológicos digitais, em rede e seus dispositivos, o indivíduo surdo supera suas limitações comunicacionais e avança para uma nova fase da sua história, em que ele não mais permite a opressão da sua língua, das suas identidades e das suas culturas.

4.3 – Redes sociais e rede sociais digitais: Pontencializando a comunicação do surdo

Podemos pensar em rede social como um dos mecanismos utilizados pela sociedade estrategicamente no compartilhamento de informações e conhecimentos de forma objetiva e direta dentro de uma relação de cooperação mútua. Se pararmos para analisar a vida de um indivíduo contemporâneo, podemos perceber facilmente a inserção deste em diversos grupos, já que, desde os primeiros momentos de vida, o indivíduo já é incluído em uma organização social como a família. Com o passar do tempo, a escola, a rua em que mora e por toda sua vida vão acabar encontrando grupos e fará parte desses agrupamentos sociais que chamamos de redes sociais.

O agrupamento social é um mecanismo que fortalece e favorece toda uma esfera social. Como vimos no início desta dissertação, existe uma necessidade humana de se comunicar, assim como existe na natureza humana o desejo de se agrupar, de estar conectada a outras pessoas, a outros pensamentos, bem como, a diversas estruturas sociais que convivem em uma constante troca de informações e conhecimentos, fazendo desses ambientes um terreno fértil de possibilidades da capacidade humana de criação tanto de forma individual como coletiva.

Em uma relação vivenciada dentro de uma esfera de redes sociais, cada indivíduo desenvolve uma função própria sem abrir mão da sua identidade. Assim, essa junção de pensamentos e identidades vão construindo uma nova representação cultural e de identidade dentro da rede. Essas relações criadas em uma rede social seguem alguns princípios que acabam possibilitando a cada nova experiência uma configuração social completamente diferente, pois que, em uma rede social não existe uma estrutura linear. Desta forma, o poder dentro dela é descentralizado, favorecendo a uma dinâmica em rede nas relações ali estabelecidas, relações essas que convivem em uma ordem organizacional horizontal, existindo assim uma mútua colaboração entre seus integrantes.

Assim, podemos pensar em um conceito de “rede social” da seguinte forma:

Uma estrutura social composta por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, que partilham valores e objetivos comuns. Uma das características fundamentais na definição das redes é a sua abertura e porosidade, possibilitando relacionamentos horizontais e não hierárquicos entre os participantes. Muito embora um dos princípios da rede seja sua abertura e porosidade, por ser uma ligação social, a conexão fundamental entre as pessoas se dá através da identidade. (...) Um ponto em comum dentre os diversos tipos de rede social é o compartilhamento de informações, conhecimentos, interesses e esforços em busca de objetivos comuns. (Extraído em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_social)

Devido à sua característica flexível e dinâmica, as redes sociais se apresentam como espaços favoráveis para o compartilhamento de conhecimentos e informações, sendo que, essas trocas não seguem uma ordem organizada. Os temas e as informações são passados de formas aleatórias fazendo com que este espaço seja a todo momento um ambiente propício à produção, pois possibilita aos indivíduos uma relação permanente de trocas, um espaço de interação. Lembrando que esses espaços podem ser físicos ou digitais.

Com o avanço das tecnologias e acessibilidade da internet de forma mais democrática, emerge em nossa sociedade uma nova configuração de estrutura social e de redes sociais, as quais mudaram completamente as ações comunicacionais entre as pessoas. Essas redes sociais digitais não só possibilitaram este encontro de indivíduos como também potencializou a relação entre eles, tanto na comunicação quanto na relação espaço-tempo, oferecendo assim inimagináveis possibilidades de comunicação, troca e construção de conhecimentos e informações.

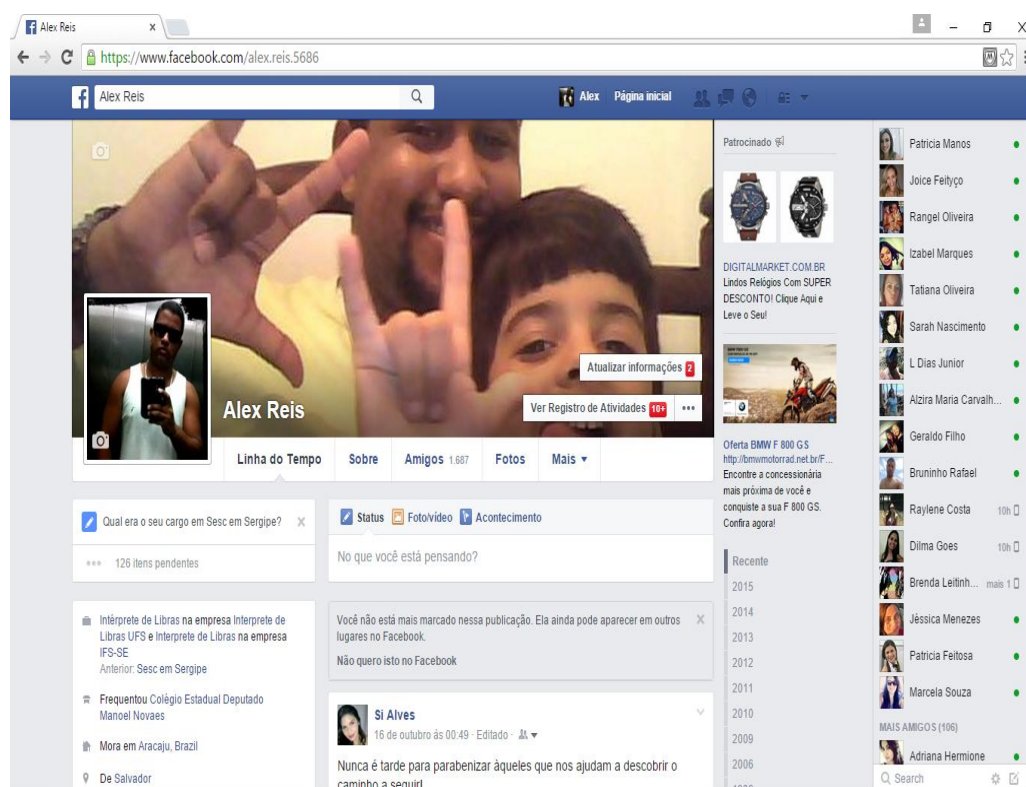
Devido a todas essas potencialidades das redes sociais digitais, as quais não se diferenciam dos encontros físicos, estas se constituem como ambientes que vêm crescendo nos últimos anos. Esse crescimento das redes sociais não é por acaso, já que elas possibilitam agora uma relação não mais local e sim mundial, as redes sociais digitais ofereceram aos indivíduos possibilidades que atendem às suas necessidades comunicativas de forma rápida e sem limites para a comunicação como também para interação.

Quando falamos em rede social digital, estamos nos referindo aos ambientes digitais utilizados por interagentes mediados por computadores ou outros mecanismos e dispositivos que possibilitam ao indivíduo uma conexão com a internet e os colocam conectados a esses ambientes sociais digitais. Esses ambientes digitais permitem ao interagente uma aproximação com outros interagentes que estão inseridos na mesma rede ou em outras redes ligados aos seus contatos, favorecendo deste modo uma infinita rede de contatos.

Um grande foco que podemos observar nestas organizações sociais produzidas pela comunicação mediada por algum dispositivo digital conectada à internet é o favorecimento da inclusão de pessoas a esses ambientes que, por algum motivo, não são socialmente aceitas e se não fossem os ambientes digitais elas estariam num regime de segregação e exclusão, seja pelo fator social, econômico, geográfico ou principalmente comunicacional.

Atualmente a rede social digital mais utilizada no mundo é o *facebook* (www.facebook.com), que se apresenta como um sistema digital que oferece aos seus interagentes possibilidades de interatividade em um sistema de redes de contato. Neste ambiente os interagentes são apresentados por perfis que descrevem seus interesses, relações e outros itens pessoais. O ambiente foi desenvolvido com o intuito de favorecer totalmente a interatividade entre interagentes, possibilitando a comunicação de diversas formas, através de textos, imagens, vídeos ou de forma híbrida.

Figura 2 APRESENTAÇÃO DA PÁGINA PESSOAL FACEBOOK



Fonte: <https://www.facebook.com/alex.reis.5686>

As redes sociais digitais, são, portanto, construções das representações sociais de seus interagentes. Essas representações são construídas de forma individual e personalizada, destacando assim somente as informações que o interagente deseja transmitir ou tornar

público. O que se torna interessante destacar, é que o *facebook* não se limita somente a uma rede social, pois esse meio digital é o alicerce das construções sociais no ambiente digital, porque seus dispositivos não só possibilitam a comunicação e o acesso, mas também, abre espaços para ser reutilizado, redefinido de acordo com a necessidade do seu interagente.

A disposição das construções sociais nos ambientes digitais, atualmente apresentam um novo modelo de relações sociais, uma relação que se apresenta completamente dinâmica, ativa e fugindo dos antigos modelos sociais com base na hierarquia. A nova modalidade de organização social digital busca romper com antigos paradigmas e preconceitos, tornando as relações sociais mais colaborativa, do ponto de vista da construção de informação e conhecimento, com uma base totalmente descentralizada, híbrida e autônoma. Fazendo assim do seu interagente não só um consumidor ou receptor, mas um produtor e divulgador de ideias, informação e conhecimento.

Todo esse mecanismo de abertura para uma construção social em rede só foi possível após o avanço tecnológico que permitiu com seus dispositivos e o uso da internet, uma nova visão sobre o processo de comunicação do indivíduo e deu base para novas práticas cotidianas dos interagentes nas redes digitais. Uma verdadeira transformação na vida dos interagentes, tanto do ponto de vista pessoal quanto do coletivo, já que essas mudanças influenciam diretamente nas suas relações diárias com as pessoas e com o mundo, pois, esse espaço criado em rede digital começa a se configurar como um novo ambiente de construção do saber.

Uma construção que tende a não somente uma versão do conhecimento, mas, a um conjunto de saberes compartilhados e reconstruídos dentro do fluxo das informações que chegam de diferentes lugares e de diferentes formas, principalmente dentro de uma concepção de comunicação híbrida, utilizando não somente uma forma de comunicação, mas, um agrupamento de técnicas comunicacionais que, de imediato, favorece a inclusão e participação de qualquer indivíduo conectado em rede, independente das suas desvantagens comunicacionais.

Dentro desta visão, se encaixa o indivíduo surdo, que, por muito tempo, foi colocado à margem de diversas discussões por não ter ou não conseguir um canal de comunicação que lhe permitisse expressar suas ideias e opiniões. Esses sujeitos que antes viviam marginalizados e sem voz, começam a aparecer em redes e se organizam em grupos, fortalecendo assim, um movimento revolucionário sobre os assuntos de interesse com relação a comunidade surda, como também dos assuntos relacionados com toda sociedade.

As tecnologias e as redes sociais digitais favorecem o surdo no seu processo comunicacional devido a sua interface. Neste sentido, Santaella (2007, p. 184) analisa que “navegar significa movimentar-se física e mentalmente em uma miríade de signos”. A pessoa surda compreende e interage com o mundo nas suas relações através das experiências visuais e da língua utilizada pela comunidade surda a L.S (Língua de sinais) que é transmitida pelo canal espaço gestual-visual. Essa peculiaridade da comunicação dos sujeitos surdos no seu processo de comunicação é completamente favorecida nas redes sociais e pelas culturas digitais atuais.

Como atualmente a comunicação visual é utilizada a todo momento pelos interagentes das redes sociais, diariamente os surdos são estimulados a uma experiência totalmente visual, e essas novas experiências e possibilidades visuais para o indivíduo surdo seria um rico ambiente de aprendizado e discussão. Neste sentido Lévy (1999, p.159) afirma que “a internet mudou a forma como vemos e aprendemos o mundo, mudou nossa relação com o saber”. A comunicação visual transmitida em rede oferece ao surdo um dinamismo na sua comunicação, tanto com a comunidade surda que se apropria de diversas maneiras dos dispositivos disponíveis para se comunicar como também com os ouvintes que se dispõem a vivenciar uma relação de diálogo com os surdos.

Essas novas maneiras de fazer e de proporcionar o processo de comunicação mediado pelas culturas digitais conectadas à internet, constrói uma nova e ilimitada estrutura de interação e inclusão digital, que vai se caracterizar pelas atividades de produção, distribuição, compartilhamento e reprodução de conhecimentos divulgados em rede, seguindo uma ordem aleatória e totalmente democrática, permitindo que todos os indivíduos possam tanto criar como recriar os conhecimentos compartilhados nos ambientes digitais, favorecendo também o encontro de culturas.

Um encontro que não só serve para transmitir informações ou conhecimentos, mas que também contribuiu significativamente com a libertação do sujeito surdo tirando-os do isolamento comunicacional, deixando-os livres e oferecendo a essas pessoas, possibilidades ilimitadas de expressão e comunicação.

Quando paramos para lembrar a história do indivíduo surdo, este sempre apresentou dificuldades diversas, mas, principalmente quando se refere ao processo de comunicação e esse é o principal fator que coloca o surdo em desvantagem dentro dos grupos sociais os quais convivem, em muitos deles, esses sujeitos não são compreendidos e vivem numa espécie de

gueto, à margem de uma sociedade que não se preocupa com essa situação vivenciada pelos surdos.

Podemos perceber em todas os entrevistados que a respeito da rede social digital *facebook*, há uma enorme satisfação na sua utilização, o qual se mostra totalmente acessível ao surdo. Um espaço que mesmo não sendo desenvolvido para esse grupo, acabou colocando nas mãos desses surdos possibilidades diversas para comunicar e expressar.

Assim, os surdos que foram entrevistados souberam de imediato responder a um questionamento importante da entrevista, deixando claro a sua satisfação em utilizar esse espaço digital como canal de expressão das suas ideias, de seu pensamentos e um ambiente totalmente favorável à construção de conhecimento. O depoimento abaixo reafirma essa compreensão.

Fecebook hoje muito importante, surdo não ter fecebook, seria muito mais difícil, surdo hoje ter acesso diferentes conhecimentos, temas importantes. Ajudar surdo conhecer melhor mundo, outros surdos, ter contato com outros grupos de surdos, de outros estados, até de outros países, hoje estou aprendendo ASL (Língua Americana de Sinais) pelo facebook, encontrei um grupo que ensina, muito bom. Lá no facebook é diferente, antes no Orkut só poder foto e texto, hoje no facebook, poder vídeo, legenda, fica muito mais fácil a comunicação, eu posto um vídeo, outro surdo ou ouvinte comenta, se eu não entender, aviso e ele posta em vídeo também, ai tem comunicação, a gente conversa, entende a opinião do amigo, todos aprendem. Tem também o grupo do letras-libras da UFS, lá a gente conversa, posta vídeo de assuntos, dos seminários apresentados, fica bem mais fácil entender. (Relato entrevista S-10)

Podemos identificar na fala do aluno S-10 como os dispositivos do *facebook* auxiliam aos surdos no seu processo de comunicação, lembrando que esse espaço digital não foi criado com a intenção de favorecer essa comunicação, mas, devido a percepção e astúcia dos surdos, eles conseguiram desenvolver mecanismos para fazer uma nova releitura desses dispositivos dispostas nesse ambiente e assim, utilizá-las para o favorecimento de uma troca de informações, mediado através do recurso de vídeo e textual. Quando S-10 apresenta a página da turma do Letras-libras da UFS como um espaço favorável ao desenvolvimento de conhecimento e troca de informações, remete-me a uma situação que pude acompanhar durante as observações.

Figura 3 PÁGINA LETRAS-LIBRAS-UFS NO FACEBOOK



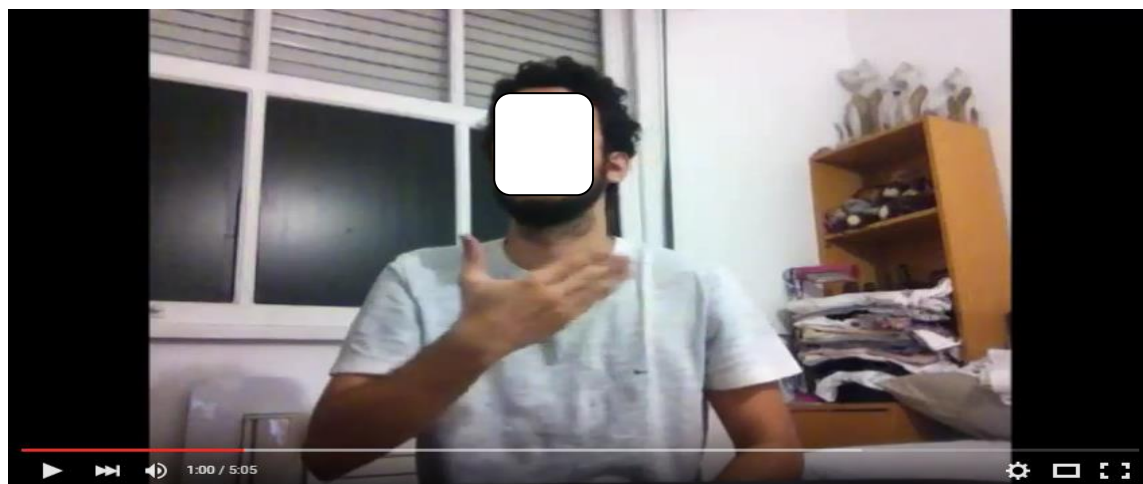
Fonte: <https://www.facebook.com/groups/ll.ufs.2014/>

A página é formada pelos alunos, professores, intérpretes de Libras e coordenadores do curso Letras-Libras da UFS, que foi pensada por uma professora para uma determinada disciplina, e mesmo chegando ao fim, iniciou um processo totalmente positivo no processo de comunicação entre os indivíduos envolvidos no curso. Durante a observação, me deparei com uma situação que apresenta todas as vantagens tanto do espaço do *facebook*, como dos seus dispositivos para o favorecimento da comunicação do indivíduo surdo. A publicação de um dos alunos que, mesmo participando em um congresso no Rio de Janeiro, pode participar ativamente da atividade proposta pela professora, reafirmando que as redes sociais digitais junto com as culturas digitais, rompe a lógica de espaçotempo.

Figura 4 POSTAGEM DO TRABALHO EM VÍDEO NO FACEBOOK



Figura 5 VÍDEO POSTADO EXPLICANDO O CONCEITO DE IDEALISMO PROPOSTO PELA PROFESSORA



Idealismo

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=oncBQw8G6dE&feature=youtube_gdata

Essa mesma atividade envolvendo o espaço digital do facebook e os dispositivos tecnológicos para favorecer a todos na turma, é formada por alunos surdos e ouvintes. Alunos que dominam parcialmente a Libras, alunos que dominam totalmente a língua de sinais e outros que estão em um momento de aquisição dos primeiros sinais. Assim, a proposta da atividade em vídeo, utilizando a libras e valorizando a sua estrutura espaço-visual e o português na legenda, ajudando também aos alunos que não dominam a língua de sinais. Essa atividade envolveu a todos como podemos observar na próxima publicação feito na página por um aluno ouvinte que tem proficiência em Libras.

Figura 6 POSTAGEM DE ALUNO OUVINTE EM LÍNGUA DE SINAIS NA PAGINA DO FACEBOOK



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/ll.ufs.2014/>

Essa atividade possibilitou o acesso tanto dos alunos ouvintes, quanto dos alunos surdos, que puderam expressar em sua língua materna o seu entendimento sobre as questões solicitadas pela professora em sala de aula. Essas e outras táticas podem ser criadas para, a partir da intermediação das redes sociais digitais e das culturas digitais, uma nova visão sobre o processo comunicacional do sujeito surdo. Uma comunicação que não mais se limita a um pequeno grupo local, do bairro, da escola, da cidade. Hoje, esses surdos conectados estão interagindo de forma cada vez mais ativa e crítica, não existindo mais barreiras para limitar esse indivíduo.

Desta forma, encontramos no uso do vídeo, ou melhor, do discurso audiovisual uma tática dos surdos que compõem a rede estudada para se comunicar, trocar informações, produzir, armazenar e socializar informações. Nestes movimentos audiovisuais astutos e inclusivos, os surdos aprendem, reivindicam seus direitos, se organizam politicamente e, sobretudo, aprendem entre surdos e ouvintes.

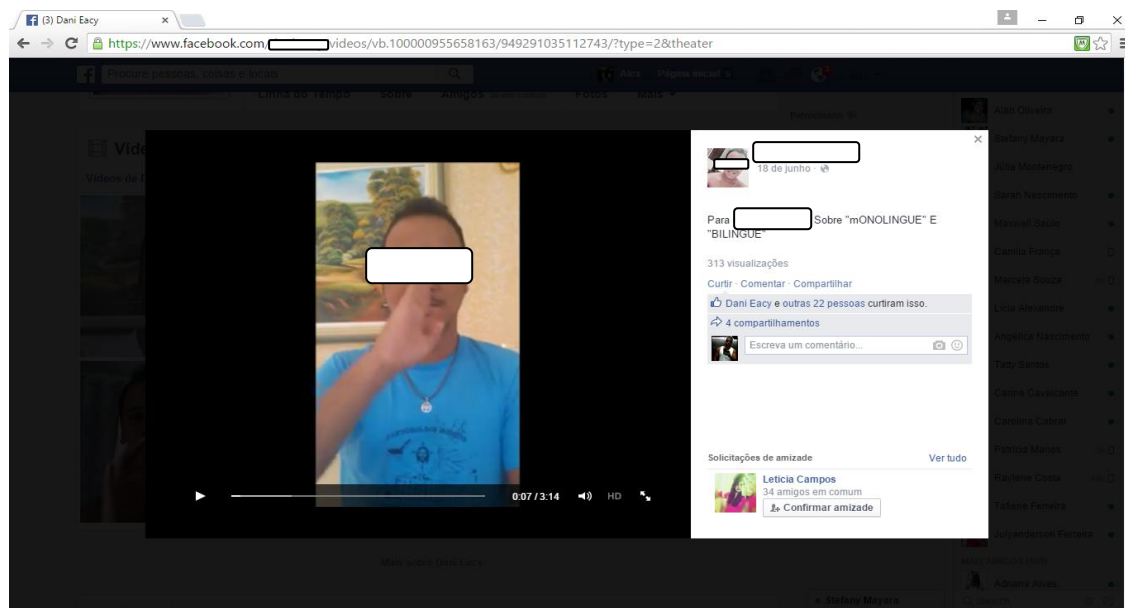
Assim, as informações que não são construídas e direcionadas para esse público não ficam mais perdidas somente na audição do ouvinte, hoje os surdos buscam e pesquisam. As tecnologias libertaram não só o corpo, mas também a mente desses sujeitos, que procuram a todo o momento romper com a falta de acessibilidade e comunicação de uma sociedade ouvinte e oralizada. Uma busca por informações e conhecimentos que não ficam somente presos àquele indivíduo que buscou, hoje ela é disseminada nas redes e atinge a todos que estão conectados a elas, como podemos observar na fala de outro aluno entrevistado.

Exemplo: Eu ter dúvida, eu busco, pesquiso, quando entender, eu gravo as informações que surdos talvez não conhecer, eu pesquiso e gravo em libras depois posto facebook, assim fazer a disseminação informações sobre que pesquisar, os outros surdos vão olhar e dar sua opinião, vai ver, vai fazer perguntas, e vai acontecendo essa troca, uma globalização dos surdos conectados, todo os surdos do mundo conectados, tendo uma relação de troca de informações e assim as pessoas se sentem melhores para aprender. Às vezes porque não tem tempo, nem contato com outros surdos. Com o facebook é melhor. O surdo pode olhar e ver o que está se passando e dar a resposta e assim fica melhor. Não existe barreiras de comunicação no facebook. (Relato entrevista S-2)

Podemos perceber essa situação apresentada por S- 2, em uma postagem feita por um aluno do curso letras-Libras da UFS, em que ele, para tirar uma dúvida de um colega,

construiu uma explicação em vídeo que foi postada e aberta a todos que tivessem acesso em sua página. Por mais que essa informação fosse direcionada a uma determinada pessoa, por ela ser postada numa página do *facebook*, ela se torna pública e acessível a diversos outros surdos e ouvintes, assim ele contribuiu não somente com o colega, mas para uma construção coletiva de conhecimento.

Figura 7 POSTAGEM ALUNO SURDO SOBRE MONOLÍNGUE E BILÍNGUE



Fonte: <https://www.facebook.com/dani.eacy/videos/vb.100000955658163/949291035112743/?type=2&theater>

O *facebook* atualmente pode ser entendido como um dos espaços mais democráticos e acessíveis, mesmo não sendo um ambiente pensado e projetado para uma minoria que necessita de dispositivos diferenciados para ter uma acessibilidade comunicacional, essa minoria conseguiu transformar esse espaço em um local propício de construção de relações sociais e utilizando-o como principal canal de divulgação e comunicação, um ambiente aberto às suas declarações linguísticas, que não cala e nem limita as suas expressões, um ambiente que possibilita ao surdo um campo ilimitado de possibilidade comunicacionais.

Com a participação no *facebook* pelos surdos, vem crescendo a luta que eles defendem por uma educação de qualidade e bilíngue, onde eles possam ter acesso tanto a língua de sinais quanto à língua portuguesa, essas lutas nos últimos anos, vêm ganhando destaque nacional em diversos meios de comunicação. Todavia cresce dentro das redes sociais digitais, em que o surdo tem o espaço de expressar a sua visão e as suas opiniões, esses mesmos movimentos que crescem, também instigam os surdos que estão desconectados, já que estes

se sentem à margem dos movimentos a favor do sujeito surdo, como podemos perceber no depoimento de S- 1 abaixo transcrito.

Antes, em 2011, começar conhecer redes sociais, eu não saber importância de rede social, eu só ver muitos textos e fotos, só ter grupos ouvintes, depois surgir uma notícia INES fechar e Nelson fez vídeo em libras explicando verdadeiramente acontecer, e publicou na rede social. Depois disso algumas pessoas começaram a me perguntando sobre o que estava acontecendo e eu não sabia explicar porque o vídeo estava no facebook e eu não tinha facebook. Para saber melhor o que estava acontecendo, eu tive que me inscrever e passei a observar as pessoas postando os vídeos e tendo uma troca de informação, Foi ali que vi a união dos surdos e que os surdos tinham uma participação nas redes sociais, antes era só texto, não me interessava e agora tem libras ficou bem melhor

Ficou muito fácil a comunicação no face e nas redes sócias, quando passou a poder gravar vídeo, começou a poder fazer essa troca de vídeos e isso facilita a comunicação. Ter também no facebook as pessoas que pegam os texto que são publicados e fazem a tradução em libras e publicam na redres sócias em vídeo e isso ajuda muito os surdos a entender o que estar acontecendo. (Relato entrevista S-1)

Esse movimento citado pelo aluno S-1, foi crescendo a cada compartilhamento e curtidas no *facebook*, a ponto de ser necessário criar uma página para poder ser abordado todas as discussões em torno deste problema que seria o fechamento da INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos, o maior e mais antigo centro de estudo e educação de surdos do Brasil. Atualmente, essa página tem 1.925 interagentes conectados, entre eles diversos surdos de diferentes localidades do Brasil e do mundo, um espaço aberto de trocas de informação e conhecimento, mediado pela língua de sinais.

Figura 8 PÁGINA DO INES NO FACEBOOK



Fonte: <https://www.facebook.com/Em-defesa-do-Instituto-Nacional-de-Educacao-de-Surdos-INES-155097681218614/>

Quando percebido pelos surdos que o facebook é um espaço democrático e livre, aberto às expressões pessoais e que neste espaço as suas limitações desaparecem devido aos dispositivos que são dispostos. Desta forma, eles fazem desse espaço um canal de divulgação de suas lutas, criando táticas de comunicação, o sujeito surdo procura romper com as limitações que impediriam o entendimento do seu pensamento e começa a traçar novas possibilidades de comunicação nesse ambiente.

Atualmente, a principal luta da comunidade surda brasileira é a acessibilidade em libras da prova do ENEM, esse movimento ganhou espaço em todo o território nacional, como também ganhou espaço nas redes sociais digitais e principalmente no *facebook*, que passou a ser utilizado como principal instrumento desse movimento da comunidade surda que acabou atingindo a todos os interagentes conectados às redes e perfis desses surdos. É interessante percebermos que as táticas do surdo na rede *facebook* estão também ligadas à transformação dessa rede em espaço de rede política de reivindicações e agrupamento em torno de um ideal, uma luta por direitos, por conquistas sociais coletivas. Apesar desta não ser a natureza da rede, os surdos a subvertem e a transformam em rede de lutas e comunicação com os ouvintes e surdos, como podemos perceber no depoimento de S- 1:

Outra coisa que eu sinto, o facebook me ajudar debater, ver meus direitos as leis, trocar opiniões, lutar pela comunidade surda, estimular a luta pelos direitos dos surdos, As redes sociais ajudam na minha vida porque me trazem várias informações novas, como aprender diferentes informações, contudo, me foco mais nas publicações que tem a libras, ajuda a entender melhor.

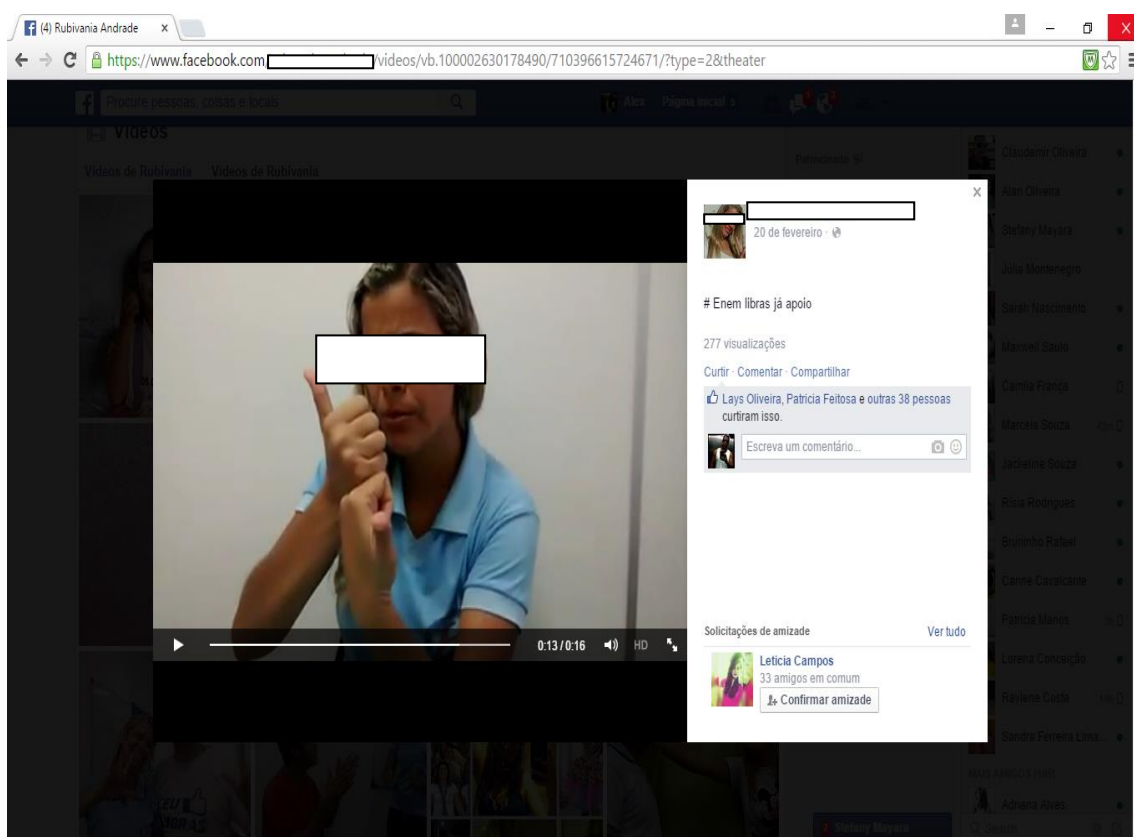
O importante facebook, é que ter pessoas que se informam e discutem sobre tema de libras, acessibilidade, escolas, as leis e qualquer outro problema, e isso ajuda na inclusão e no desenvolvimento do surdo, por que não existe barreiras de comunicação no facebook, o surdo é livre para expressar seu sentimento, suas ideias e opiniões. (Relato entrevista S-1)

Todos esses movimentos são representados em diversas postagens feitas por surdos que estão incluídos nesses debates, esses surdos que buscam uma melhor qualidade de vida, que procuram ajudar a outros surdos a não passarem pelos mesmos processos de exclusão que eles. Esses surdos através das redes sociais digitais, em especial o *facebook*, procura sempre expressar suas lutas, sua busca por uma sociedade mais inclusiva, com mais acessibilidade.

Em diversas postagens (“post”) podemos encontrar essas representações de movimento que buscam melhorar significativamente a vida do surdo.

Uma história que foi repleta de exclusão, segregação; uma história que sempre classificou o sujeito surdo como incapaz, limitado, como um ser sem capacidades cognitivas. Hoje, podemos percebê-la como uma comunidade linguística minoritária, mas que vem travando diversos duelos contra a imposição de uma maioria linguística que busca, de diversas formas, impor sua cultura, sua língua e sua identidade sobre esses indivíduos que vivem totalmente fora de uma cultura oralizada e, mesmo assim, em diversos momentos, se vêem obrigados a compartilhar situações que não os favorecem linguisticamente e acabam sendo vistos como os mesmos incapazes de sempre. Por isso é tão importante alguns movimentos surdos, para romper com essa visão segregativa e excludente da sociedade.

Figura 9 VÍDEO POSTADO PELA ALUNA DO CURSO LETRAS-LIBRAS DA UFS EM APOIO AO MOVIMENTO DO ENEM EM LIBRAS



Fonte: <https://www.facebook.com/rubvania.andrade/videos/vb.100002630178490/710396615724671/?type>

Figura 10 VÍDEO POSTADO PELA ALUNA DO CURSO DE DESIGN DE INTERIORES DA UFS TAMBÉM EM APOIO AO MOVIMENTO DO ENEM EM LIBRAS



Fonte:

<https://www.facebook.com/paloma.assis.3/videos/vb.100002627800775/752353978195522/?type=2&theater>

Porém, mesmo com todo o espaço e as possibilidades comunicacionais criadas pelas culturas digitais e as redes sociais, os surdos ainda sim acabam em desvantagem sob diversas formas e é exatamente no espaço em que eles têm a liberdade de se expressarem que vão parar as suas angústias e mágoas, principalmente quando seus direitos já adquiridos são negados, ou quando as suas necessidades comunicacionais não são supridas. É no *facebook* em que eles encontram um espaço acessível para expor suas dificuldades e opiniões, como foi feito por uma das alunas participante da pesquisa em sua página no *facebook*.

Ela expressa toda sua revolta contra a falta de acessibilidade nos vídeos que divulgam o ENEM, ela questiona se esqueceram dos surdos, se esqueceram que eles não ouvem, que para entender o que é dito em um vídeo onde não se comunica em libras, deve no mínimo ter uma legenda em português, ou o ENEM é só para ouvintes? Antes das redes sociais digitais, não existia esse espaço de questionamento, de busca, os surdos simplesmente eram esquecidos e sem voz.

Hoje, ninguém pode conter as possibilidades comunicacionais desses indivíduos surdos, pois os mesmos já desenvolveram diversas táticas para superar as opressões da cultura ouvinte-oralizada e as culturas digitais em parceria com as redes sociais digitais conectadas à internet, possibilitou ao surdo uma potencialização não somente da comunicação, mas um avanço inícalculável no processo de inclusão da pessoa com surdez.

Figura 11 POSTAGEM DE UMA ALUNA SOBRE A FALTA DE ACESSIBILIDADE NO ENEM



Fonte: <https://www.facebook.com/paloma.assis.3?fref=ts>

Diante das análises apresentadas neste capítulo, ficam explícitas as vantagens comunicacionais que são possibilitadas ao sujeito surdo a partir da utilização das culturas digitais e das redes sociais digitais. Uma nova cultura que passa a ser vivenciada por esses sujeitos, que vem romper com a visão histórica lançada sobre eles, rompendo com uma visão assistencialista, de incapazes, possibilitando a eles, vivenciarem de forma mais produtiva e ativa em suas vidas e escolhas.

A rede social *facebook* oferece ao surdo dispositivos que possibilitam, não somente a comunicação, mas dão a eles a oportunidade de serem produtores e divulgadores dos seus conhecimentos, das suas informações e das suas opiniões. Favorecendo desta maneira uma relação social mais ativa e acessível, tanto para o surdo que utiliza os dispositivos desse espaço digital, quanto dos que se relacionam com eles, derrubando barreiras que durante séculos foram levantadas e até pouco tempo se mantiveram muito bem estruturadas com base

na ignorância e na insensibilidade de pessoas que não viam e, até o momento, não conseguem ver o surdo como sujeito ativo, pensante e produtor de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, nos debruçamos a pesquisar como os surdos têm se apropriado das culturas digitais e criado táticas para superar suas limitações na construção de seus conhecimentos. Tendo como suporte para a coleta de dados, a observação e entrevista, que foi desenvolvida a partir da língua de sinais e fazendo uso do estudo etnográfico com base teórica em Michel de Certeau. Buscamos compreender as relações sociais constituídas bem como os conhecimentos desenvolvidos pelos alunos surdos a partir da apropriação das culturas digitais utilizando o *facebook* como principal canal de divulgação e consumo desses conhecimentos.

A partir do objetivo geral o estudo mostrou que os surdos matriculados na UFS estão se apropriando das culturas digitais por uma necessidade de manter uma comunicação ativa e participativa, tanto com seus pares surdos quanto com ouvintes que são usuários ou não da Libras. Podemos perceber que essas aquisições acontecem de forma natural, a partir do contato desses surdos com outros interagentes, que acabam estimulando o consumo e a utilização desses dispositivos para facilitar a comunicação e o acesso ao conhecimento.

Neste sentido, esses e outros surdos estão utilizando o *facebook* como rede de comunicação audiovisual política e de inclusão social. Suas astúcias e táticas não se limitam à comunidade surda, mas, sim, como canal de unir surdos e ouvintes em busca de reivindicações de direitos constituídos ou não e, sobretudo, de serem ouvidos nas sociedades em que estão inseridos. Para tanto, utilizam o discurso audiovisual e a sua associação com a linguagem verbal escrita. Tática essa que inclui todos no processo, surdos, ouvintes, conhecedores ou não da língua de sinais. Outra tática inclusiva presente é o uso da legenda no discurso audiovisual em língua verbal ou em LIBRAS.

A comunicação híbrida se constitui no ambiente digital na rede pesquisada como tática inclusiva e forma de integrar o maior número de sujeitos em condições diferentes de apropriação tecnológica e comunicativa. As imagens fotográficas, icônicas e desenhadas, as animações em conexão com os textos se constituem na rede pesquisada como táticas dos surdos para romperem seus limites de comunicação com os indivíduos em geral e serem percebidos como cidadãos e indivíduos autônomos.

Pode ser percebido durante a pesquisa, que essa utilização das culturas digitais como instrumento de superação das limitações comunicativas dos sujeitos surdos, passaram a ser

indispensáveis não só nas relações pessoais, familiares e educacionais, mas também, nas suas relações com o mundo. Essa nova cultura digital que está sendo desenvolvida pela comunidade surda, os colocam em sintonia com todos os acontecimentos sociais relevantes não somente sobre a comunidade surda, mas sobre toda as relações sociais locais e no mundo.

A relevância da pesquisa ficou destacada a partir da percepção de que as culturas digitais e a rede social *fecebook* ajudam na sociabilidade desses surdos, oferecendo aos mesmos um ambiente propício a uma troca comunicativa entre os sujeitos surdos e a sociedade. Como foi demonstrado após as entrevistas, a pesquisa pode apresentar que os surdos atualmente não vivem mais em uma condição segregada e excludente por conta da sua limitação na comunicação, podemos perceber com as observações, que esses indivíduos que antes viviam isolados e esquecidos, hoje atuam como cidadãos politicamente ativos.

Durante a captação de dados foi percebida diversas ações importantes tanto de natureza política, quanto educacional, que vem sendo desenvolvidas pela comunidade surda dentro do ambiente digital da rede social *fecebook* a partir da utilização dos recursos de comunicação disponíveis nesse ambiente, entre eles a utilização do vídeo e do texto.

A partir dos objetivos deste estudo, podemos ter uma compreensão mais detalhada da importância das culturas digitais e da rede social *fecebook* no favorecimento da comunicação e na construção de conhecimento pelo aluno surdo. Esses dados estão comprovados com base nas entrevistas como também nas ações efetivamente desenvolvidas pelos surdos no ambiente do *facebook*. Essas ações que são apresentadas como táticas, baseando-se na visão de Michel De Certeau, traçam as astúcias criadas pelos sujeitos surdos na utilização desses recursos comunicativos para expressar seus conhecimentos e na construção de novos.

Durante o desenvolvimento da pesquisa foi identificado que os alunos surdos estão em um processo avançado de sociabilidade e construção de conhecimento, a partir dos dispositivos que estão disponibilizados em rede e principalmente no *facebook*, os alunos surdos estão buscando cada vez mais uma comunicação. Essa comunicação que acaba favorecendo a inclusão desse indivíduo, também abre portas para a construção de novos conhecimentos, já que, nessas redes sociais, os alunos não estão limitados em um espaço físico, eles são livres para pesquisar e construir seus conhecimentos a partir da interação com outros interagentes.

Devido às diferentes formas de expressões disponível em rede, os alunos sudros não mais estão se limitando as informações contidas em livros e apostilas propostas pelos professores, estão buscando dicussões e trocas em diferentes ambientes digitais, lançando mão, não só do

consumo de informações mas também, da produção de conhecimento a partir dos seus estudos, pesquisas e debates. A pesquisa apresenta que nos dias atuais a sociabilidade desses alunos surdos está a cada dia mais evoluída e livre, não mais presa a velhos preconceitos que recaiam sobre a pessoa com surdez.

O que também foi destacado na pesquisa é que os sujeitos surdos, para superar todas essas desvantagens sofridas socialmente, procuraram criar meios que superem suas limitações. Essas buscas e fugas se classificam dentro das táticas descritas por De Certeau, que são mecanismos de superação às limitações criadas por uma sociedade ouvinte e acabam deixando o surdo sempre em desvantagem. Porém, com muitas astúcias, os alunos surdos buscam a partir dos dispositivos disponíveis nesses ambientes digitais, formas de superar suas limitações na comunicação, traçando assim uma nova visão sobre suas capacidades cognitivas e de comunicação.

Neste sentido, tomando para si os dispositivos de vídeos e textos, os alunos surdos que hoje vivem dentro de uma cultura digital, estão superando a cada dia, suas dificuldades e buscando uma evolução comunicativa e de construção de conhecimento. Essas experiências que acabam possibilitando ao aluno surdo buscar e construir novos conhecimentos em espaços não escolares e de forma totalmente hierárquica, sendo eles também produtores, consumidores e divulgadores dos conhecimentos construídos em rede.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. **Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas**. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de e ALVES, Nilda (Org.). Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, pp.13–37.
- ANGROSINO, Michel. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed. 2009.
- ARDOINO, J. (1998d). **A formação do educador e a perspectiva multirreferencial**. Minicurso ministrado na Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, de 15 a 16 de outubro. Mimeo.
- _____, (1995a). **Multiréférentielle (analyse)**. In: ARDOINO, J. Le directeur et l'intelligence de l'organization: repères et notes de lecture. Ivry: ANDESI, p. 7-9.
- Ardoino
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. AO SOCIOINTERACIONISMO; Florianópolis – SC; 2004.
- BERLO, D. K. (1960) - *O Processo da Comunicação*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1985.
- BIANCHETTI, Lucídio; FREIRE, Ida Mara. **Aspectos históricos da apreensão e da educação dos considerados deficientes**. In Um olhar sobre a diferença: interação, trabalho e cidadania. 5.ed. Papirus Editora, 2002.
- BIBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução: Centro Bíblico Católico. 34. ed rev. São Paulo: Ave Maria, 1982.
- BRASIL. **Decreto nº 5. 296** de 02 de dezembro de 2004
- BRASIL. **Decreto nº 5. 626** de 22 de dezembro de 2005.
- BRASIL. **Lei nº 10.436** de 24 de abril de 2002.
- BRITO, L. **Classificadores em LSCB**. Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL, Recife, pp 640-654, 1989.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias Para Entrar e Sair da Modernidade**. Tradução Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4ª edição. São Paulo: Edusp, 2003.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar**. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

_____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

_____. **A cultura do plural**. Campinas: Papirus, 1995. (Coleção Travessia do Século).

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais**, 1994, Salamanca-Espanha.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 3ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1984.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus editora, 2001.

GOMES, Morgana. **Pedagogia no século XVI: Pedro Ponce de Leon**. Educativa: a Revista do Professor. n.3. Edição Especial. São Paulo: Minuano Cultural, 2008.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 52 edição. Piracicaba-SP. Editora Unimep. 2006.

KENSKI, Vani M. **Educação E Tecnologias - O Novo Ritmo Da Informação**. São Paulo: Papirus, 2003.

KENSKI, Vani M. **Tecnologias E Ensino Presencial E A Distância**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

LABORITT, Emmanuelle. **O vôo da gaivota**. São Paulo. Best Seller, 1994.

LEMOES, Andre. **Cirbercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. – Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY (1999) – LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que o virtual?** Tradução de Paulo Neves, - São Paulo: Ed. 3, 1996.

- LODI, A. C. B. **Educação Bilíngue para Surdos** In: LACERDA, C. B. F. de; NAKAMURA, H. & LIMA, M. C. (org.) *Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngüe*. São Paulo: Plexus, 2000.
- LORENZINI, N.M.P.. **Aquisição de um conceito científico por alunos surdos de classes regulares do Ensino Fundamental**. 2004. Dissertação (mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- MACHADO, P. C. **A política educacional de integração/inclusão: um olhar do egresso surdo**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A Integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon. Editora SENAC, 1997.
- MENEZES, E. Diatay Bezerra. **Fundamentos sociológicos da comunicação**. In: Adísia Sá (Coord.). Fundamentos científicos da comunicação. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 146-205.
- QUADROS, R. M; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ROCHA, Ruth. **Minidicionário**. 10. ed. Rio de Janeiro: Scipione, 1997. 747 p.
- ROCHA, Solange. **Memória e História: A Indagação de Esmeralda**. Petropolis. Rj. Arara Azul, 2010.
- SANTAELLA, Lucia. **Culturas e arte do pós-humano; da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulos. 2003.
- SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. Paulus: São Paulo, 2004.
- SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. – São Paulo: Pioneira, 2002.
- SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1998. 221 p.
- SKLIAR, Carlos (org). **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- SKLIAR, Carlos. **Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade**. In: _____. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2010, p. 7-32.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. Porto. Bocc. 2006.

SOUZA, Regina Maria; GÓES, Maria Cecília Rafael. **O ensino para surdos na escola inclusiva: considerações sobre o excludente contexto da inclusão** In: SKLIAR, Carlos (org). Atualidade em educação bilíngue para surdos. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. **Gênese da educação dos surdos em Aracaju**. São Cristóvão: Editora da UFS. 2010.

STROBEL, Karin Lílian. **História dos Surdos: Representações ‘Mascaradas’ das Identidades Surdas**. Estudos Surdos II / Ronice Müller de Quadros. 2006

STUMPF, Marianne Rossi. **Sistema signwriting: por uma escrita funcional para o surdo**. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (orgs.). A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. . Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005. p. 143-159.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VELOSO, Éden; MAIA FILHO, Valdeci. **Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez. vol.1**. Curitiba, PR: Mãos Sinais, 2009.

YIN, Robert K. **Estudo de caso – planejamento e métodos**. (2Ed.). Porto Alegre: Bookman. 2001.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Termo de autorização



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu _____, CPF _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Prof. Esp. Alex Reis dos Santos do projeto de pesquisa intitulado **COMUNICAÇÃO E FACEBOOK: A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA MÃO DO ALUNO SURDO** a realizar as filmagens e fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas filmagens e fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor do pesquisador da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Aracaju, ____ de _____ de 2015

Prof. Esp. Alex Reis dos Santos
Pesquisador responsável

Sujeito da Pesquisa

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Caracterização do parceiro de pesquisa

- Idade:
- Surdez congênita ou adquirida?
- Curso:
- Qual curso estuda atualmente ? por que escolheu esse curso?

2. Relações entre comunicação e Família

- Como se realizou a sua comunicação com os seus familiares?
- Quais as dificuldades encontradas em seu processo de comunicação no meio familiar?
- O que foi feito para superar as dificuldades na comunicação com a família?

3. Relações entre comunicação e educação básica

- Como se desenvolveu a sua comunicação no ambiente escolar?
- Quais os recursos que utilizou para superar as dificuldades de comunicação com o professor e os colegas?
- Você utilizava alguma rede social digital antes de ingressar no ensino superior?

4. Relações entre comunicação e ensino superior (facebook)

- Quais as tecnologias que você utilizou/utiliza para sua comunicação/sociabilidade?
- Quais benefícios que as tecnologias de comunicação trouxeram/trazem no seu dia a dia?
- Como as redes sociais ajudam/ajudaram na sua comunicação com as pessoas?
- De qual forma as tecnologias e redes sociais ajudam na sua vida acadêmica?

- Na sua compreensão, a rede social facebook ... contribuiu/contribui para a sua socialização no seu cotidiano? Explique, por favor.
- Na sua compreensão, na rede social facebook ... você produz conhecimentos? Que tipos? Quais?
- Na sua compreensão a rede social facebook ... contribui/contribuiu para a sua inclusão social e profissional? Explique, por favor.

Anexos

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ACADÊMICO SURDO, COMUNICAÇÃO E FACEBOOK: A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA MÃO DO ALUNO SURDO

Pesquisador: ALEX REIS DOS SANTOS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 52722916.9.0000.5546

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.452.742

Apresentação do Projeto:

O presente estudo tem como objetivo principal "perceber como os surdos matriculados na Universidade Federal de Sergipe – UFS, que fazem parte da rede social digital facebook, têm se apropriado das culturas digitais e criado táticas e estratégias para superar suas limitações em processos comunicacionais e na construção de seus conhecimentos por meio de uma rede social digital entre pessoas surdas e ouvintes. Com a perspectiva de alcançar os objetivos propostos nessa pesquisa desenvolvemos uma concepção multirreferencial, tendo como metodologia de pesquisa a etnografia e nos inspirando em Michel de Certeau e suas análises a respeito do cotidiano. De Certeau nos indica caminhos ao afirmar que é importante se interessar, no estudo das práticas cotidianas, não pelos produtos culturais disponíveis em nossa sociedade e sim pelas "maneiras de fazer" dos praticantes. Neste sentido, esta pesquisa, justifica-se fato de que buscamos compreender as possibilidades que são ofertadas ou criadas na rede digital facebook que permitem a esses praticantes em condições singulares de comunicação se relacionarem com outros surdos e com ouvintes usuários ou não da LIBRAS".

Os sujeitos serão 34 alunos surdos matriculados num dos cursos de graduação da UFS.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar como os surdos matriculados na Universidade Federal de Sergipe, que fazem parte da

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

CEP: 49.060-110

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)2105-1805

E-mail: cephu@ufs.br

Continuação do Parecer: 1.452.742

rede social digital facebook, têm se apropriado das culturas digitais e criado táticas e estratégias para superar suas limitações na construção de seus conhecimentos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Quanto aos benefícios do estudo, o pesquisador responsável pelo estudo explica que a "pesquisa possibilitará uma nova visão sobre o sujeito surdo e suas capacidades cognitivas, apresentando de forma clara novas possibilidades de compreender a construção de conhecimento a partir de espaços não escolares e tendo como base a aquisição e utilização das culturas digitais que contribuem significativamente na formação pessoal, social, emocional, cultural e intelectual do indivíduo surdo."

Os riscos são mínimos e de ordem emocional: constrangimento para responder as entrevistas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de pesquisa possui tema socialmente relevante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos de apresentação obrigatória estão em conformidade com as exigências do CEP/UFS.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto de pesquisa sem pendências ou entraves éticos, portanto, está aprovado para execução.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_648406.pdf	05/01/2016 20:55:55		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_consentimento.pdf	05/01/2016 20:52:38	ALEX REIS DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa.pdf	05/01/2016 20:51:11	ALEX REIS DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	05/01/2016 20:46:46	ALEX REIS DOS SANTOS	Aceito

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

CEP: 49.080-110

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)2105-1805

E-mail: cephu@ufs.br

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE
ARACAJÚ/ UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE/ HU-



Continuação do Parecer: 1.452.742

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ARACAJU, 16 de Março de 2016

Assinado por:

Anita Herminia Oliveira Souza
(Coordenador)

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

UF: SE

Telefone: (79)2105-1805

Município: ARACAJU

CEP: 49.080-110

E-mail: cephu@ufs.br